

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ – UNIVÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM**

**CLEYTON ANTÔNIO DA COSTA**

**DISCURSOS SOBRE/DO SUJEITO IDOSO GAY NO ESPAÇO  
DIGITAL: FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO**

**Pouso Alegre, MG, 2020**

**CLEYTON ANTÔNIO DA COSTA**

**DISCURSOS SOBRE/DO SUJEITO IDOSO GAY NO ESPAÇO  
DIGITAL: FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Vale do Sapucaí – UNIVÁS, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências da Linguagem.

**Área de Concentração:** Linguagem e Sociedade

**Linha de Pesquisa:** Linguagem, Conhecimento e suas Tecnologias

**Orientação:** Profa. Dra. Luciana Nogueira

**Pouso Alegre, MG, 2020**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

COSTA, Cleyton Antônio.

Discursos sobre/do sujeito idoso gay no espaço digital: Formulação e circulação / Cleyton Antônio da Costa. – Pouso Alegre: UNIVÁS, 2020.

167 p.: il.

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem – Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre (MG).

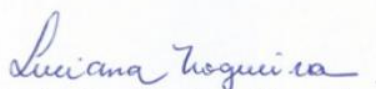
Orientadora: Profa. Dra. Luciana Nogueira

Análise de Discurso. 2. Sujeito. 3. Idoso gay. 4. Espaço digital. I. Universidade do Vale do Sapucaí. II. Título.

CDD - 401.41

### CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a tese intitulada “DISCURSOS SOBRE/DO SUJEITO IDOSO GAY NO ESPAÇO DIGITAL: FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO” foi defendida, em 21 de outubro de 2020, por **CLEYTON ANTÔNIO DA COSTA**, aluno regularmente matriculado no Doutorado em Ciências da Linguagem, sob o Registro Acadêmico nº 11001207, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:



Profa. Dra. Luciana Nogueira  
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS  
Orientadora



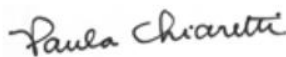
Prof. Dr. Guilherme Adorno de Oliveira  
Doutor pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP  
Examinador



Profa. Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai  
Universidade Federal de Alfenas – UNIFAL-MG  
Examinadora



Prof. Dr. Atilio Catosso Salles  
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS  
Examinador



Profa. Dra. Paula Chiaretti  
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS  
Examinadora

*Dedico este trabalho à minha querida e amada mãe, Maria Helena Pereira Costa, que sempre viverá em meu coração.*

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é um verbo. Um verbo que se articula com o outro. Por mais que o ato de escrever uma tese se faça na solitude, diversas pessoas presentificam-se neste processo nas mais diferentes formas.

Início agradecendo, muitíssimo, meu companheiro, meu amor, Leandro Vitti, que sempre esteve do meu lado. Sua presença, seu incentivo, seu apoio e seu carinho foram e são muito mais que relevantes, são essenciais para que o continuar e o finalizar deste processo se materializa, não só para a escrita da tese, mas para a vida. Gratidão por tudo. “*Por onde for, quero seu par*”.

Temos uma “coautora” que, em vários episódios, dormiu debaixo da escrivinha entre meus pés. Quando o cansaço e frustração pairavam, era por meio das suas patinhas e seu olhar de “pidoncha” solicitando carinho e atenção, e aquilo que era empecilho se dissolvia. Dinorá Maria, uma luz de alegria em nossa vida.

Ao meu pai, Sebastião, com toda sua simplicidade sempre me apoiou e com seu jeito tímido manifestava seu carinho. À Jussara que sempre foi acolhedora e atenciosa.

Aos meus irmãos, Luciano e Carlos (*in memoriam*) meus agradecimentos por tudo.

Aos amigos e amigas, Rodrigo Godoi, Dayse, Patrícia Carvalho, Joãozinho, Bárbara Simões, Tadeu, Carolina Ramos, Ana Luiza, Beth Espíndola, por toda a torcida e apoio nesta empreitada.

Aos meus ex-alunos e alunas, que hoje, são colegas de profissão, gratidão por todo o carinho e torcida.

Aos colegas do PPGCL, Amanda, Michele, Vanessa, Tamyres, por toda parceria nestes anos de estudo.

Ao Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais (SINPRO Minas) pela bolsa de estudo, que oportunizou a realização desta formação.

As ex-professoras do PPGCL, que me apoiaram no ingresso e realização de minha formação.

À professora Juciele Dias, que durante um semestre me orientou e pelas correções realizadas no texto.

Aos professores Atilio Salles e Guilherme Adorno, que colaboraram muitíssimo com apontamentos durante a banca de qualificação deste trabalho e, também, compõem a banca de

defesa. Juntamente com as professoras Marta Rovai, Paula Chiaretti, Luiza Castello Branco e Juciele Dias pela leitura e contribuições edificantes.

Por último, mas não menos importante, agradeço de todo o coração, a minha querida orientadora, professora Luciana Nogueira, por toda dedicação, carinho e paciência neste período que me conduziu na escrita e pesquisa desta tese e, também, sempre me motivando a crescer e valorizando meu potencial. Meu muito obrigado por tudo.

*“Na medida em que deixam em cada homem a sombra da opressão que o esmaga. Expulsar esta sombra pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente liberadora e por isto respeitadora do homem como pessoa”*

*(Paulo Freire, 1967).*



## RESUMO

No presente estudo, analisamos os discursos sobre e do sujeito idoso gay, que tematizam a “velhice gay”, no espaço digital. As análises apresentadas nesta pesquisa, a partir da Análise de Discurso, tratam da produção de significações que atualizam a memória, presentificando questões que permitem problematizar como é significado o sujeito gay idoso, pelo digital, em diferentes áreas do conhecimento e serviços. Desta maneira, tomamos como objeto de análise recortes de notícias de sites, blogs, jornais on-line, um vídeo de um canal na plataforma do Youtube e um perfil da rede social digital Instagram, analisando-os na busca de compreender o funcionamento da linguagem nesses espaços digitais que sustentam dizeres sobre e do sujeito idoso gay, a partir de diferentes processos de produção de sentidos. Imbuídos, então, em problematizar os estereótipos que se oriunda dos discursos sobre este grupo social, procuramos observar as formulações do sujeito idoso gay e o modo como aí se produz uma disputa de sentidos. Nesta dinâmica, a tensão se faz presente, pois notamos a presença destes sujeitos que, utilizando a internet como uma ferramenta de resistência e existência, produzem dizeres que proporcionam para a análise a contemplação do sujeito despido dos estereótipos, das caricaturas, que foram construídos historicamente e que ainda circulam. Junto a isso, também pudemos refletir sobre a produção de significações que ampliam a noção de velhice, não apenas sustentada numa perspectiva depreciativa do sujeito idoso. Nesta pesquisa, apontamos para a compreensão de que o espaço digital, com seus dispositivos, oportuniza aos sujeitos idosos gays que não permaneçam inertes aos discursos *sobre* e assumam um certo “lugar de fala”. Destacamos a produção de discursos *de* que vão arquitetar um embate em relação ao que foi imposto pelos *discursos sobre*, marcando uma tensa relação entre os *discursos sobre* e os *discursos de*, tendo como efeitos deslocamentos de sentidos que constituíram nosso objeto de análise.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso; sujeito; idoso gay; espaço digital.

## ABSTRACT

In the present study, we analyzed the speeches about and of the elderly gay subject, which theme “gay old age”, in the digital space. The analyzes presented in this research, based on Discourse Analysis, deal with the production of meanings that update the memory, presenting issues that allow problematizing how the elderly gay subject is signified, by digital, in different areas of knowledge and services. In this way, we take as object of analysis news clippings from websites, blogs, online newspapers, a video from a channel on the YouTube platform and a profile of the digital social network Instagram, analyzing them in the search to understand the functioning of language in these digital spaces that support sayings about and about the elderly gay subject, from different processes of production of meanings. Imbued, then, in problematizing the stereotypes that arise from the discourses about this social group, we seek to observe the formulations of the elderly gay subject and the way in which a dispute of meanings takes place. In this dynamic, tension is present, as we note the presence of these subjects who, using the internet as a tool of resistance and existence, produce sayings that provide for the analysis the contemplation of the elderly gay subject stripped of stereotypes, caricatures, which were historically built and still circulating. Along with this, we were also able to reflect on the production of meanings that broaden the notion of old age, not only sustained in a derogatory perspective of the elderly subject. In this research, we point to the understanding that the digital space, with its devices, provides elderly gay subjects with opportunities that do not remain inert to the speeches about and assume a certain “place of speech”. We highlight the production of speeches that will create a clash in relation to what was imposed by the speeches about, marking a tense relationship between the speeches about and the speeches of, having as effects the displacement of meanings that constituted our object of analysis.

**Keywords:** Discourse Analysis; subject; gay elderly; digital space.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 – “ELES TAMBÉM ENVELHECEM”: OS IDOSOS GAYS SIGNIFICADOS NO ESPAÇO DIGITAL.....	36
1.1. Discursos sobre o relacionamento amoroso na velhice gay.....	37
1.2. “Envelheci e agora?”: Dizeres acerca da velhice gay.....	47
1.3. Dizeres presentes na Parada Gay que circulam no espaço digital.....	53
1.4. Qual a imagem do idoso gay?.....	62
1.5. O presente e o passado se encontram: Corpos em discurso.....	69
CAPÍTULO 2 – IDOSOS GAYS: QUEM SÃO VOCÊS? SENTIDOS QUE CIRCULAM NO YOUTUBE.....	77
2.1 O Canal Põe na Roda: Produção audiovisual de dizeres sobre a homossexualidade.....	78
2.2 O sujeito idoso gay: tema de um vídeo do Canal.....	83
2.3 Dizeres em movimento: um percurso discursivo.....	85
2.4 Emojis ocupando diferentes espaços.....	90
2.5 “Quem são vocês?”: A constituição do sujeito idoso gay.....	95
2.6 Corpos discursivizados presentes no vídeo.....	98
2.7 A constituição do sujeito: “E eu sou gay”.....	101
2.8 As narrativas dos gays idosos.....	106
2.9 Discursos <i>de</i> : o se significar como sujeito idoso gay.....	112
CAPÍTULO 3– O SUJEITO IDOSO GAY NO INSTAGRAM: DIZERES EM CIRCULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS ON-LINE.....	117
3.1 Sujeito e Sentido: o idoso gay no Instagram.....	120
3.2 “Tô passado”: O Pajubá significando no Instagram.....	123
3.3 Dizeres que constituem o perfil no Instagram.....	126
3.4 Um arquivo dentro de outro arquivo: O Linktree.....	132
3.5 Postar no Instagram: Inscrição do sujeito idoso gay.....	136
3.6 Entre imagens e dizeres: o Instagram mobiliza novos/diferentes sentidos.....	144
3.7 Corpos expostos, discursos em movimento.....	149
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	155
REFERÊNCIAS.....	161

## INTRODUÇÃO

*Até muito recentemente, tratar da velhice nas sociedades industrializadas era traçar um quadro dramático da perda do status social dos indivíduos – a industrialização teria destruído a segurança econômica e as relações estreitas que vigoravam nas sociedades tradicionais entre as gerações na família. Dessa perspectiva, a situação atual, em que os idosos se transformam em um peso para a família, opunha-se a uma Idade de Ouro em que eles, dada sua sabedoria e experiência, eram membros respeitados na família e na comunidade. O empobrecimento e os preconceitos que marcariam a velhice nas sociedades modernas, que abandonam os velhos a uma existência sem significado (DEBERT, 1999, p. 16-17).*

Em dezembro de 2006, após quatro anos recluso no Seminário Arquidiocesano de Pouso Alegre, pude viver a vida sem as restrições e coerções impostas pelo espaço formativo religioso. Um mundo a ser descoberto estava à disposição. Medo e euforia oscilavam. O que viria a ser, experimentar, viver? Uma das primeiras decisões foi ir à “balada gay”, em Pouso Alegre, cidade imersa pelo conservadorismo e religiosidade. Ir na Disco Hyppe, danceteria para o público gay, se constituía um ato de rebeldia e subversão.

A “Hyppe”, como é chamada pelos frequentadores, fica próximo ao local que outrora era o Hospital São Camilo, hoje “atacarejo” Mart Minas. Local que é permeado por dizeres como: “lá ficava os loucos”, “lá era muito mal visto”. Os rejeitados da sociedade eram cuidados e o hospital não existe mais. Hoje, aquelas proximidades são significadas como o lugar dos “não aceitos da sociedade” para se divertirem, se sociabilizarem, dançarem, beberem, entre outras práticas.

Bom, fui com amigos e conhecidos. Ao entrar no espaço banhado pela penumbra, em que as luzes coloridas cortavam em uma dinâmica, os primeiros momentos me incomodaram. Junto com a música alta, em espaço estranho e sem sentido, formulava. A primeira questão que me acometeu: “Como as pessoas conversam aqui? Impossível!”.

Aos poucos o incômodo foi dando espaço para a ambientação, assim, deixando-me ser conduzido pela música eletrônica, ainda alta, que antes só ouvira pelo rádio.

Em uma área externa da danceteria, onde se podia conversar, fumar, rir, eu e meus quatro amigos nos reunimos, como um comitê, para apurar o contexto e possíveis situações (avaliar o ambiente e suas dinâmicas).

Reunidos, ávidos pela movimentação, portando co(r)pos de bebidas, olhares para todas as direções se encontram com outros olhares. Risadas, piadas, avaliações das indumentárias

alheias, entre outros assuntos banhados pelo momento de distração e alegria do poder estar naquele lugar.

Em um dado momento, um dos também frequentadores, que aparentava ter uns 50 anos, passa, troca olhares com um dos colegas do comitê e esse ficou corado, envergonhado. Outro membro do grupo percebe a interação e em seguida dispara: “Credo, uma bia!”. O estranhamento me acometeu novamente, somente com outra dimensão e um estado de incompreensão. Automaticamente questionei: “O que é bia?”. E o amigo que desdenhara cruza os braços, inscrevendo um movimento de deboche e balançando a cabeça, respondeu: “Bicha de idade avançada”. Todos riram.

Novamente o estranhamento me tomou e retruquei: “Qual o problema?”. E de modo gélido, apático, ele sentenciou: “Eu não ‘fico’ com bia, só gosto de novinho”.

Aquela cena marcou nossa relação com esse amigo que, a partir daquele dia, foi denominado de “babá” por uns meses. Trago, assim, essa vivência sobre como nos deparamos em relação aos muitos modos como são significados os idosos gays que frequentam os espaços de diversão noturna. Nessa vivência notamos um distanciamento social, pois aquele que “fica” com os sujeitos idosos gays muitas vezes também é “taxado”, ridicularizado.

Foi aquele o primeiro momento em que pude ver a questão de a idade marcar as relações, as vivências dentro de uma convivência gay. Notamos que há agrupamentos, fechados em si mesmos, que operam por redes de sentidos, em que tais sujeitos são inseridos. Há, por exemplo, o grupo gay que vem de uma cidade pequena, com grande influência do rural; também outro grupo que vem de um espaço urbano mais intenso; e ainda aquele grupo, também urbano, mas que vive nos bairros periféricos da cidade maior. Assim, constitui-se uma (con)vivência em um espaço que marca a diversidade, do mesmo modo que é ancorado pela segregação, rejeição.

Traçando meu percurso como docente no Curso de História da Univás, tive a oportunidade de orientar diversas pesquisas, de iniciação científica e de monografia, tendo como temáticas a oralidade cultura, a sociabilidade, o patrimônio, a memória, a cidade, que se entrelaçavam com a pesquisa desenvolvida no Mestrado em História Social da PUC/SP sobre a “Festa da Borda”, realizada, anualmente, na segunda quinzena do mês de julho. Sabemos que na posição acadêmico/pesquisador em formação, ao desenvolver pesquisa também na posição orientador, aprende-se muito. O ato de pesquisar, problematizar questões, indicar possibilidades, formular um planejamento teórico e metodológico, são procedimentos que oportunizam o crescimento tanto do jovem acadêmico como do orientador.

Na graduação, trabalhando com a prática da História Oral, um aluno, Gabriel Ribeiro Galvão, me procurou para questionar sobre a possibilidade de se fazer uma pesquisa para o

trabalho de conclusão de curso (TCC) sobre o asilo de velhinhos de sua cidade, Santa Rita do Sapucaí – MG. Afirmo que sim, elogiando a iniciativa, porém já indicando que para o desenvolvimento de um bom trabalho que contribuísse com a historiografia local e regional seria necessário o uso da prática da História Oral, ou seja, envolveria a realização de entrevistas com sujeitos sociais que narram seus olhares, valores, lutas e resistências. O aceite da metodologia da prática da História Oral foi imediato pelo Gabriel, que, diante de sua timidez, afirmou não ter habilidades com entrevistas e solicitou que eu o acompanhasse nas primeiras entrevistas no asilo.

Realizamos a primeira visita para apresentar nossa proposta de pesquisa e solicitar a autorização da religiosa que dirigia o asilo, onde fomos muito bem acolhidos. No momento de conhecer o espaço do asilo, notamos uma dinâmica peculiar, em que há pequenas casas de alvenarias para os idosos que desejavam autonomia, privacidade, certa independência. São casas de alvenarias com cozinha, banheiro, área externa (conhecida como ‘alpendre’) e o quarto. Notamos que havia um respeito especial pela individualidade do sujeito idoso que depende de maiores cuidados nas questões de saúde física, mental, os quais ficam nos quartos, dentro do estabelecimento.

Essas primeiras entrevistas se constituíram em momentos de grande alegria e muitos sujeitos idosos aceitaram participar. Com o agendamento das entrevistas, eles se arrumavam, colocam a “melhor roupa” que tinham e partilhavam suas alegrias, contando como era a cidade, as festas antigamente, a família ausente e/ou presente, as tristezas e como se sentiam ao estarem no asilo. Muitas memórias eram compartilhadas, algumas vezes lágrimas e silêncios eram materializados como parte do ato de narrar, da possibilidade da volta ao passado, às lembranças, aos acontecimentos, receitas de sobremesas, brincadeiras, cantigas, orações, cuidados das plantas.

O desenvolvimento trabalho monográfico, na posição de orientador e também de pesquisador em formação, possibilitou algumas discussões, em sala de aula no Curso de História, sobre a questão da velhice, sua situação, os olhares da sociedade para com os idosos e a compreensão da necessidade de mais pesquisas sobre os sujeitos idosos. A partir de Fenelon (1993), argumentamos que os “temas malditos” podem e devem fazer parte de nossa escrita, visto que “quase todos que tratam dos excluídos sociais, sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres, índios etc., encontraram guarida nessa historiografia” (FENELON, 1993, p. 76). Sujeitos que, até então, não eram vistos e tinham negada a condição de ser sujeitos sociais, o que colabora para tomarem uma posição de lutar, de sonhar e de contar, ou seja, de que tenham

narrativas a contar. Ainda muitos estão invisíveis, não somente nas pesquisas acadêmicas, mas também nos direitos de ir e vir, no direito ao trabalho, no direito ao salário digno, entre outras.

A pesquisa sobre os “velhinhos” do asilo da cidade de Santa Rita do Sapucaí mobilizou novos olhares para a velhice, bem como me afetou de diferentes formas. Uma delas é a forma de olhar com mais respeito para os idosos, visto que venho da roça, com a família extensa, em que a figura do idoso e da idosa no campo sempre foram tidos com muito respeito pelas suas lutas, pela sabedoria e pelas vivências.

A vida noturna sempre conduz a novos lugares e (con)vivências. Sempre optamos pela cidade de São Paulo, meu companheiro, Leandro Vitti, e eu, pois Pouso Alegre não possui muitas ofertas para “baladas”. Em uma das idas à capital paulista, diante das diversas opções de danceterias, fomos elencando para qual ir e eis que meu companheiro mencionou o “ABC Bailão”. A primeira mobilização conduz à questão do espaço geográfico, por ser na região do ABC Paulista, porém a danceteria fica próximo da região da República, centro de São Paulo, na rua Marques de Itu.

Chegando lá, na portaria, vimos que o público não se consistia em apenas jovens gays, estilosos, ávidos por selfies e engajados nos ritmos das “divas pops” atuais. Havia também senhores de 50, 60, 70 e 80 anos que calmamente entravam no espaço da danceteria e a música dos anos 70 reinava, dentre outras músicas *disco* dos anos 80 que tocavam para todos dançarem e ainda lambadas, boleros conduziam a noite no “ABC”.

Em dado momento, uma cena me tomou por completo: ver dois senhores de cabelos brancos dançando um bolero com grande alegria e entusiasmo. Uma cena que tocou e abriu para a possibilidade de desconstruir meu imaginário de que o idoso não se diverte, de que o idoso não dança na noite, de que o idoso não tem vontade de sair de casa, o idoso não frequenta uma balada gay. Um imaginário de que o idoso teria receio de ser quem é. Guardei essa outra imagem sobre o idoso com muito carinho.

Já como discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Univás, em um dado momento fomos orientados a escrever um texto direcionado para a qualificação de Linha. Na oportunidade de escolha de um objeto, aquela imagem veio à tona e debrucei-me na busca de corpus documental sobre a danceteria “ABC Bailão”. Assim, na saga de obter um material que oportunizasse uma análise, deparei-me com o documentário “Bailão” na plataforma do YouTube. Produzido por Marcelo Caetano, o documentário traz as vivências de cinco idosos gays que narram suas experiências, resistências, as práticas de busca de prazer e o que significa o espaço do “ABC Bailão”.

Em junho de 2018, meu companheiro e eu participamos do “3º Seminário Velhices LGBT: resistência, superação e um legado de esperança”, realizado no SESC Pompeia, evento organizado pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo e pela ONG Eternamente Sou, que realiza diversas atividades focadas para o público LGBT60+, buscando a sua valorização e respeito.

Fora um momento único, com a possibilidade de ouvir pesquisadores de diferentes áreas das ciências, do conhecimento, debruçando-se sobre a temática das velhices LGBT. Também partilhas de experiências de vida, de sujeitos idosos LGBT, em que violência física, rejeição, preconceito se fizeram presentes na trama da vida, mas, também, muita superação, vitórias, conquistas e força para continuar na luta de (con)viver em uma sociedade heteronormativa.

O relato pouco extenso que acabo de partilhar demonstra as oportunidades e vivências que me tocaram, me nortearam na escolha do tema para este trabalho de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem. O primeiro momento para pensar sobre os idosos gays foi na busca de entrevistá-los, de conhecer suas vivências e compartilhar das suas narrativas, o que abriu, pela linguagem, por palavras, uma oportunidade de rompimento com a invisibilidade social desta parcela da sociedade.

Diante de entraves institucionais, remodelações no quadro docente do Programa, mudanças de temas para a pesquisa, o tempo, que é algo caro para a História Oral, não se faz presente. Desse modo, optamos em focar pela pesquisa a partir de documentos disponíveis no espaço digital, na Internet.

Ancoramo-nos nos estudos de Dias (2018), que discute acerca dos discursos produzidos no espaço digital, considerando que, atualmente, somos tomados pelo uso e presença de tecnologia (aqui nos referimos à tecnologia do digital) no cotidiano, imersos nas normativas e práticas que a tecnologia digital moldou nas ações da população atualmente. A comunicação se tornou mais rápida, facilitada em troca de mensagens por e-mail, aplicativos de comunicação (WhatsApp), ligação e vídeo conferência, mecanismos que criam a ilusão de um diminuir as distâncias e a eficácia na forma de (se) comunicar.

Na contemporaneidade, pelo digital, há diferentes tipos de aplicativos instalados no aparelho de telefone móvel. Há desde mapas de localização de um bar em outra cidade ou um hotel e/ou até o aeroporto, outros continentes, tendo informações de rotas, tempo de deslocamento a pé, de carro, de trem, entre outros; até aplicativos para relacionamentos com a possibilidade de conhecer e conectar as pessoas (SALLES, 2017).

Do mesmo modo, a informação perpassa essa trama digital. Quando a dúvida paira acerca de um assunto, você ouve “dá um google aí que você encontra”. A sensação de que tudo



está em nossas mãos, de uma maneira disponível, proporciona uma intrínseca relação com o digital. Manifestações políticas são organizadas, planejadas nas redes sociais e são efetivadas nas janelas dos apartamentos e casas de todo o Brasil. O digital inscreve-se no sujeito e os sujeitos são inscritos no digital. Nesta relação, Dias afirma que

Tenho trabalhado incessantemente sobre o momento da circulação ao refletir sobre o discurso digital, pois entendo que é pela circulação (compartilhando, viralização, comentários, postagens, hashtags, memes, links...) que o digital se formula e se constitui. De outro modo, diríamos que o discurso digital se formula ao circular (DIAS, 2018, p. 29).

Com este alicerce teórico, notamos que a presença do digital é efetiva na vida de grande parte da população, de modo que podemos compreender que esta relação entre o sujeito e o digital produz processos de significações diversas. Também trazemos que o espaço digital é um *locus* democrático, em que todos podem se manifestar, interagir, produzir “textões”. Outrora muitos sujeitos não tinham a oportunidade de serem vistos, ouvidos e compreendidos, porém o espaço digital dinamiza esta possibilidade de mostrar-se como sujeito que reivindica, critica, exige seus direitos e respeito.

Blogs, vlogs, sites permitem diferentes que sujeitos, antes privados de um espaço para compartilharem suas ânsias, projetos e indignações, agora possam se manifestar publicamente, se evidenciarem.

Entendemos que

a relação linguagem e tecnologia, enquanto uma relação político-simbólica, vai determinando fortemente a relação pensamento – linguagem – mundo pelo processo de verbalização, seja de escrito ou oral, afetado pela “ideologia da comunicação” (necessidade de tudo dizer, informar) através de construção do que hoje chamamos de “meios de comunicação” (DIAS, 2013b, p. 52).

Assim, da relação linguagem e tecnologia, que é marcada pela produção de múltiplos discursos, os efeitos de sentidos são inscritos numa formação discursiva e podem ser enunciados marcados pelo aspecto informativo e de colaboração na disseminação do conhecimento em diferentes áreas; entretenimento (música, comentários de filmes, livros); também na ação política focada na militância em promover debates de assuntos ligados à sociedade, cenário político e organização social, denúncias, entre outros. E, infelizmente, outros que produzem os já conhecidos discursos de ódio, aqueles que usam o espaço digital para disseminar o preconceito, o racismo, a homofobia, a misoginia.

Compreendemos que existe um véu, imposto pela sociedade ao longo da dinâmica sócio-histórica que não articulou a concepção de sexualidade ligada à velhice. Foi-se elaborando uma barreira ideológica-histórica imposta, pela vigência capitalista, ao idoso como

aquele que não possui o corpo adequado para o trabalho e o sexo. Desse modo, retirou-se do idoso as formulações ligadas à vivência sexual e elaborou-se um imaginário da velhice embasado na a-sexualidade, na negação de qualquer estímulo ou prazer sexual. Idealizou-se, assim, uma imagem desprovida de quaisquer resquícios vinculados à sexualidade.

Diante desse cenário, colocamos como protagonista a velhice gay masculina. Formular a retórica de uma velhice entrelaçada com a possibilidade de uma vida sexual ativa já provoca certos embaraços e, ao articularmos com a homossexualidade, norteia-se uma invisibilidade efetiva e violenta.

No cotidiano, com intenso uso do espaço digital, somos inscritos e descritos em redes sociais, em atividades bancárias on-line, em educação a distância; e, ao deslocar-se pelo espaço urbano, em que você avalia e é avaliado, a busca por um(a) parceiro(a) sexual, em que é selecionado ou não por um toque, vem efetivando um “*match*”.

Considerando o entrelaçamento pelo/no espaço digital, a pergunta que fazemos é: como funcionam os discursos *sobre* e *do* sujeito idoso gay? Quais as redes de sentidos que sustentam as significações sobre estes sujeitos? Quais os efeitos de sentidos que são produzidos nos discursos *sobre* e *do* sujeito idoso gay?

E é no espaço digital que tais discursos circulam e produzem efeitos de sentidos acerca do sujeito idoso gay. Deparamo-nos, em alguns momentos, com discursos pautados em diferentes áreas do conhecimento (médica, psicológica, jurídica), que visam a constituir uma interpretação estabelecida para este sujeito.

Mariani (1998), em seus estudos, discorre acerca da noção de *discurso sobre*, o que permite uma reflexão de como os sentidos podem ser institucionalizados.

Os *discursos sobre* são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois ao falarem sobre um discurso de (‘discurso-origem’), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que ao falar *sobre* transita na co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com um campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor (MARIANI, 1998, p. 60).

Configura-se um agrupamento de informações oriundas de um “lugar de autoridade” que, muitas vezes, busca regular, descrever, definir visando moldar um invólucro fixo àquela prática ou sujeito. Neste jogo de institucionalizar os sentidos para o sujeito, notamos que funciona uma dinâmica de impor preceitos e dizeres a ele.

Permeados neste processo de trazer recortes de blog, sites, que formularam dizeres sobre o sujeito idoso gay, deparamo-nos com tal funcionamento da institucionalização dos sentidos

para o sujeito, mas, também, iremos trazer o sujeito idoso gay se dizendo, se significando e percorrendo este movimento, no qual diziam sobre ele. Com a Internet, o sujeito idoso gay pode se dizer e confrontar tais sentidos institucionalizados, mostrando a multiplicidade em ser idoso gay.

Portanto, estamos em uma disputa de sentidos que, ao longo do tempo, foram institucionalizados e desdobraram-se em estereótipos, estigmas e caricaturas, conduzindo o sujeito idoso gay a um limbo de negação como sujeito histórico e simbólico, pois notamos que ocorreu um movimento operado na ação de significá-lo. Entendemos, desse modo, que a história se faz no movimento, ou seja, o sujeito histórico se confronta com todo esse aparato discursivo sobre ele e do confronto outros sentidos são formulados.

Aqui, vemos sendo estruturado um jogo discursivo permeado pela tensão nas formulações de dizeres, em que não está mais aquele que diante de diversas situações teve que permanecer calado. Aquilo, que antes era tido como já instaurado, se desfaz, pois o sujeito idoso gay se posiciona em um lugar na sociedade, que o permite a possibilidade de formular dizeres que não se sustentam pelos “discursos sobre” e sim pelos “discursos de”. E nesse embate de sentidos, o “já-dito” se aloja em um lugar de distanciamento, dando o espaço ao “ser-dito”, dinamizando novos sentidos ao sujeito idoso gay.

Agora, quem diz é ele, o sujeito idoso gay, rompendo com o aviltamento e com a marginalização. E é a tecnologia que vai permitir que o que pode “ser-dito” se materialize e possa ter um alcance social maior, fazendo movimentar e ressignificar aqueles sentidos já dados. O sujeito parte desses sentidos de suas vivências, angústias, desafios, oportunidades e instaura a possibilidade de se dizer em outra posição sujeito e, conseqüentemente, formular outros sentidos até então não atualizados para si e para outros sujeitos idosos gays.

Por essa relação linguagem e tecnologia, no espaço digital, deparamo-nos com os recortes que abordam o tema do idoso gay, sujeito que é atrelado a uma invisibilidade e silenciamento. Trabalharemos, assim, com um corpus documental heterogêneo (notícias de jornais on-line, matérias de sites, blog, vídeo de YouTube, perfil no Instagram).

Observamos que o espaço digital permite a circulação de diferentes dizeres, a presentificação de diversos sujeitos sociais, múltiplas opiniões, posicionamentos, ou seja, a Internet se estrutura pelo imaginário de ser um lócus democrático, aberto, onde aquele que tem acesso pode inserir sua opinião, crítica e essa pode vir a circular e atingir grande número de leitores.

Compreendemos que a presentificação, isto é, esse fazer-se presente, tornar-se visível na materialização de dizeres, que é oportunizada pela Internet, visa a um movimento de deixar

ser falado, mencionado, descrito por outrem e de assumir o lugar de fala, de produzir dizeres que materializam suas diferentes experiências. Norteia-se uma ação de ocupar um espaço, que muitas vezes é mensurado, visto que agora tem o poder de formular dizeres que significam o mundo e a si mesmo. Um exemplo é o canal no Youtube intitulado “Avós da Razão”<sup>1</sup>, que aborda diferentes temáticas que atravessam a velhice como, por exemplo, cotidiano, sexualidade, comportamento, preconceito, em que três mulheres (Gilda 77 anos; Sonia 82 anos; e Helena 91 anos) respondem a questões enviadas pelo aplicativo de mensagens.

Com o ensejo de compreender os processos de significação acerca do idoso gay na Internet, o primeiro procedimento realizado foi a busca de possíveis materiais que constituem o corpus para a empreitada da pesquisa. Ao fazer a busca, ou popularmente chamado “dar um google”, utilizamos as denominações “idoso” e “gay” juntos e como resultado apareceram, aproximadamente, 1.620.000 sites, blogs, imagens. Estávamos diante de um notável arquivo (no espaço) digital.

No acesso a esse arquivo digital, o movimento é marcado pela dispersão, não sendo ainda uma ação que sustenta a constituição/seleção dos materiais para a produção das análises. Agenciar-se somente pela articulação das palavras “idoso” e “gay” direcionaria a pesquisa para um panorama amplo e sem delimitações. Para a constituição do corpus se impõe um exercício de seleção marcada pela perspectiva de não manter a (con)figuração do sujeito regida por tons depreciativos, mas sim por outros sentidos de relacionamentos, de visão de mundo, de vivências, entre outros.

Deste modo, Pêcheux (2014), ao se ater na questão da leitura do arquivo, propõe “construir um espaço polêmico das maneiras de ler, uma descrição do trabalho do arquivo enquanto relação do arquivo com ele-mesmo, em uma série de conjunturas, trabalho da memória histórica em perpétuo confronto consigo mesma” (PÊCHEUX, 2014, p. 59). Ao trazer esse confronto com a memória histórica, que aqui entendemos como o movimento de disputas para atualizar aquilo que deve ser lido/lembrado juntamente com o que é vivo e pulsante, não atrelamos nossa compreensão à estrutura já dada que faz a mediação do que deve ser lembrado/lido. Essa mediação é operada por preceitos atravessados por instituições normatizadoras (escola, igreja, estado, família).

Com isso, nós nos deparamos com um movimento de colisão, que se dá por aquilo que as instituições impõem que seja lembrado/lido/vivenciado em relação às dinâmicas sociais que não se filiam aos preceitos regulados por tais instituições. Instaura-se, assim, o conflito, em que

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCPaLH-5sjIoxe6Cm1llytjA>. Acesso em: 16 jul. 2020.

o sujeito na sociedade não se restringe somente a preceitos impostos ao longo do tempo, pois vemos que a dinâmica social, em sua complexidade, pode revelar ao sujeito outras formas de viver, em que não seja moldado por aquelas instituições mencionadas.

Considerando esta dinâmica, apoiamo-nos também em Guilhaumou e Maldidier (1997) que discutem acerca do arquivo. Para os autores:

O arquivo não é reflexo passivo de uma realidade institucional, ele é, dentro de sua materialidade e diversidade, ordenado por sua abrangência social. O arquivo não é um simples documento no qual se encontram referências; ele permite uma leitura que traz à tona dispositivos e configurações significantes (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1997, p. 164).

Atentos ao aporte teórico da Análise de Discurso, compreendemos a relevância da noção de arquivo para este estudo, visto que permite deparar-se com o social, em sua abrangência e complexidade. Com a noção de arquivo, podemos nortear um movimento de agrupar recortes de corpus, que estão em circulação no espaço digital e que sustentam discursos, sendo esses não isolados, fechados em si. Pelo fato de estarem na Internet, no espaço digital, esses discursos se constituem por toda uma outra rede de relações de sentidos determinada pela própria materialidade desse espaço.

Nogueira (2017), ao trabalhar o discurso de gestão empresarial da Petrobras, discute acerca do corpus em seu estudo, fundamentada em Orlandi (2007a)<sup>2</sup>.

Não trabalhamos o corpus como “dado” simplesmente. O nosso estudo toma os textos selecionados como fato discursivo. Analisamos esses textos na relação com outros textos, outros discursos. Estamos tratando com isso de pensar as relações de sentidos, de modo que não há discurso que não se relacione com outros, pois um discurso sempre aponta para outros que o sustentam e também para dizeres futuros (NOGUEIRA, 2017, p. 85).

Diante desta consideração teórica, compreendemos que os recortes que compõem o corpus deste estudo se materializam no/pelo espaço digital, não como simplesmente fechados em si mesmos, mas como produções de um movimento de dizeres ligados, que partem da dinâmica social, em diferentes instâncias e se formulam em um suporte que permite outras formas de circulação, de leituras. Na possibilidade de leituras outras da sociedade, à qual estão conectados, vemos um processo em que os dizeres se entrelaçam, porém, conforme as diferentes leituras, outros sentidos podem ser engendrados.

Salientamos que, no digital, pelas tecnologias de linguagem, há um agenciamento da oportunidade de outras leituras, visto que, diante de interesses específicos, muitos arquivos

---

<sup>2</sup> Refere-se a obra: ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007a.

tendem a impor uma lógica seletiva, ou seja, a eliminar temáticas, assuntos que provoquem incômodo e/ou que não possuam referências, vínculos.

É operada uma política de seleção, a da edificação daquelas memórias que interessam à instituição e, desta maneira, outras memórias não estarão presentes frente ao que é proposto na organização e manutenção do arquivo. Le Goff (1996) trata deste movimento quando afirma que

tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1996, p. 426).

Diante de um movimento de apagamento e de seleção, em que a produção da memória não abarca esse grupo historicamente rejeitado, há uma força que se faz presente por meio da existência/resistência. Nesse sentido, Le Goff (1996) nos faz olhar os movimentos que, ao longo da história, nortearam a organização das memórias e, mediante a conjuntura contemporânea, muitas memórias rompem com essa dinâmica repressiva, que selecionou quais memórias devem/podem circular. Agora, outro movimento é articulado, em que diferentes e divergentes dizeres podem ocupar o espaço digital.

De acordo com Grigoletto (2015), a Internet se constitui como um grande arquivo, uma instituição, que

arquiva um número infinito de variados documentos, ou seja, fotos, imagens, depoimentos etc. E, ao produzir esse trabalho “institucional” de ser uma depositária de milhões de informações - das mais diversas, heterogêneas e contraditórias possíveis - funciona como reguladora, ao mesmo em que é regulada pelas relações de poder que atravessam a nossa sociedade. O que é (ou não) arquivado, o que entra (ou não) na rede, o que figura como principal resultado de uma pesquisa realizada pelos internautas sobre determinado assunto é efeito dessas relações de poder que produzem, por sua vez, um efeito de estabilidade e naturalidade para o que é extremamente heterogêneo e contraditório. Ao lado da ilusória liberdade de tudo poder dizer, temos o controle do que pode ou não ser dito/arquivado (GRIGOLETTO, 2015, p. 34).

Na saga da promoção do esquecimento/apagamento, o controle se presentifica e produz a ilusão de que o espaço digital é um lugar de liberdade, onde tudo se pode dizer, fazer e realizar operando-se como uma terra sem lei e preceitos. A partir de Grigoletto (2015), ao trazer que a Internet, simultaneamente, é depositária de inúmeras transformações, vemos que o espaço digital (re)produz as complexas relações sociais, juntamente com as relações de poder de modo que se fortifica um olhar cristalizado, específico para o idoso, ainda o sujeito gay. Trata-se de um olhar, de sentidos, de que esse sujeito é destinado à solidão, à depressão, aos aspectos que

cunham um panorama negativado, ou seja, desenha-se, significa-se, uma velhice gay como sustentada pela rejeição, desprezo, desdém e solidão.

Há um grande número de sites, blogs que se pautam neste cenário negativo e este texto busca trilhar outra trajetória, recortar outros aspectos que nos permitam compreender o funcionamento da linguagem na base dos processos de produção dos sentidos da dinâmica de controle, de interdições e proibições com as quais nos deparamos na sociedade. Aí marcamos, nessa luta, que outros sentidos possam ser engendrados a partir de análises dos processos de significação referentes aos idosos gays no espaço digital.

Tendo em vista a presente invisibilidade materializada nos sujeitos idosos gays e ainda mais para as lésbicas idosas, as transexuais e travestis idosas, doentes, pobres, bem como para negros, periféricos, recortamos, para trabalhar, a temática dos idosos gays como forma de reverberar as implicações acerca da velhice juntamente com a homossexualidade. E, neste primeiro momento, discorreremos acerca da noção de velhice.

Na busca de leituras para aprofundamento sobre a temática dos idosos gays, deparamo-nos com uma grande parte dos estudos que se articulam com os dados do IBGE (Instituto Nacional de Geografia e Estatística), nos quais é afirmado o número crescente de idosos no Brasil.

A população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017, segundo a pesquisa nacional por Amostra de Domicílios Contínua – características dos moradores e domicílios, divulgado hoje pelo IBGE (PARADELLA, 2017).

Ao produzirem notícias acerca dos números de idosos no Brasil, devemos ter ciência que esta questão não se restringe a perspectivas positivas, por exemplo, as de uma efetivação da qualidade de vida oportunizada por elementos como saúde, alimentação, serviços públicos que propiciem uma vida mais longa. Essas notícias mobilizam problemáticas atualmente desafiadas com a Reforma da Previdência, que amplia a idade para homens e mulheres se aposentarem, pautada em uma lógica neoliberal e capitalista de que os cofres públicos não suportam pagamentos de benefícios à população com número de requerentes sendo ampliado.

Diante disto, compreendemos que a questão da velhice não se prende ao imaginário formulado pelo elemento da aposentadoria, embora seja um instrumento necessário. Outras perspectivas acerca dos idosos devem ser conhecidas e circunscritas diante das suas dinâmicas sociais, com atenção ao respeito, à dignidade, à empatia que devem ser exercidos em relação aos idosos. Marca-se a presença de perspectivas negativas quando o referido assunto é abordado, visto que estas considerações a respeito da velhice não sejam apenas limitadas ao nosso tempo.

Do antigo Egito ao renascimento, vê-se que o tema da velhice foi quase sempre tratado de maneira estereotipada; mesmas comparações, mesmos adjetivos. A velhice é o inverno da vida. A brancura dos cabelos e da barba evoca a neve, o gelo; há uma frieza do branco à qual se opõem o vermelho – o fogo, o ardor – e o verde, cor das plantas, da primavera, da juventude. Os clichês se perpetuam, em parte porque o velho sofre um imutável destino biológico. Mas também, não sendo agente da História, o velho não interessa, não nos damos ao trabalho de estudá-lo em sua verdade. E, além disso, há na sociedade uma determinação que é a de silenciar sobre ele. Seja exaltando-o ou aviltando-o, a literatura o dissimula em clichês. Esconde-o, ao invés de revelá-lo. Com relação à juventude e à maturidade, ele é considerado como uma espécie de referência negativa: não é o próprio homem, mas seu limite; fica à margem da condição humana; nele não a reconhecemos, e não nos reconhecemos nele (BEAUVOIR, 1990, p. 200-201).

Convocados por Beauvoir (1990) na busca de não os esconder e sim estudá-los, buscamos descortinar os estereótipos que cristalizam as atribuições aos idosos. Ancoramo-nos numa postura que se direciona contra a correnteza, impedindo o fortalecimento do aviltamento, da invisibilidade reportada aos idosos. Mais obstáculos são encontrados quando se foca no idoso gay, como as atribuições de sentidos de negação, de rejeição e de silenciamento. Este estudo nos permite compreender que a sociedade é múltipla, diversa e de uma complexidade que marca as relações humanas, as quais teimam em promover gestos, valores que não estabeleçam os idosos gays como ser humano, perante suas condições.

Como historiador e analista de discurso, em formação, compreendo a necessidade de trabalhar com temáticas que conduzem a reflexões que estremeçam o *status quo*, o que vigora alicerçado no preconceito, homofobia e rejeição.

Compartilhamos de Khoury (2004) a proposta que deve reger nossa escrita e luta tecida no cotidiano, em que

Comprometidos com a realidade social, afirmando e reafirmando a contemporaneidade e a vitalidade crítica da reflexão histórica, trabalhamos momentos, processos e lugares de experiência social, procurando compreendê-las em sua singularidade, explorando-os de maneira relacionada na dinâmica social mais ampla; tornamo-nos mais sensíveis a indagações sobre as múltiplas culturas em suas peculiaridades e significados mais profundos, como possibilidades alternativas no jogo de poderes da mudança social histórica (KHOURY, 2004, p. 116).

Desta perspectiva historiográfica, trazemos, para junto do trabalho analítico, a oportunidade de nos deparar com a singularidade, com o sujeito invisibilizado e suas vivências, porém, atentos, considerando que esse sujeito passa por percalços produzidos por diferentes práticas culturais, o que demanda uma reflexão histórica sobre os discursos que visam e cristalizam certos estigmas aos sujeitos idosos gays. Realizamos, assim, em um diálogo de áreas, de uma trajetória indisciplinar, uma pesquisa atenta à dinâmica social contemporânea, em que práticas ligadas a preconceito, xenofobia, racismo, homofobia estão em circulação no



cotidiano e são produtos de um olhar para o outro marcado pela diferença, pela contradição, constitutivas da nossa formação social capitalista.

Em sintonia com a proposta de Khoury (2004), optamos em trabalhar com a temática ligada à velhice, entrelaçando, assim, o que afirma Beauvoir (1990) ao apontar que os velhos são tidos como “não sendo agente da História”. Mediante essa consideração, entendemos que há um olhar cristalizado sobre os idosos e estudos como esse se formulam como alternativas historiográficas, junto à Análise de Discurso, para lançar luz às agruras e trajetórias dos sujeitos idosos e reverberar acerca do espaço digital.

A Internet é um lócus marcado como desdobramento do real, visto que há a circulação de dizeres pautados na busca de informações, há solidariedade e respeito, mas, simultaneamente, ocorre o contrário, pois também há discursos de ódio que semeiam um preconceito historicamente construído. Frente a esse cenário, a tarefa aqui é materializada na busca por outros olhares que signifiquem a velhice, enfatizando a velhice gay.

Imagens acerca da velhice são perpetuadas, estruturando e formulando perspectivas aos sujeitos. Philippe Àries (1981), em seus estudos sobre as crianças e as famílias, numa ótica da historiografia social, pontuou essas imagens e definições para os sujeitos de acordo com suas faixas etárias.

Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivãzinha, perto da lareira. As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais (ÀRIES, 1981, p. 39-40).

A partir dos estudos da iconografia do século XIV, o autor traz essas organizações a partir das “idades da vida” (ÀRIES, 1981, p. 39), em que são formuladas e cristalizadas funcionalidades de acordo com a idade. Notemos que a força e a virilidade estão restritas aos jovens guerreiros, idade apontada como um auge para a vida. Já os de “idades sedentárias” são marcados pelo saber, pelo estudo, de modo que se reserva aos antagonismos sobre as maneiras como a criança e ao velho vão lidar com o conhecimento. No primeiro, da infância, é o momento de obter o conhecimento, enquanto na velhice se instaura o momento de contemplação, do registro das experiências, atreladas à figura do sábio que detém certo conjunto de saberes adquiridos ao longo da vida. São instaurados, assim, atributos de uma vida reservada, articulada ao espaço mais íntimo, distante dos movimentos e confrontos bélicos.

Em tal imagem, porém, a visão romântica não se manteve marcada pela sabedoria, a qual foi aos poucos se alterando. Àries (1981) continua:

Hoje, ao contrário, a velhice desapareceu, ao menos do francês falado, onde a expressão *un vieux*, “um velho”, subsiste com um sentido de gíria, pejorativo ou protetor. A evolução ocorreu em duas etapas; primeiro, houve o ancião respeitável, o ancestral de cabelos de prata, o Nestor de sábios e prudentes conselhos, o patriarca de experiência preciosa: o ancião de Greuze, Restif de la Bretome e todo o século XIX. Ele não era ainda muito ágil, mas também não era mais tão decrépito como o ancião dos séculos XVI e XVII. Ainda hoje resta alguma coisa desse respeito em nossos costumes. Mas esse respeito, na realidade, não tem mais objeto, pois, em nossa época, e esta foi a segunda etapa, o ancião desapareceu. Foi substituído pelo “homem de uma certa idade”, e por “senhores ou senhoras muito bem conservadores”. Noção ainda burguesa, mas que tende a se tornar popular. A ideia tecnológica de conservação substitui a ideia ao mesmo tempo biológico e moral de velhice (ÀRIES, 1981, p. 48).

As maneiras como a velhice é encarada ao longo do tempo perpassou por diferentes noções e formulações, à margem das relações sociais que delegavam os significados e considerações. Ressalto, desse modo, que a forma de encarar, de entender a velhice, não é uniforme, homogênea. Diferentes culturas divergem acerca do modo de encarar e vivenciar a velhice, ou seja, compreender essa fase da vida.

Horochovski pontua que

A partir do século XIX, a velhice se torna um tema mais debatido e pesquisado, em decorrência dos avanços na área médica e do aumento e envelhecimento da população. Passar a ser visto como um processo natural que produz alterações biológicas, mas que não é vivenciado por todos da mesma maneira. Continua sendo o limiar da vida e da morte, visto que as mortes naturais geralmente são provocadas pela decadência física, pelo “declínio” biológico. Todavia, destaca-se novamente que, apesar de o fator biológico ser essencial para compreender a velhice, não é o único (HOROCHOVSKI, 2013, p. 115).

A velhice é uma construção sócio-histórica, que fora esculpida por diferentes fatores e valores. Na cultura africana, por exemplo, a figura atribuída à velhice é revestida de respeito e admiração, pois o velho é a referência para a comunidade. Nesse sentido, Fonseca traz que “aquele que representa o saber da comunidade, o contador, o *griot*, está inscrito numa tradição em que o ‘ser idoso’ e o ter conhecimento aprofundado das histórias dos antepassados são elementos que valorizam o indivíduo no grupo que pertence” (FONSECA, 2008, p. 138).

Do conhecimento adquirido ao longo da vida, culminando na idade devida (ser velho), temos a possibilidade do resguardar as histórias, de ser o guardião das memórias de uma família e/ou comunidade. Sabemos que a tradição da oralidade é vigorante nos países africanos, fazendo com que o reunir ao redor de um idoso e ouvir suas histórias seja constitutivo de um ritual para a manutenção das memórias, das práticas culturais e da identidade daquele grupo

e/ou família. Está essa tradição resguardada sob a responsabilidade de um idoso e da manutenção dessa idade, assim, valorizada e respeitada.

Na China, por exemplo, a filosofia de Confúcio (551- 479 a.C.) é seguida como uma proposta na organização social chinesa, há milênios, estruturada por um conjunto de códigos, que perpassam o princípio da simpatia universal e que deviam ser alcançados através da educação, atingindo os homens e estendendo-se à família e ao Estado.

O Confucionismo tem como base a família, em cujos domínios todos devem obediência ao ser humano masculino mais velho. A autoridade do patriarca mantém-se elevada com a idade e até mesmo a mulher, tão subordinada, na velhice, passa a ter poderes mais elevados do que os jovens masculinos, exercendo influência preponderante na educação dos netos. Confúcio acreditava que a autoridade da velhice é justificada pela aquisição da sabedoria, pregando que aos 60 anos o ser humano compreende, sem necessidade de refletir, tudo o que ouve; ao completar 70 anos, pode seguir os desejos do seu coração sem transgredir regra nenhuma, e que a sua maior ambição era que os idosos pudessem viver em paz e, principalmente, que os mais jovens amassem esses seres (SANTOS, 2001, p. 90).

Nota-se que as relações sociais, apontadas por Santos, prescrevem-se por meio de uma hierarquização em que o cume se dá pela velhice, pela qual é aguardada que os mais jovens tenham respeito e amor, operando um processo marcado pela autoridade, em que predomina o idoso como maior referência na sociedade e logo após vem a idosa. Esses são traços que marcam uma sociedade, uma cultura oriental que olha e entende a velhice de maneira diferente quando comparada ao entendimento do Ocidente, em que vigoram sentidos determinados pela formação social capitalista.

A sociedade industrial é maléfica para a velhice. [...]. A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força do trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse e a propriedade constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa (BOSI, 2001, p. 77).

Funciona a lógica capitalista, em que o sujeito é marcado pela sua força na mão-de-obra, daquilo que pode oferecer. A sociedade, calcada no capitalismo, valida o sujeito por meio de sua atuação, de seu ofício, de seu trabalho. Em uma conversa, quando alguém é apresentado em uma roda de conhecidos, é majoritária a seguinte afirmação: “O nome dele é Jorge. Ele é arquiteto”. Poderia ser: “Este é Jorge. Veio de Manaus” ou “Aqui está um geminiano criativo, se chama Jorge”, mas essas sequências não são dominantes, quando alguém é apresentado elas não significam da mesma maneira que a formulação que articula sujeito e ofício.

Bosi (2001) acena o olhar de que a sociedade capitalista se organiza para a velhice, mas também traz as lutas de classes, a hierarquização social e salienta que, enquanto aquele que não

tem condições é rejeitado, o respeito está se voltando para aquele que possui bens. Assim, nota-se que as formas de encarar e compreender a velhice não se estruturam em um único pilar, há uma heterogeneidade de olhares e valores para a velhice.

Silva Sobrinho mobilizou as relações entre velhice e classes sociais, atendo-se à relação homem e trabalho. Para o autor:

A relação do homem com o trabalho se caracteriza como luta pela sobrevivência (trabalhar para viver embora se “trabalhar pra morrer”). Se sua vida laborativa não teve qualidade, sua velhice não poderia ser diferente. O direito à vida negado aparece no discurso de forma escamoteada pela articulação que embasa velhice – doença – morte. Tal construção discursiva silencia no nível fenomênico, no entanto, ao mesmo tempo desvela sua essência contraditória, que é a exploração do trabalhador tachado como “inútil”; abandonado, incluído pela sociedade e “acolhido” no asilo (morredouro – prisão) (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 131).

Aquele trabalhador, que oferece sua força de trabalho por um longo período, chega em um momento que processo de envelhecimento é ativado, quando também ocorre um processo de desvalorização desse trabalhador. Podemos dizer que se instaura a ótica de inutilidade ao sujeito idoso, pois, ao não apresentar mais o vigor físico de outrora, marca-se a negatização desse trabalhador que deve ser retirado do quadro do funcionamento para poder contemplar sua aposentadoria. Esse momento é, em alguns casos, banhado por tonalidades negativas de sentidos voltados ao trabalhador prestes a se aposentar, pois esse foi, ao longo tempo de trabalho, cunhado por uma imagem de que a atuação no trabalho é mais benéfica do que a imagem do aposentado, por sua vez, significada como um construto regido pela inferioridade e inutilidade.

Nesse sentido, Debert (1997) discute que a sociedade se transformou e elaborou a juventude como um bem, um valor que pode ser adquirido em qualquer idade de vida e observa essa perspectiva consumista em relação à adoção de produtos, ao estilo de vida, entre outros.

Segundo a autora:

Seria também ilusório pensar que essas mudanças são acompanhadas de uma atitude mais tolerante em relação às idades. A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. As oposições entre o 'jovem velho' e o 'jovem jovem' e entre o 'velho jovem' e o 'velho velho' parecem ter se constituído em formas privilegiadas de estabelecer laços simbólicos entre indivíduos, em um mundo em que a obliteração das fronteiras entre os grupos é acompanhada de uma afirmação, cada vez mais intensa, da heterogeneidade e das particularidades locais. É para o modo pelo qual, nesse contexto, a velhice é transformada em uma responsabilidade individual e, por isso, pode ser excluída do nosso campo de preocupações sociais que interessa atentar (DEBERT, 1997, p. 125).

Diante dos aparatos tecnológicos, alimentícios, a relação com a manutenção de um corpo “saudável”, “atletico”, “disposto” não se restringe somente aos de faixa etária jovem, entretanto foi formulada uma negação aos traços corporais ligados à velhice. É dito que o idoso deve manter práticas, ações que o mantenham sociável, feliz, saudável, porém esse valor é atrelado à juventude enquanto eterna marca seguida do apontamento de uma cobrança social: “se você está doente é porque não se cuidou”. Desse modo, conforme Debert (1997), ao idoso é atribuída uma responsabilidade individual de buscar pela manutenção da juventude.

Desse modo, nosso estudo percorrerá as relações de sentidos sobre velhice e homossexualidade na busca de compreender os discursos produzidos sobre idosos gays no espaço digital. Atentos ao percurso historiográfico em que grupos, tidos como minorias, são vistos de diferentes formas e estereótipos, Rovai (2019) vem nos alertar para

a necessidade cada vez maior, em tempos de intolerância, em tornar mais conhecida a trajetória de luta pelo reconhecimento e pelo direito à existência de grupos considerados minoria. Este último conceito não se refere à desvalorização nem à quantidade numérica de certas comunidades, mas ao fato de, por fugirem aos padrões brancos e heteronormativos, serem histórica e continuamente excluídas de vivências fundamentais. Embora sejam tomados como universais, os direitos humanos são, muitas vezes, tratados de forma tão abstrata que é preciso lembrar à sociedade que as pessoas existem de verdade e são múltiplas e diversas em suas experiências: organizam-se, comportam-se, tratam seu corpo, embelezam-se, sentem, desejam e amam das mais diferentes maneiras (ROVAI, 2019, p. 08).

Concordamos com o apelo de Rovai (2019), em que grupos relegados à exclusão, ao preconceito, devem ser conhecidos e reconhecidos como sujeitos que lutam para obter respeito e direitos. Atrelado a esta necessidade, notamos que o olhar para a velhice gay é marcado por intensa discriminação por grande parte da sociedade, incluindo também os jovens gays.

Focando na questão da homossexualidade, buscamos estabelecer um percurso histórico para ater a construção da relação da sexualidade e as narrativas que culminam no preconceito, na rejeição e na negação.

Convém recordar aqui que a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX e que antes da invenção da homossexualidade as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia, sendo esta uma atividade indesejável e pecaminosa à qual qualquer um poderia sucumbir. Somente a partir da segunda metade século XIX a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser marcado e reconhecido sob a designação de homossexual, categorizado e nomeado como desvio da norma. Esse novo sujeito viu-se forçado socialmente a viver em segredo, no subterrâneo, sua vida sexual e afetiva, sem direitos e dignidade, abrindo mão da palavra que liberta e de uma memória publicizável, que não lhe oprime, como o faz a memória oficial; ou, ao vê-la publicizada, a suportar as dores da segregação social, um lugar verdadeiramente incômodo para se permanecer, obrigado a submeter-se ao ultraje e à humilhação estabelecidos mediante memória e história oficiais, as quais lhe tiravam a palavra

dignificadora e emancipadora. Certamente, não nos parece que quando sua vida afetiva e sexual é vivida em segredo se abre mão apenas da memória ou que quando a pessoa expressa a sua homossexualidade é somente a memória que ela publiciza. Porém, certamente, parece-nos que a experiência dolorosa da vida subterrânea faz muitas vezes com que uma memória reativa, negativa e dolorosa seja construída e, com isso, uma memória que reflete em uma identidade social e coletiva que tende à adaptação social às normas vigentes escritas e impostas pela cultura e pela moral heterodominante (SILVA, 2012, p. 86 - 87).

Como efeito da formulação discursiva da homossexualidade como desvio, como prática não aceita, ocorre uma resposta majoritária sobre ela, fazendo com que os denominados “desviantes” procurem, de modo forçoso, viver em segredo, de uma maneira oculta, escondida, criando, assim, um olhar mais negativo.

Conforme Silva (2012) oportuniza discutir esse cenário da não possibilidade de serem vistos e assim participarem da tida História Oficial, ou seja, muitas memórias e registros não se efetivam pela configuração do que é significado como prática desviante, mas se efetivam em relação a vivências heteronormativas. Esse processo é da ordem do real, da interdição, do silenciamento, da morte, da tortura, que circunscreve esse cenário ligado à história da homossexualidade.

Estrutura-se, assim, uma circulação de memórias subterrâneas, conforme Pollak (1989), atreladas aos excluídos, aos marginalizados; grupos esses que, por questões religiosas, econômicas, políticas e sociais, residiam e residem à margem da sociedade. Muitos reforçam que há uma percepção de vitimismo, mas não podemos ficar atrelados a tal concepção, pois, ao longo da história, encontramos grupos que se agenciam e rompem as barreiras impostas. Um exemplo é o Movimento Gay de Alfenas (MGA), que completa 20 anos de atuação na cidade de Alfenas, Sul de Minas, na luta pelos direitos da cidadania LGBT (ROVAI, 2019).

Pollak (1989) acena que essa posição imóvel de vitimismo é restrita às margens da sociedade e se desfaz, de modo que: “Essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa” (POLLAK, 1989, p. 4). Juntamente com essa busca por direitos e respeito, na luta por suas memórias, até então ignoradas e sub classificadas, outros sentidos entram em cena para que possam, de modo efetivo, serem reconhecidos, compondo assim um espaço de legitimação, como, por exemplo, espaço acadêmico que norteará uma possibilidade de quebra de distorções e abrindo uma via para se tornarem, efetivamente, (re)conhecidos.

Ao almejar conhecer as memórias deste grupo, encontraremos práticas discursivas articuladas por estratégias, resistências, que foram engendradas diante da violência, do medo,

do preconceito presentes na sociedade. Compreendemos aí a necessidade de conhecer essas memórias e os sentidos que nela se inscrevem para reconhecer esses mecanismos opressivos que devem ser aniquilados, para que ocorra a busca de uma sociedade calcada no respeito e na justiça social.

Em acordo com Walter Benjamin, temos que:

Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso já diz o suficiente para o materialista histórico. Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo triunfal, como de praxe. Eles são chamados de bens culturais. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a que ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à servidão anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie. E, assim como o próprio bem cultural não é isento da barbárie, tampouco o é o processo de transmissão em que foi passado adiante. Por isso, o materialista histórico se desvia desse processo, na medida do possível. Ele considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIN, 2012, p. 244 – 245).

Por essa reflexão, compreendemos que a sociedade estruturada no capitalismo se manteve e se mantém na constante imposição de sua arquitetura destrutiva, impondo aos sujeitos se inscreverem, conforme Benjamin (2012), como coadjuvantes no processo de construção das memórias materializadas nos monumentos/documentos. Ampliamos esses conceitos (monumentos/documentos) que se concretizam pelos processos de produção de sentidos para que as instituições (família, igreja, escola) regulem a sociedade que materializa, na busca de sua manutenção, a resposta de “barbárie” àqueles que não correspondem aos seus anseios, projetos. Ao longo dos tempos, assim, são formuladas imposições, interdições, que se desdobram em negligências, silenciamentos violentos, por não se “encaixarem” na heteronormatividade que gerencia essas instituições.

Neste singelo estudo, traçaremos a busca por realizar o que é proposto por Benjamin (2012, p. 245): “Escovar a história a contrapelo”. Para isso, vamos dinamizar uma postura historiográfica e analista de permitir que dizeres antes calados, negados, assassinados, possam se fazer formular e circular pela sociedade, possibilitando a construção de uma sociedade marcada pela diversidade, pela multiplicidade de práticas e de dizeres, de formas de viver, oportunizando uma convivência rica e sustentada pelo respeito.

Compreendemos que esta multiplicidade de práticas e dizeres se materializa no espaço digital, sendo esse um dos lugares da inscrição do sujeito contemporâneo. É relevante, desse modo, observar como a sociedade, em sua multiplicidade, opera essa ferramenta, pois as mesmas opressões e preconceitos se repetem, circulam nesse lócus. Em alguns casos de maneira

até mais agressiva, pois há um imaginário de que Internet é um território desprovido de punição e inibição. Nesse sentido, o sujeito, que produz comentários, sites, páginas, que visam a ofender o ser humano, mediante marcadores como o econômico, social, lugar de origem, etnia, orientação sexual, pensa que o anonimato o resguardará, mas, com as mudanças tecnológicas, essa rede de proporção globalizada possibilita o rastreamento de quem produz e faz circular tais dizeres. Assim, vemos que o espaço digital tem seus meandros e sua utilização e presença já são massivas na sociedade em que vivemos.

Dessa forma, vemos que nossa sociedade está vinculada de maneira efetiva, em grande parte, com a Internet, rede mundial que “acolhe” a todos e que se faz presente no cotidiano como, por exemplo, em ações bancárias, trocas de mensagens, reuniões virtuais, em que os sujeitos estão em lugares diferentes, outras práticas que se materializam e, assim, possibilitam uma interação bem diferente de outrora. Há dizeres que são formulados e circulam no espaço digital, pelos quais se constitui o sujeito contemporâneo inscrito e sustentado na agilidade, na rapidez, que o condiciona e significa por sentidos de eficácia. Quanto mais rápida uma mensagem chega, melhor. Quanto mais rápido um vídeo “baixa”, um e-mail abre, melhor. A condição de movimento, de fluidez e de agilidade regulam o sujeito capitalista.

Neste movimento frenético de informações que circulam, que se encontram, que tecem um panorama múltiplo, há vários posicionamentos políticos, religiosos, sociais em circulação no espaço virtual. Desta forma, deparamo-nos com as formulações acerca do idoso gay, de dizeres que marcam e fortalecem olhares preconceituosos e difamatórios, mas também há posicionamentos regidos pela acolhida, pautados nas orientações de diferentes áreas do saber que visam colaborar na mudança e/ou construção de outros olhares para a velhice gay.

Ao elencarmos a velhice gay como objeto de estudo, compreendemos as questões que orbitam acerca da temática que ainda são marcadas por áreas ligadas à Saúde, Psicologia, Sociologia. O trabalho de análise dos discursos sobre/ dos idosos gays é um outro modo de se buscar novas perspectivas para esses sujeitos e dizeres sobre eles que circulam por efeito de um processo sócio-histórico marcado pela homofobia e valorização da juventude. Analisamos, assim, discursivamente, como se dá a constituição de uma dissimetria em que um grupo social é envolto por dizeres que buscam emoldurar suas práticas e vivências, não possibilitando que outros dizeres possam circular e mobilizar outros sentidos possíveis para esse grupo.

Neste cenário de pluralidade do envelhecer, constituído por diferentes contextos e realidades socioculturais, é relevante considerar que a tendência de envelhecimento populacional será também observada entre lésbicas, gays, bissexuais e pessoas transgêneros (LGBT).



Desta forma, especialistas em geriatria e gerontologia podem se deparar com situações desafiadoras em suas práticas ao cuidar de uma pessoa idosa LGBT saudável, com demência ou até mesmo em fase final de vida.

Entretanto, essa população sofre uma “dupla invisibilidade”. Por um lado por ser mais velha e estar submetida aos estereótipos e mitos que cerceiam a velhice e, por outro, por ter orientações sexuais e/ou identidades e expressões de gênero menos comuns à sociedade em geral, trazendo ao longo da vida marcas de preconceitos e violência de origem LGBTfóbicas (MIGUEL; CRENITTE, 2019, p. 8).

Os dizeres do texto introdutório do livreto do 3º Seminário Velhices LGBT, organizado pela ONG Eternamente Sou e pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo, norteiam nosso olhar para perceber que o envelhecer é múltiplo, diverso, dado pelas experiências individual e coletiva. E ainda apontam que as velhices LGBT se marcam, socialmente, como desafiadoras, vistas pela sua “dupla invisibilidade”.

Nosso estudo se agencia como uma operação anti-invisibilidade que é tão intensa a esses grupos. Desse modo, como parte dos procedimentos de organização do texto, optamos por recortar a temática referente aos idosos gays, mas ressaltamos a importância e relevância em discutir as demais velhices (lésbica, bissexual, transgênera), que ampliam as dimensões sociais ligadas às produções sobre as demais velhices. Compreendemos, assim, que há muitos dizeres que se formulam e circulam sobre as demais velhices que futuramente poderão ser analisadas, mas desde já determinam o processo de produção da nossa escrita.

Neste sentido, retomamos Mota (2009) que argumenta que

nos últimos anos o estudo sobre velhice no Brasil tem ganhado amplitude nas ciências sociais. Contudo, pesquisas sobre a homossexualidade e o envelhecimento no âmbito das experiências cotidianas são ainda incipientes, aspecto que revela certo silêncio a respeito da extensão e complexidade em que envolve o tema (MOTA, 2009, p. 26).

Norteados no anseio de romper com tal silêncio, que materializa os discursos de ódio, de homofobia, de preconceito, visamos mobilizar dizeres que formulem práticas outras, alicerçadas no respeito àqueles que são massacrados na sociedade, pela sua idade e pela sua orientação sexual.

Este estudo se filia ao dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso, a partir das elaborações de Michel Pêcheux, na França, e Eni Orlandi no Brasil. Compreendemos que a linguagem é passível de rupturas, brechas, pelas quais os sentidos transbordam. Nas palavras de Orlandi (2012), a Análise de Discurso é uma disciplina que “vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique” (ORLANDI, 2012, p. 21).

Na busca por analisar os discursos sobre e do sujeito idoso gay no espaço digital, é pertinente compreendermos o campo teórico em que se dará a sustentação desse estudo - a Análise de Discurso – em que buscamos nos ancorar para assim compreendermos o funcionamento da linguagem na sociedade e na histórica, descrevendo e interpretando o discurso, os efeitos de sentidos entre locutores.

Orlandi nos orienta que “se pensarmos o discurso como efeito de sentidos entre locutores, temos de pensar a linguagem de uma maneira muito particular: aquela que implica considerá-la necessariamente em relação à constituição dos sujeitos e à produção dos sentidos” (ORLANDI, 1994, p. 53). Atentos a essas considerações, entendemos que o discurso está propenso a falhas, não está fechado e sim aberto, tanto que não devemos nos ater somente à sua forma final, mas o discurso é sempre determinado pelas condições de produção, que considera os sujeitos e a situação. Novamente Orlandi (2015) nos aponta que “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as consideramos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico” (ORLANDI, 2015, p. 28 -29).

No contexto imediato, entende-se que os sites, blogs, o vídeo do YouTube e o perfil na rede social Instagram são suportes pelos quais se materializam a formulação dos dizeres. E, por sua vez, o contexto amplo, refere-se aos preceitos e normas para o corpo, para o sujeito, que ao longo da história foram impostos e que se fazem presentes, operando uma memória do dizer de um lugar marcado pela imposição, mas, ao mesmo tempo, temos as resistências que acionam outros dizeres, que confrontam àqueles historicamente construídos e que possibilitam a valorização do sujeito que não permanece à mercê daquilo que foi dado como correto, moral e aceito.

Por fim, apresentamos, então, o modo como esta tese está estruturada em sua apresentação. Dando continuidade à discussão temática e de questões teóricas apresentadas na Introdução, temos o primeiro capítulo, intitulado: “*‘Eles também envelhecem’: os idosos gays significados no espaço digital*”. Nesse capítulo, visamos analisar recortes de sites, blogs e jornais on-line que apresentam questões ligadas aos sujeitos idosos gays. Trazendo, assim, a questão da velhice gay e notamos a produção de significações que atualizam a memória, presentificam perspectivas que permitem problematizar como é significado o sujeito gay idoso no espaço digital.

No segundo capítulo, que tem como título “*Idosos Gays: Quem são vocês? Sentidos que circulam no Youtube*”, analisamos o vídeo intitulado “Idosos Gays: Quem são vocês?”, do Canal *Põe na Roda*, presente na plataforma do YouTube, que materializa discursos sobre e dos

idosos gays. O vídeo possibilita depararmos com diferentes significações para o sujeito idoso gay e, também, oportuniza romper com tais significações, permitindo ver os sujeitos idosos gays como sujeitos que merecem respeito e admiração pelas lutas encaradas por esse grupo social que ainda, infelizmente, é menosprezado e rejeitado por uma parcela da sociedade.

O terceiro capítulo, intitulado “*O Sujeito Idoso Gay no Instagram: Circulando Dizeres nas Redes Sociais Digitais*”, apresenta as análises das produções presentes no perfil intitulado @topassado\_ da rede social digital Instagram, de um sujeito idoso gay que elabora um perfil e marca a presença do idoso gay no espaço digital, abordando seus projetos, reivindicações, desejos, sugestões de lugares para visitar e encontrar. Assim, buscamos analisar como se dá a inscrição do sujeito idoso gay, constituindo-se a partir de suas lutas, memórias e vivências e ocupando de modo efetivo diferentes lugares, como o espaço digital.

E, por fim, as considerações finais em que recuperamos alguns pontos de resultado de análise, além de apontar para questões de pesquisa a serem desenvolvidas.

## **CAPÍTULO 1 – “ELES TAMBÉM ENVELHECEM”: OS IDOSOS GAYS SIGNIFICADOS NO ESPAÇO DIGITAL**

Atualmente, o acesso às informações no espaço digital, pela Internet, configura-se como algo maciço e evidente, em que o sujeito contemporâneo é traçado pela forma-sujeito-histórica e sustentado por diferentes formas de relações que são atravessadas pela tecnologia da informática. E neste contexto em que vivemos, deparamo-nos com uma diversidade de produções de sentidos sobre os sujeitos e suas práticas na sociedade, com dominância de umas sobre as outras.

Diante disso, elencamos os sentidos para o sujeito idoso gay diante das limitações sócio-históricas que foram, ao longo do tempo, impostas a esse sujeito e buscamos, assim, compreender como o sujeito idoso gay é significado no espaço digital e que imaginário está em funcionamento neste espaço com relação aos idosos gays.

Ao pesquisar as palavras “idoso” juntamente com “gay”, deparamo-nos com dezenas de notícias, blogs e outros suportes em que se discorre acerca da temática da velhice gay. Trazendo a questão da velhice gay, notamos a produção de significações que atualizam a memória e presentificam perspectivas que permitem problematizar como é significado o sujeito gay idoso no espaço digital. Para isso, buscamos analisar os discursos, que circulam neste território, sobre o sujeito idoso gay, oportunizando perceber as diferentes formas de se dizer acerca desse sujeito que, ao longo da história, foi significado em um molde sustentado pela invisibilidade.

Cabe salientar que, nesse contexto, articula-se a estrutura sujeito/linguagem/história, sobre a qual Orlandi coloca que

a linguagem, com sua materialidade, funciona como uma mediação necessária entre o sujeito e a realidade natural e social. A linguagem é, nesse sentido, um trabalho, uma prática. O que ela tem de específico, é que ela é um trabalho simbólico. E como tal, ela exerce sua ação transformadora enquanto mediação entre o sujeito e a realidade (ORLANDI, 2008b, p. 296).

Com a ação transformadora que a linguagem exerce no sujeito e na história, podemos encontrar, da mesma forma, aqueles sujeitos que não tiveram a oportunidade de se manifestar, pela/na linguagem, em termos de “assunção” da palavra, sendo em momentos diferentes interditados da possibilidade de mediar suas vivências e experiências como sujeito. A linguagem, como mediadora, foi trabalhada por diferentes instituições para interpretar e significar alguns sujeitos ao longo da história e, desse modo, alguns dizeres se cristalizaram, formulando para esses sujeitos (idosos gays) a produção de estereótipos como forma de vê-los e significá-los. Alguns desses dizeres sobre os idosos gays foram produzidos pelos discursos

médicos, jurídicos, comportamentais, que atravessaram a sociedade, cunhando as formas de ver tais sujeitos.

Essas formas de ver e significar os sujeitos idosos gays se cristalizaram na sociedade e esse processo de cristalização pode ser entendido como a efetivação de dizeres que funcionam, na sociedade, como arquétipos, paradigmas, que “devem ser” seguidos conforme um imaginário social tido como legitimado, aceito, correto.

Portanto, não seguir esse imaginário que tateia o que deve ser, o que deve agir, sustentado por preceitos morais, religiosos, econômicos e sociais, conduz-nos a buscar compreender como se dá o processo da significação do sujeito como desviante, imoral e inaceitável. Com esse panorama ocorre o movimento de serem significados de determinado modo, porém, a Internet oportuniza outra dinâmica, a desconstruir esse imaginário, bem como possibilita que esses sujeitos, que outrora não podiam publicizar suas angústias, tristezas, projetos, anseios, possam passar a formular seus dizeres entrelaçando novas formas de ser verem e serem vistos juntamente com a luta para que seus direitos sejam conquistados e respeitados.

Neste capítulo, assim, buscaremos analisar recortes dos títulos das matérias e imagens de sites e blogs que abordam sobre os sujeitos idosos gays, visando compreender como os sentidos são produzidos para esses sujeitos e as formas de dizer sobre eles, voltando-nos para uma leitura ainda da questão da imagem como materialidade significativa na produção de sentidos.

### **1.1. Discursos sobre o relacionamento amoroso na velhice gay**

Estabelecemos os nossos recortes guiados pela pergunta de pesquisa que se direciona para analisar os modos de significação do idoso gay (pelo discurso sobre) em espaços digitais, que são também espaços sociais, construídos e elaborados e se apresentam como lugar de observação do funcionamento da linguagem. Apresentamos, abaixo, o recorte 1 (R1) retirado do blog Telavita.



R1 – Captura de tela do blog Telavita – Envelhecimento do casal gay<sup>3</sup>

No exercício de buscar produções discursivas no espaço digital sobre o sujeito idoso gay, o recorte 1 (R1) do blog Telavita faz parte do corpus de análise composto em constituído na relação com outros recortes também de sítios eletrônicos disponíveis. O Telavita apresenta como resultado aproximadamente mais de 3 milhões e 270 mil de menções deste dizeres e um funcionamento é operado nesta relação, pois várias possibilidades são apontadas como números de acesso ao blog, comentários produzidos nesse espaço digital, assunto mais buscando na Internet, entre outros.

Localizamos entre o nome do blog “Telavita” e o título da matéria o seguinte recorte:

Início > Relacionamento > Amor > Envelhecimento do casal gay e o duplo preconceito

R2 – Captura de tela do blog Telavita - Temas<sup>4</sup>

O recorte traz a barra horizontal de possibilidades de hiperlinks/abas no site, sendo elas: “Início > Relacionamento > Amor > Envelhecimento do casal gay e o duplo preconceito”, indicando o caminho percorrido para se chegar na matéria sobre o envelhecimento do casal gay. É demarcado, assim, um processo de pesquisa e o adentrar em outras esferas/âmbitos do blog até confrontar com a matéria que é de interesse daquele sujeito leitor, que busca informações, mobilizando-se um conjunto de acessos temáticos o que, por sua vez, produz algumas

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/idoso-e-homossexual/>. Acesso em: 19 ago. 2019.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.telavita.com.br/blog/>. Acesso em: 19 ago. 2019.

significações que são pertinentes para o nosso objeto de pesquisa: os modos como a velhice gay é significada.

A organização do site “Telavita” se dá por campos temáticos, visto que esse site visa constituir: “[...] um grupo de pessoas engajadas em melhorar o acesso à saúde de qualidade através da tecnologia. Nós acreditamos que todos têm o direito de ter acesso rápido e conveniente aos profissionais de saúde de qualidade, quando e onde necessário” (<https://www.telavita.com.br/blog/>).

Tocados pela urgência de democratizar uma saúde de qualidade, conforme é apresentado no site, o Telavita se gerencia na busca por compartilhar artigos, textos, produzidos por seus colaboradores, que são ligados a questões referente ao corpo, saúde, relacionamentos, entre outros. Imbuídos em oportunizar informações que proporcionem a ajuda na concretização da saúde, estruturam(-se), (em) seu site, por enunciados que, ao clicar, conduzem o leitor, ávido por informações, a outro campo, num trajeto de afunilamento e especificação dos interesses/temas.

Compreendemos a produção de discursos sobre, oportunizando, assim, a formulação de sentidos a partir de áreas do conhecimento, ou seja, são sujeitos autores formados em campos do saber específicos, que vão produzir dizeres para o sujeito idoso. Sustentados pelo “lugar de autoridade” (MARIANI, 1998, p. 60), esses sujeitos engendram dizeres que norteiam o acesso à saúde. Ressaltamos, nesse sentido, que há o risco de homogeneizar tais situações, pois cada sujeito possui certa complexidade e, do mesmo modo, entendemos que não se pode trabalhar a velhice como uma condição massificada, idêntica para todos, mas sim de modo amplo, corroborando que são velhices, no plural, diante do percurso individual realizado por cada sujeito e cultura, de forma a entender e viver a velhice enquanto múltipla e rica.

Deste modo, falar para o outro no espaço digital possui certos riscos que devem ser levados em conta como, por exemplo: se tem diabetes, se já passou por procedimento cirúrgico, se vive sozinho etc. Entendemos que há um confronto daquele que diz, formula, prescreve, indica algum procedimento, aquele que tem acesso a tais informações sem levar em conta a realidade desse sujeito, compreendendo que esses dizeres se traduzem como a melhor forma de agir e fazer.

No recorte 2 (R2), notamos que há um percurso a ser seguido e os enunciados adotados pelo blog norteiam tal trajetória como um caminho em que os dizeres indicam até onde se pode chegar. Marcamos, desse modo, um movimento de progressão, em que o click permite ao sujeito leitor/visitante do blog a oportunidade de escolher e especificar os assuntos sobre os quais deseja obter informações.

Ao trazer a palavra/o nome “Relacionamento” abre-se um leque de possibilidades, dando outros possíveis sentidos que podem ser traçados pela dinâmica comportamental de estar com alguém, de manter uma vivência com outra pessoa e, também, diferentes formas de estar com alguém podem ser evocadas. Mediante a esta amplitude exercida por tal enunciado, faz-se necessária maior especificidade, deslocando assim para o campo temático “Amor”.

Questionamos: Que “Amor” é esse? De mãe para filho, de filho para mãe? De irmão para irmã? De amiga para amiga? De vizinha para vizinha? De professora para seus alunos? De enfermeira para seus pacientes? Uma dinâmica infinita é desdobrada diante da complexidade humana, a partir deste enunciado constituído por diferentes dinâmicas sociais que podem ser marcadas pelo sentimento amor. O percurso de leitura não se limita neste enunciado, pois outro campo temático é formulado a partir do título da matéria selecionada. Aqui vemos um movimento que rompe com o imaginário social, que foi cristalizado pelas práticas heteronormativas, ou seja, foi necessário um campo temático específico, singular, para a questão do relacionamento gay entre dois idosos.

Será que esse amor homoafetivo fazia parte do “Amor”? Mobiliza-se a formulação de dizeres que aportam dinâmicas sociais, que não circulam massivamente pela sociedade, como é dado no campo temático, que é o título da matéria “Envelhecimento do casal gay e o duplo preconceito”.

O processo cunhado pelo envelhecimento para um casal hétero é marcado por rituais e festividades, como a da renovação dos votos matrimoniais e a da celebração das bodas, entre outros eventos que também marcam um ano a mais na permanência da união de um casal. Inscrevendo-se numa trajetória consolidada pela sociedade, em aceitação, este casal é visto por uma parcela como exemplo, referência de amor e manutenção de tal relacionamento que colhe os frutos no convívio de filhos, netos. No entanto, outra perspectiva é dada quando é mencionado o envelhecimento de um casal gay, sendo registrado pela tensão por grande parte da sociedade.

Beauvoir (1990), em seus estudos, discute o processo de envelhecimento, apontando que é

Um fenômeno biológico: o organismo do homem idoso apresenta certas singularidades. A velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas: certos comportamentos são considerados, com razão, como característicos da idade avançada. Como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence (BEAUVOIR, 1990, p. 15).



Diante disso, compreendemos que há todo um movimento de significação para o sujeito idoso, marcando-o com certos pressupostos que o desenham de certa maneira, elaborando um arquétipo do que é ser idoso. Todavia, na história há movimentos que quebram essas produções significadas.

Ao trazer a formulação “envelhecimento do casal gay”, é possibilitada a configuração da construção/manutenção de uma vivência gay por um casal que demarca a permanência do relacionamento, ou seja, há um processo de vivência a dois que luta contra o tempo. Não é do “gay” e sim do “casal gay”, em que já temos uma primeira formulação/delimitação para analisarmos questões norteadoras do processo de envelhecimento junto, numa relação de cumplicidade da vida, estando acompanhado, trazendo a vivência sexual que configura outros olhares. Ao enfatizar “o envelhecimento do casal gay” é proporcionada uma quebra/ruptura pelo fato da formulação “o envelhecimento do casal”, que é referente à qualquer “casal”, porém seriam pouquíssimos ou nenhum que produziriam a associação ao termo “gay” e, quando essa se efetiva, outros sentidos são atualizados. Detona-se, desse modo, um processo de significação em que corpos se encontram, desejos se mantêm, discussões permeiam o contexto íntimo.

Juntamente com essa configuração histórica de não ser aquele casal imposto pelo imaginário social, atrela-se a formulação enunciativa “duplo preconceito”, que, ao ser mobilizada, em análise, faz com que nos deparemos com a tessitura socio-histórica da sociedade, no aspecto dado pela compreensão dos sentidos de sujeito idoso em relação aos de sujeito gay. Agenciam-se, nesse processo de significação, perceptivas que caracterizam o não reconhecimento, a não aceitação do “ser velho e gay”, em que se articula uma força que rompe com o que é tido, com o que é esperado pela sociedade. Aí se faz presente a carga semântica ao enumerar um “duplo preconceito”.

A imagem do recorte 1 (R1), utilizada na reportagem, foca nas mãos de um casal gay idoso. O “estar de mãos dadas” remete à vivência pautada em um relacionamento (namoro/casamento), em que esse estar de mãos dadas, o segurar a mão do outro, direciona para questões que não se afunilam em um simples gesto. Mãos dadas oferecem que “estou contigo”; “você não está só”; “estamos juntos”.

Produzir esse recorte imagético, em que as mãos centralizam o debate do idoso gay, também acena para outros debates dada a cumplicidade, a vida a dois de longa data, a referência às mãos “envelhecidas”, de um amparando o outro para juntos caminharem.

Souza (2012) partilha que “à imagem é reservado o papel de inscrever materialmente o acontecimento, colocando-se em jogo uma passagem do visível – o acontecimento – ao nomeado – a memória, a história” (SOUZA, 2012, p. 52). Partindo dessa perspectiva,

compreendemos a produção de efeitos de sentidos marcados pela não identificação dos sujeitos, pois foca-se no anonimato, não tem nomes, não tem rostos. Trata-se de um movimento produzido pela história e é acionado pela memória, que engendra sentidos referentes às questões que colocamos: Quem são esses sujeitos? Onde estão? No texto da matéria são citados dois exemplos de sujeitos idosos gays, sendo o primeiro uma inglesa de nome Barbara Hosking, que “assumi” sua homossexualidade aos 91 anos, e o outro é Sir Ian McKellen, que é um ator inglês, conhecido, segundo a matéria, por interpretar o Gandalf da trilogia cinematográfica “O Senhor dos Anéis”.

Desse modo, é formulado um efeito de distanciamento, de não estar próximo, que evoca a não visibilidade, reforçando o “duplo preconceito”. Costa (2014) apresenta os modos como a memória discursiva funciona e é acionada na relação entre imagem e suas discursividades.

a imagem e suas discursividades são afetadas pela memória discursiva, essa que se constitui pelo esquecimento, recai sobre a formulação, ressaltando que quando nos referimos à formulação, estamos considerando tanto a formulação da própria imagem, quanto a formulação do dizer sobre ela. E, ainda, o fato de a memória poder ser atualizada justamente pelas discursividades da imagem visto a possibilidade de a imagem funcionar como um operador de memória, como assinala Pêcheux (1999) ao retomar Davallon (1999) (COSTA, 2014, p. 104).

Para melhor compreensão do aporte teórico, devemos também discutir a noção de memória discursiva. Orlandi (2015) trabalha essa noção, designando que

A memória, por sua vez, tem suas características, quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2015, p. 29).

Desta maneira, compreendemos a força enunciativa que a imagem produz. Força essa que é operada pela memória, que evoca efeitos de sentidos que proporcionam as formas de ver e significar a velhice gay. Ao focar nas mãos juntas, dadas, nos é dado a compreender que esse efeito de estabilidade/tranquilidade direciona para outros aspectos quando se atenta para a mão, que parece segurar mais firmemente e enuncia-se a possibilidade de que há uma dificuldade, um obstáculo logo no percurso deste caminhar. Então, o segurar mais firme pode apontar para as situações que um casal gay idoso presencia e, aqui, colocamos não apenas a dificuldade física de caminhar, de se locomover por uma doença ou outra questão física, mas sim, simbolicamente, para situações outras que juntos enfrentam, as adversidades que permeiam e permanecem, algumas vezes de forma velada, na sociedade. Caminhar juntos de mãos dadas

conduz a um processo de resistência, acionado em relação ao panorama heteronormativo que rege a sociedade e que se materializa em violência para todos que não compactuam com esse panorama.



R3 – Captura de tela do site Queerfeed – Carta de um gay idoso aos mais jovens<sup>5</sup>

No recorte 3 (R3), deparamo-nos com certa regularidade ao trazer um casal gay com o enfoque nas “mãos dadas” como personagem principal da imagem. Os rostos são evitados, evita-se identidades, porém, em relação a outra imagem, a do recorte 1 (R1), é promovida uma ampliação. O estar lado a lado demonstra que há implicações acerca dos relacionamentos gays.

Essa regularidade no uso de imagem ao abordar os idosos gays, que foca as mãos envelhecidas dadas, produz efeitos de sentido de que é um sujeito que se relaciona com outra pessoa do mesmo sexo. Nisso ocorre a manutenção do reforçar que não é qualquer idoso, é sim o idoso gay. Trata-se de uma dinâmica que vai marcando que o sujeito idoso sempre está em relacionamento, visto que, no recorte 3 (R3), temos a matéria que trata de uma carta de um idoso gay. A imagem não se vincula diretamente com o título da matéria, em que notamos que há um gesto de formular diferente ao trazer que o idoso é gay, que ele se interessa por pessoas do mesmo sexo. Marca-se o efeito de distinguir de outro idoso, operando que tal velhice possui singularidades.

A imagem engendra um cenário de tranquilidade, roupas claras e sujeitos que pousam para o registro fotográfico. Pela ambiência é criada uma sensação de bem-estar, de segurança, diante da qual perguntamos: Onde estão? Em um lugar público? Uma praça? O efeito produzido pela pose elaborada já está posto/aceito na sociedade, mas esse cenário onírico é rompido

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.queerfeed.com.br/carta-gay-idoso-jovens-voce-precisa-ler/>. Acesso em: 22 ago. 2019.

quando a sequência verbal que sustenta a imagem é lida, de modo que uma contradição passa a ser articulada no sentido de que aquilo para o que a imagem poderia direcionar, ou seja, a tranquilidade em ser gay idoso e estar num espaço público, de mãos dadas, choca-se com os dizeres que enunciam que um gay idoso redigiu uma carta aos gays mais jovens, a carta importante que traz um “alerta”.

Nota-se que não é qualquer carta, é sim “a” carta e sentidos são produzidos ao nos depararmos com o sujeito que redige a carta: um gay idoso.

A carta molda-se como um instrumento que articula o gay idoso aos mais jovens. Que sujeito gay idoso é esse? O que o mobiliza a tal ponto para redigir uma carta “aos mais jovens”? Salientamos, ainda, o título que sentencia: “que você precisa ler”. A carta é direcionada aos mais jovens e articula uma dinâmica em que o leitor se confronta com essa matéria no blog “Queerfeed”.

As relações sociais permeadas pelo digital são pautadas pela agilidade, eficiência, inúmeras informações disponíveis em um click. Eis que há uma carta compondo esse cenário digital e tece-se uma não-sincronia presentificada pela carta, uma forma de comunicação que outrora se estabelecia na produção manuscrita, majoritariamente. Conjuga-se a coexistência de duas temporalidades: o passado e o presente.

Imerso nessa historicidade, compartilhamos de Eckert-Hoff que cartas são “por nós entendidas como escritas de si e, como tal, são sempre autobiográficas, uma vez que revelam tensões, oscilações entre a certeza e a incerteza de si” (ECKERT-HOFF, 2016, p. 213). Desse modo, formulados a partir desta perspectiva de olhar a si e produzir uma escrita, que pode conduzir a diferentes direções, voltamo-nos para a carta de Jicama Fine. O recorte 4 (R4), a seguir, traz um fragmento que possibilita o desenvolvimento de algumas questões nesse sentido.

Jicama Fine postou uma **carta aberta** a jovens LGBT esta semana que todos nós, membros da comunidade LGBT precisamos ler, independente da idade. Sua lição pode inspirar você na sua jornada, e te mostrar a sua importância para a comunidade. Confira a carta traduzida na íntegra:

## Carta à minha comunidade Queer

Gostaria de falar à minha comunidade Queer mais jovem. Aqueles de vocês que não haviam nascido durante a sombria época da praga da **AIDS**. Alguns de vocês me chamam de idoso. É um título do qual eu frequentemente corro. Me assusta. Mais até porque serei responsável pelos conselhos que dou a vocês.

R4 –Captura de tela do site Queerfeed: Carta à minha comunidade Queer<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.queerfeed.com.br/carta-gay-idoso-jovens-voce-precisa-ler/>. Acesso em: 02 set. 2019.

O primeiro ponto a ser analisado aqui refere-se ao destaque na cor amarela que cobre o enunciado “carta aberta”. Ao clicar no enunciado encoberto pela cor, você é conduzido para outra página/site da rede digital. Abrem-se outras formulações, textos, imagens. Aqui, no nosso caso, é a carta de Fine, postada em uma rede social que não está disponível.

O site “Queerfeed”, ao trazer a carta, busca mobilizar o espaço no qual esta carta se encontrava. Organiza-se o efeito de relações em o que está aqui (no caso a carta) está lá. Lá foi o primeiro registro, a fonte. Temos, assim, a circulação de dizeres no espaço digital que produzem sentidos outros, a partir da formulação de discursos que tragam novas posturas e posicionamentos frente ao processo de constituição do sujeito gay na sociedade.

O site se materializa em referência à carta de Fine, como um narrador que vai elencando os próximos passos/procedimentos para o sujeito leitor/visitante do site.

No recorte “Jicama Fine postou uma carta aberta a jovens LGBT esta semana que todos nós, membros da comunidade LGBT precisamos ler, independentemente da idade”, temos um movimento de pertencimento a um grupo, aqui o LGBT e ocorre uma mobilização, em que se demonstra que os dizeres da carta se direcionam para os seus, ou seja, para aqueles que vivem situações específicas (preconceitos, perseguições, xingamentos, exclusões devido a sua sexualidade) e que deveriam ter como mister a realização da leitura da carta.

Constrói-se um processo de identificação voltado ao grupo social que vive essas agruras, o qual pode ter a carta como uma referência. Outro ponto refere-se aos enunciados “independentemente da idade”, que aqui mobiliza uma produção de sentidos de que não há certa restrição, conforme foi dado no título do artigo “aos mais jovens”, buscando-se ampliar para que os leitores se identifiquem com a produção epistolar publicada no site. Ou seja, embora seja direcionada aos mais jovens, há um apelo para que todos leiam, não importando a sua idade, já que o que diz na carta é importante e de interesse geral da comunidade LGBT. O fato de ser direcionada aos mais jovens também aponta para o fato de que é preciso que as novas gerações conheçam a história da comunidade LGBT porque permite o fortalecimento da identidade LGBT e, juntamente, conhecer as histórias e memórias desse grupo que luta, constantemente, contra o preconceito materializado em diferentes obstáculos.

A vivência desse sujeito não é restrita a um grupo etário, e sim a uma comunidade que é diversa e múltipla e permeada por uma dinâmica de fortalecer a relação dos membros da comunidade com o seu posicionamento em relação ao mundo/sociedade. Compreendemos, dessa forma, que, historicamente, há uma repressão sobre o homossexual, o que afeta a vivência sexual de muitos sujeitos, de modo pleno, ao longo do tempo e a leitura da carta abre a possibilidade de inspirar um respectivo leitor a uma jornada de rupturas com tal repressão.

A carta inicia direcionada para uma comunidade que Fine defende como sua, a Queer mais jovem. O termo “queer” refere-se a pessoas que não seguem o padrão heterossexual, ou seja, entende-se que é a menção do fora do padrão, o qual é imposto pela sociedade. Endereçando-se ao público leitor, o autor faz um suporte histórico para iniciar sua escrita, pela qual aciona uma memória, um já-dito, que conduzirá os seus dizeres.

Em relação a essa questão, atravessado por esse processo de produzir um olhar sobre o passado para aqueles que não tiveram contato com essa experiência do início da proliferação da AIDS, temos as palavras de Bastos et al (1993) a seguir:

A AIDS começa a ser mencionada nos meios de comunicação brasileiros inicialmente como uma doença "vinda do exterior", basicamente dos Estados Unidos da América e, em especial, de Nova Iorque. A doença, de início, esteve sempre vinculada à homossexualidade, tendo sido chamada de "peste *gay*" ou "câncer *gay*" [...]. O primeiro caso fatal amplamente noticiado é o de um costureiro homossexual pertencente à classe alta, o que consolida a imagem da doença como proveniente, e exclusiva, de homossexuais de classe alta que frequentemente viajavam para o exterior (BASTOS et al, 1993, p. 90-91).

Por meio das mídias, foi construído um estigma para a AIDS associado ao sujeito gay e essa negatização assolou a comunidade gay corroborando para a aumento no preconceito e desprezo aos homoafetivos. Ao apontar tal questão tão dolorosa aos gays que viveram esse momento, ocorre a formulação do trazer à tona, retomar aquela vivência, presentificando os sentimentos/vivências que foram experienciados por outras gerações e a geração “mais jovem” não teve contato com esse acontecimento, ou seja, não sofreram, de maneira intensa, como aquelas que vivenciaram o difícil momento histórico.

Ao realizar tal mobilização, esse leitor é levado a conhecer alguns percalços que foram vividos e isso produz outros sentidos sobre ser gay, determinando dizeres, de modo que alguns resquícios deste olhar preconceituoso advêm desse episódio, acontecimento da doença. Orlandi nos orienta que “o interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2015, p. 31). A colocação oportuniza que a vivência da chegada da AIDS, tida como uma “sombria época”, condicionou a vida de muitos sujeitos, marcando a dissimetria que determina o gay jovem referente ao gay que naquele período era jovem.

Apontamos que, ao ser mencionado “idoso” por outrem, são demarcadas relações sócio-históricas que mantêm certos sentidos, todavia isso nos leva a compreender que essas relações são permeadas por diferentes olhares no que diz respeito à idade, visto que a experiência de

vida possibilita outros olhares para o mundo. Nessas relações sócio-históricas há um agenciamento de efeitos sobre ser velho/idoso, sustentado por certa negatividade, o que prescreve o afastamento ou negação, atualizadas do interdiscurso, fazendo retornar o já-dito, aquilo que foi dito, porém não aceito. Dito de outro modo: o ser com “mais idade” caracteriza certas condições e traços que não são aceitos.

Orlandi expõe essa questão teórica referindo que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação com a formação discursiva, apoiada no funcionamento do interdiscurso que inscreve, no discurso do próprio sujeito, os traços daquilo que o determina” (ORLANDI, 2018, p. 25). O seu imaginário sobre ser velho, sobre velhice pauta-se em algo ao qual ele não quer ser atrelado, não quer que se atribua a ele. Ocorre a negação daquilo que ele vê como ser idoso, mas são os outros o definem dessa maneira. O esquivar do título em análise conduz a outras percepções, sobre as quais questionamos: O que é ser velho/idoso? O que significa ser um gay idoso?

Ao trazer o “me assusta”, podemos notar que, no momento da produção da carta, gerencia-se uma dinâmica de voltar-se para o passado e colher de suas experiências, valores, posturas, ponderações, julgamento. Será que esse momento da escrita de si não mobilizou certas questões que antes não haviam sido abordadas? O olhar para si é perceber que pode dar conselhos, produzindo-se, assim, o sentido de que há uma grande responsabilidade atribuída aos que viveram diversas experiências e o que vivera traduz valores, gestos que os outros gays não vivenciaram. Cabe a Fine, assim, ofertar tais momentos, que o faz olhar para si com certos atributos que insiste em poder compartilhar com aqueles que não viveram tais experiências. Fine enuncia pautado na posição dissimétrica entre “ser gay idoso” e “ser gay jovem”, em que o possuir mais idade atribui sentidos como os de ter mais experiência/sabedoria e o condiciona a redigir um texto norteado por conselhos e advertências.

Desse modo, da posição sujeito autor da carta é inscrita a imagem do portador de conhecimentos adquiridos pela vida, daquele que quer orientar os mais jovens. Constitui-se, desse modo, uma imagem daquele sujeito autor que orienta, que adverte, que preserva determinada história, que significa a comunidade LGBT e também por isso é importante conhecê-la.

## **1.2. “Envelheci e agora?”: Dizeres acerca da velhice gay**

A Internet, como espaço de circulação de informação, promove o processo de significação do sujeito idoso em diferentes áreas do conhecimento e serviços. Trazemos, agora,

o recorte de um blog formado por enfermeiros, nutricionistas, advogados, administradores, farmacêuticos e terapeuta ocupacional.

Ao acessamos, no espaço digital, a produção de dizeres sobre o processo de envelhecimento e suas possibilidades e dilemas, temos as formulações sobre o outro, a partir de lugares específicos de autoridade, engendrados, os quais, conforme Orlandi (2008a, p. 44), “são uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos”. Trata-se, conforme a autora, de um funcionamento que perpassa o processo de institucionalizar, produzir sentidos operados por lugares específicos, como médico, estético, jurídico, farmacêutico, entre outros, que compreendemos como dizeres que estabelecem formas singulares de ver e definir a velhice.

Temos um território que significará sobre o outro, que é o sujeito idoso, perfilando formas de se dizer sobre o sujeito idoso e os desdobramentos acarretados desta condição humana. O blog se configura como esse território, circunscrito em um ambiente objetivado para produzir dizeres sobre o outro, formular significações sobre o outro, interpretar o outro. Nesta dinâmica em que reúne diferentes profissionais de diversas áreas, marca-se a inscrição de aferir orientações, preceitos, sugestões sobre o sujeito idoso, sendo que esse é significado na página virtual, determinada por discursos produzidos e em circulação por meio da tecnologia digital. Dias (2013b), ao analisar a relação linguagem e tecnologia, mostra que

a tecnologia vai, ao longo dos séculos, se constituindo como um campo de questões, de produção de discursividades, através da qual os sentidos do excesso (do dizer), da completude, de unidade do sentido e do novo se afirmam. Em suma, o lugar das relações de poder, uma vez que controlar o sentido é uma instância de poder (DIAS, 2013b, p. 52).

Frente a isto, compreendemos o blog como uma ferramenta de controle de sentidos, em que o sujeito idoso passa a ser interpretado, significado. Isso pelo fato de que o grupo que interage com a produção do blog detém certo poder para formular acerca desse sujeito, conduzindo sentidos. A seguir temos o recorte 5.



R5 – Captura de tela do Blog de “envelhecieagora”<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://envelhecieagora.com/blog/>. Acesso em: 24 out. 2019.



No recorte (R5) predomina a cor azul, em que quatros idosos, sendo duas mulheres e dois homens, estão imensos na coloração. No domínio há rostos felizes, festivos, o que, de imediato, conduz-nos ao efeito de sentido de que ser idoso é uma tranquilidade, um período da vida sustentado pela alegria de viver. Essa cor azul nos direciona, inicialmente, a algo superficial, regido de bem-estar e júbilo no estar vivendo a velhice, porém as águas calmas são agitadas por outros sentidos que são apontados para o sujeito idoso como, por exemplo, a forma que a família o trata, a valorização dada pela sociedade, os direitos que não são respeitados, a sexualidade que culturalmente é desvinculada e rechaçada.

Recortamos, a seguir, o logo do site que possibilita certas problematizações que se relacionam com os discursos sobre a velhice.



R6 –Recorte do logo do Blog de “envelhecieagora”<sup>8</sup>.

A imagem do sexto recorte (R6) produz sentidos e levantamos inquietações nos deparando com as sobreposições da junção do verbal com o não verbal. Nesse sentido, Lagazzi (2017) afirma que

a materialidade do discurso é a linguagem em suas diferentes materialidades significantes, quais sejam: a palavra, a imagem, o gesto, a musicalidade, o aroma, a cor, o enunciado, a cena, o corpo, a melodia, a sonoridade, enfim, diferentes relações estruturais simbolicamente elaboradas pela intervenção do sujeito (LAGAZZI, 2017, p. 36).

Desta maneira, compreendemos a produção de diferentes estruturas simbólicas que compõem o corpus documental e que nos permitem analisar os discursos sobre a velhice gay. É na imbricação desses elementos que nos é oportunizado compreender o funcionamento da linguagem.

Atrelado ao espaço digital, o logo se faz a partir do endereço eletrônico [www.envelhecieagora.com/blog](http://www.envelhecieagora.com/blog), em que se estabelece a relação entre linguagem e sociedade.

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://envelhecieagora.com/blog/>. Acesso em: 24 out. 2019.

Dias (2016a) discorre acerca da relação linguagem e tecnologia, apontando que “com o digital, cujos efeitos de sentidos produzidos pelo seu modo de inscrição histórica são eficácia e transparência que o significa como algo que não falha” (DIAS, 2016a, p. 12). Atribui-se, assim, a condição de infalível, ao digital, ou seja, aquilo (textos ou outras materialidades) que circulam está posto, cristalino e apresenta-se como evidente em seus sentidos.

Entretanto, temos ciência de que sujeito e sentido se constituem simultaneamente e devemos especificar que as significações acerca da velhice não são homogêneas e uniformes. Desse modo, trazemos questões atreladas ao processo sócio-histórico permeiam as formas de significar sobre o idoso, ainda mais o idoso gay.

Diante da relação que linguagem e tecnologia estabelecem, deparamo-nos com os efeitos de sentidos engendrados a partir do recorte, em que a sequência discursiva “envelhecie agora” é circundada pelo “www” e pelo “.com”, inscrita no discurso digital, naquele que circula e atualiza-se como acessível pelo clique. Dada essa acessibilidade, compreendemos que a tecnologia digital produz o efeito de permitir outras formas de obter informações/orientações.

O enunciado do site produz o imaginário da tomada de consciência de que o sujeito chegou ao processo de envelhecimento, o que se formula por um processo ilusório de que o sujeito não tinha consciência/ou não queria ter ciência de que esse fenômeno se manifestaria, ou seja, o envelhecer. Sustentada na primeira pessoa do singular, o verbo “envelheci” busca acionar certa inscrição para aquele que consulta/visita o blog.

A tomada de consciência se concretiza a partir de um contexto em que ser/estar velho não é associado a perspectivas positivas e/ou acolhedoras. Norteia-se um panorama em que essa tomada de consciência condiciona o presente enunciado “e agora”. “O agora” articula que o antes não se cogitava a velhice e “o agora” chegou. E “o agora” sustenta a imagem de um homem idoso, que indica movimento, está caminhando, no qual esse movimento dimensiona o símbolo da integração, a interrogação (?). “O agora” é mobilizado por diferentes possibilidades e alternativas e até hoje não se questiona sobre o envelhecer, de modo que “o agora” se abre para tal dinâmica.

Dentro do processo histórico-social em que o fenômeno de envelhecimento não é agradável, não é atrativo, o corpo não é mais o mesmo, outras possibilidades /práticas antes não pensadas/problematizadas/vividas se materializam, o “envelheci” aciona o processo de identificação: Sou idoso/velho e agora? As significações produzidas, anteriormente, são remodeladas, um novo modo de ser e de estar no mundo se estabelece, instaura-se.

Focamos no funcionamento do site “reportagem/notícia/artigo”, intitulado “Idosos homossexuais – Aprender para compreender”.



R7 – “Idosos homossexuais – Aprender para compreender”<sup>9</sup>

A sequência discursiva do recorte (R7) “Idosos Homossexuais – Aprender para compreender” mobiliza os sentidos de não compreensão acerca da velhice gay, condicionando que é mister aprender para compreender, respeitar, aceitar, tolerar. A realidade gay na velhice não se traduz em uma realidade de acolhida e respeitabilidade, visto que, ao significar/formular sobre o sujeito idoso homossexual no enunciado “aprender para compreender”, encontra-se então um contexto/situação não tido como natural e/ou normal.

A configuração ‘gay e idoso’ marca uma memória discursiva atrelada ao preconceito e negação. Dentro de uma sociedade cristã e capitalista, essas duas condições se baseiam na negação e na invisibilidade, ou seja, há uma regularidade em funcionamento. O artigo do site irrompe promovendo certo deslocamento e assim propondo a necessidade de aprender, pautada no conhecer quem são os sujeitos gays e idosos na busca de uma compreensão.

A imagem que sustenta o título da reportagem apresenta dois homens idosos, sentados em um momento de refeição/reunião, aparentemente felizes, celebrando. O local da acolhida que pode ser uma sala de jantar/uma cozinha e remete à intimidade.

Diferentemente dos recortes R1 e R3, que emolduravam as mãos dadas ao discutir acerca do relacionamento do sujeito idoso gay, na produção de sentidos do não conhecer, de

<sup>9</sup> Disponível em: <https://envelhecieagora.com/idosos-homossexuais-aprender-para-compreender/>. Acesso em: 24 out. 2019.

um interdito, de não saber que há relacionamentos nessa fase da vida, que foi ao longo do tempo, historicamente construído, o recorte R7 foca nos rostos, de modo que se quebra aquele imaginário de não ser falado e visto, propiciando a produção de sentidos de uma aproximação, de certa intimidade para aqueles que visualizam a matéria. Desse modo, mesmo que a imagem da matéria do blog não traga realmente quem são (em termos de identidade como nome, idade, endereço etc.), ela já direciona um processo de formulação de que os sujeitos idosos gays têm “cara”, têm sentimentos, têm direitos e deveres e, assim, devem ser respeitados.

A imagem do homem do lado esquerdo, com a taça de vinho na mão, remete a júbilo, a prazer. Os sorrisos conduzem ao momento de tranquilidade, de convivência em um espaço ocupado dentro de uma casa, ou seja, muitas vezes essa alegria é restrita a espaços mais íntimos. Questionamos assim: Será que, em público, o abraçar, beijar, andar de mãos dadas é permeado pela mesma tranquilidade que no espaço interno de uma casa?

Práticas de carinho e afeto são vivenciadas em lugares mais restritos e assim essa imagem produz a ilusão de que a sexualidade gay na velhice é banhada de tranquilidade e aceitação, todavia o título da reportagem quebra esse efeito de afetividade que a imagem evoca. Desse modo, a compreensão, o respeito e a tolerância podem se presentificar em relação ao resultado da busca por aprender que idosos possuem desejos sexuais e querem vivenciá-los da maneira mais plena.

Vieira (2016), em seu texto “A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência”, aponta que “socialmente, tem-se considerado a pessoa idosa como assexuada, desprovida de desejos e de vida sexual, como se os anos lhe trouxessem uma inapetência neste aspecto vital do desenvolvimento humano” (VIEIRA, 2016, p. 198). Temos, assim, que os sentidos produzidos para os idosos, pela sociedade, acerca da sexualidade se permeiam na negatividade, ou seja, construiu-se historicamente que sexualidade e velhice não possuem dinâmicas concretas, não se articulam, não coexistem, ainda mais quando aborda o idoso gay.

A vivência da sexualidade se atualiza como sinal de qualidade de vida, porém é produzido certo imaginário de que o idoso é desprovido do prazer e do desejo, remetendo-o a uma memória discursiva, um “já-dito”, de que idoso não faz sexo. Ao se deparar com a vivência de um casal gay idoso, formula-se o estranhamento, a rejeição, o preconceito, atrelado ao alerta do título da matéria que se sustenta na busca do conhecimento para que a compreensão e aceitação ocorram de maneira natural e humana.

### 1.3. Dizeres presentes na Parada Gay que circulam no espaço digital

O blog “50 e mais: Vida adulta e inteligente” traz em uma de suas reportagens questões acerca da velhice gay. Iniciaremos esta análise focando no título da matéria.



R8 – Matéria do blog “50 e mais: Vida adulta e inteligente”<sup>10</sup>.

“Eles também envelhecem”. Ao intitular a reportagem do blog desta forma, algumas inquietações emergem. A primeira é voltada na operação que se marca na distinção ao utilizar o enunciado “eles”, cravando, assim, que a formulação da sequência é direcionada a significar um grupo em que ele, o autor da sequência, não pertence e/ou não conhece. O sujeito-autor, desse modo, constitui-se na não vinculação com as dimensões que envolvem os sujeitos que estão sendo significados.

Orlandi (2012), a respeito do sujeito, afirma que

Quando dizemos que o sujeito, para se constituir, deve-se submeter à língua, ao simbólico, é preciso acrescentar que não estamos afirmando que somos pegos pela língua enquanto sistema formal, mas sim pelo jogo da língua na história, na produção

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.50emais.com.br/eles-tambem-envelhecem/>. Acesso em: 26 out. 2019.

dos sentidos. É o acontecimento do objeto simbólico que nos afeta como sujeitos. Algo do mundo tem de ressoar no “teatro da consciência” do sujeito para que faça sentido (ORLANDI, 2012, p. 102).

No processo de constituição do sujeito, esse irá se confrontar com outros processos de constituição (de sujeito e sentido), que expõem a diferença, ou seja, na produção dos traços e marcadores em diferentes instâncias, como a social, a econômica, a étnica, a etária, a orientação sexual, entre outras, que pontuam a segregação, a divisão dos sujeitos. Instaura, assim, a clivagem entre os sujeitos e essa clivagem, em muitos momentos, é dada pelo processo de significar o outro.

O simbólico aqui perpassa o sujeito gay que vivencia o processo de envelhecimento. Ao trazer tal sequência discursiva, “Eles também envelhecem”, denota-se a afirmação da existência de sujeitos idosos gays, isto é, que a condição da velhice abraça os homossexuais. Desse modo, formula-se o efeito de sentidos de que tal condição não é exclusiva dos heterossexuais, sendo assim gerenciada uma multiplicidade de sentidos no que toca à condição da velhice.

A formulação mobiliza o funcionamento da linguagem na sociedade, individualizando o sujeito pela ideologia. Atentemo-nos a algumas questões como, por exemplo, a de que uma ordem é rompida ao trazer o “também” como condicionante de inclusão. Ou seja, o envelhecer, processo natural não era, até então, atribuído aos gays.

Atrelado ao imaginário social de que ser gay é reduzido a performances ligadas à juventude, aos corpos esbeltos e saudáveis e regidos pela jovialidade em busca de prazer, elimina-se quaisquer vestígios que indiquem os sinais de velhice. Nesse sentido, o “também” rompe com essa perspectiva limitante acerca dos gays, norteador olhares em que ser gay e idoso não possuem sincronia.

Opera-se um controle, uma exclusão na compreensão do sujeito gay idoso, devido a uma imagem cristalizada ao ser idoso, na qual o gay jovem não possui relações diante do olhar hedonista que está ligado ao culto ao corpo e voltado para a vivência do hoje, não se preocupando como será sua velhice e, em muitos casos, produzindo olhares e práticas preconceituosas em relação aos sujeitos idosos gays. O irromper dessa visão faz com que os sujeitos gays idosos possam ser vistos e compreendidos em suas demandas, por diferentes áreas, o que afeta os sujeitos gays.

Cabe salientar que um efeito de negação é mobilizado e que faz atualizar sentidos de que outrora os gays “não envelheciam”. Era (de)negado tal processo natural. Aí nos deparamos com a violência simbólica, psicológica e/ou física que permeia(m) as vidas desses sujeitos em que era negada tal possibilidade.

Outro efeito que pode ser apontado é o de que, a partir de agora, orquestram-se outros sentidos: os de que os gays envelhecem e podem (e devem) viver de modo digno. E essa dignidade permite a visibilidade dos gays idosos em eventos, como a Parada Gay de São Paulo, conhecida internacionalmente pelo enorme número de participantes.

Na imagem do recorte (R8), como ponto central está um banner exposto, em que alguém que não é visto por estar atrás do mesmo o sustenta em cima de um trio elétrico, veículo muito usado em eventos de grande porte, onde há diversas pessoas. Aqui, algumas questões já são mobilizadas, tais como: O ato de expor um banner com dizeres é uma atitude individual, sem apoio de grupos ou entidade? Os que estão no trio elétrico compartilham com os dizeres? O que se pretende mobilizar com tais dizeres? Quais os efeitos de sentido possíveis a serem atualizados?



R9 – Banner exposto: “gays idosos também são (muito) gostosos!!!”

Focamos nas cores, na busca de destaque, de realce, da formulação enunciativa exposta no nono recorte (R9). O vermelho pode remeter à cor quente, possibilitando o enfoque. Associa-se ao enunciado “gays idosos”, em azul, o atributo de que são “gostosos”, o que produz um olhar acerca daqueles que admiram e desejam este público. Tal formulação nos permite observar o deslocamento em que a vivência gay é atrelada ao ter sempre acesso a corpos malhados, joviais, que expressem saúde e virilidade e o corpo do idoso não compacta com essas características. Desse modo, publicizar esses dizeres produz a possibilidade de direcionar-nos para os sentidos de que há sujeitos gays idosos com plena vida sexual e a circulação desses dizeres possibilita compreender que a maioria não vê e/ou não entende os gays idosos como também “gostosos”.

Os dizeres mobilizam a ruptura, a quebra no que se refere aos corpos desejantes e corpos desejados. Norteia-se, assim, outra formulação a partir da ordem do discurso, em que é operado um consenso dominante do desejo como atrelado a certo tipo específico de corpo, porém trazer uma faixa em uma parada gay produz sentidos outros.

Questionamos: Os gays idosos são desejados? A quem atribuir ser gostosos ou não? Organiza-se outra perspectiva ao idoso gay e à velhice, não atrelada a questões negativas, mas propiciando a presença e a vivência da sexualidade no envelhecimento, o que aciona uma memória discursiva ressignificando sentidos de que os idosos gays não têm vida sexual plena e de que não possuem corpos que são atraentes.

Sobre o recorte 9: É um grito? Um protesto? Um alerta? A negatização acerca da velhice opera em diferentes grupos sociais e expor uma faixa marca os efeitos opressivos dessa negatização e faz irromper entre os gays “jóvens” que os idosos gays querem e desejam viver suas experiências sexuais.

O gesto de trazer o “muito” entre parênteses fornece a confirmação, a intensificação do que é proposto e mobiliza a produção de olhares para os idosos gays como sujeitos pulsantes. O banner do R9 traça que outras percepções podem e devem ser atribuídas ao idoso, norteando, de certa maneira, que a sexualidade e/ou a vivência desta não é restrita a uma faixa etária apenas.

No pensar discursivamente a linguagem, temos o processo parafrástico sobre o qual Orlandi aponta que

Os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado (ORLANDI, 2015, p. 34).

Nessa dinâmica, compreendemos que, ao produzir diferentes formulações que podem emanar da sequência discursiva (R9), o já-dito é acionado, possibilitando a produção de outros sentidos. Assim, deriva-se a seguinte paráfrase: “*Gays também são (muito) gostosos*”. Aqui vemos a produção de outros sentidos, que deslocam para a constituição do sujeito, sendo esse inscrito em uma condição mais ampla, ou seja, não há uma definição específica e produz-se um efeito homogeneizante.

Também pode-se elaborar a seguinte paráfrase: “*Gays idosos são (pouco) gostosos*”, havendo aí uma mexida na filiação de sentidos que se traduzirá no modo de intensidade, no qual o gay idoso é visto e compreendido. Diante desse exercício parafrástico, entendemos que cada sequência produzida irá se filiar a uma determinada formação discursiva.

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam



seus sentidos das formações discursivas em que inscrevem. As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Deste modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. (ORLANDI, 2015, p. 41).

Compreendemos que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia que o constitui, ou seja, há o processo de assujeitamento; isso expõe-nos que, ao produzir dizeres, todo sujeito fala a partir de uma formação discursiva, marcando sua posição sujeito. Assim, o sujeito, ao produzir uma sequência discursiva, irá significar e se significar conforme a formação discursiva em que está inscrito, deste modo com a posição ocupada num determinado contexto histórico-social.

Vejamos mais um recorte que mobiliza os sentidos de velho/idoso gay e a sua sexualidade.



R10 – Banner – Grisolho: A sétima cor do arco íris.

Na mesma imagem temos o décimo recorte (R10), em que, também, consta outro banner em posição não centralizada. Trata-se de um banner na cor branca, com destaque para a imagem de uma bandeira com as cores do arco-íris e abaixo os seguintes dizeres “GRISALHO: A SÉTIMA COR DO ARCO ÍRIS!”.

Em evento da comunidade LGBT, como a Parada Gay de São Paulo, é comum o uso de cartazes com a finalidade de convocar, protestar, denunciar, reclamar e a faixa mobiliza dizeres que se desdobram enquanto luta de um grupo de sujeitos gays, na maioria relegados à invisibilidade. Em um trio, que conduz as músicas dos eventos, os integrantes que vão usar a palavra durante o evento representam, também, grupos, Organizações Não-Governamentais (ONGs), que lutam pela causa LGBT.

Desta maneira, temos um trio elétrico que traz dizeres que remetem à velhice gay, que se materializam como um acontecimento discursivo, definido por Pêcheux como “um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p. 17). Assim, deparamo-nos com a tensão entre o que já é regularidade e aquilo que produz sentidos outros marcando, na perspectiva da instabilidade, o conflito, deflagrando as marcas do conflito.

Destacamos a bandeira gay que se encontra em destaque na faixa da imagem em análise. A bandeira materializa uma causa, uma posição política, uma agremiação, um país, um grupo, é um símbolo que concatena os ideais, os projetos, as lutas.

O gesto de impor a bandeira a frente de um grupo imprime que esse símbolo é tido como a referência dos interesses dos mesmos, o que faz operar um furo na regularidade, pelo fato de que, ao impor uma bandeira, tais ideais não compactuam com a maioria. Aí entra em cena a necessidade de uma materialização imagética daqueles ideais/projetos não vistos ou ignorados pela maioria da sociedade, que se constitui em um gesto político marcado pela tensão.

Na faixa, a bandeira com as cores do arco-íris está em movimento, está contra o vento e esse confronto com o vento a faz manter expandida, manter visível. É na luta que os sujeitos que almejam direitos não contemplados, de maneira efetiva, que se articulam para serem vistos e requerem projetos que oportunizam vida digna, respeito, trabalho, saúde, educação, entre outros.

A bandeira, desse modo, materializa a luta e o seu movimento aberto para a possibilidade da visibilidade nos remete ao confronto, à resistência. Nesse encontro entre uma atualidade e uma memória, que constitui um acontecimento discursivo, trazemos como uma memória discursiva a pintura emblemática de Delacroix, intitulada “A Liberdade guia o Povo”, de 1830, que está no Museu do Louvre em Paris e sempre é estampada nos livros didáticos de História.

Nessa obra, uma das personagens retratadas do episódio que aborda a Revolução Francesa<sup>11</sup> de 1789, é a bandeira francesa, sustentada pela Liberdade, figura feminina, que está em

primeiro plano, a imagem simbólica de Liberdade, empunhando as três cores francesas e a baioneta, encoraja a multidão a seguir em frente. De proporções maiores em relação aos outros personagens, a figura transforma a sua semelhança com as jovens populares numa alegoria, transformando-se em um ícone da utopia do presente (ABRIL, 2011, p. 76).

---

<sup>11</sup> A Revolução Francesa perpassa o período de 1789 a 1799 de uma intensa agitação política e social no território francês, a qual promoveu um impacto na história da França e assim expandiu-se para todo o continente europeu.

O uso da bandeira configura a referência da busca por outras possibilidades, que oportunizem mais direitos e respeito. Na obra de Delacroix, além da Liberdade, outras personagens que integram o episódio revolucionário se fazem presentes destacando seus antagonismos e a tensão que paira sobre o confronto por uma outra França naquele momento.

Na imagem, que é exposta na faixa, não há sujeitos, somente a bandeira. Ocorre a atualização dessa memória, o uso da bandeira na luta, porém o sujeito não é visto, não é reconhecido. A bandeira gay, assim, incorpora a luta do movimento LGBT, que historicamente remete à Revolta de Stonewall, no ano de 1969, quando

as batidas policiais no Stonewall Inn eram constantes, frequentemente prendendo funcionários, clientes sem identificação ou simplesmente homens trans ou vestidos como mulheres (a lei nova-iorquina previa prisão para homens travestidos). Quando, às 1h20 da manhã do dia 28 de junho de 1969, quatro policiais decidiram invadir o local, o que se esperava era que a batida fosse mais uma operação policial padrão. O que se deu, no entanto, não podia ser mais diferente – e mais radical, transformador, violento e simbólico da necessidade de mudanças pela qual não só os EUA como todo o mundo precisava passar (PAIVA, 2018, on-line).

Diante desse movimento de resistência e existência, o uso e a presença de símbolo, como a bandeira, materializaram essa dinâmica que instalara sua presença, posteriormente. Atualizou-se a memória, constitui-se um novo olhar e uso político para a bandeira do arco-íris.

E diante dos dizeres, outro movimento é operado ao incluir o enunciado “grisalho” como a sétima cor do arco íris, fazendo mobilizar sentidos outros que envolvem o político e o corpo. Sobre a noção de corpo discursivo, temos as palavras de Ferreira a seguir.

Ao pensarmos a noção de corpo, enquanto corpo discursivo, não empírico, não biológico, não orgânico, o estamos propondo como um objeto discursivo, como materialidade que se constrói pelo discurso, se configura em torno de limites e se submete à falha. Para dar vida e fôlego a essa formulação, torna-se necessário a inclusão do real do corpo como categoria incontornável do campo discursivo. O corpo entraria no dispositivo como constructo teórico e lugar de inscrição do sujeito. Esse corpo que fala seria também o corpo que falta, donde a inclusão da noção de real do corpo, ao lado do real da língua e do real do sujeito. A exemplo do que singulariza o registro do real, o real do corpo seria o que sempre falta, o que retorna, o que resiste a ser simbolizado, o impossível que sem cessar subsiste (FERREIRA, 2013a, p. 78)

Envolto nessa discussão, compreende-se o corpo como inscrição do sujeito e, dessa maneira, o processo de significação para o corpo no que se refere ao ato de envelhecer que perpassa por diferentes relações e mudanças. Os sinais do envelhecimento demonstram um processo natural, porém, na grande parte, são combatidos como botox para as marcas no rosto, ginástica para o fortalecimento muscular, tinturas para os cabelos brancos.

Para a comunidade gay, à qual é atribuída a perspectiva de jovialidade, de corpos ágeis e frenéticos dispostos a frequentar baladas, dispostos a moldar o corpo em academias, a figura do idoso não faz tanta sintonia com essas prerrogativas. Diante da invisibilidade da velhice, foi construído um panorama estático, em que tais imagens imperam contribuindo para que o idoso gay seja relegado a um limbo, não tendo o devido respeito para com a sua vivência e experiência.

É nesse processo de quebrar com tais traços mencionados que ocorre o acontecimento discursivo em que o grisalho faz parte do arco-íris, ou seja, o enunciado “GRISALHO: A SÉTIMA COR DO ARCO-ÍRIS” conduz a um movimento de sentidos que perpassa o político. Orlandi, nesse sentido, aponta que

A partir do princípio discursivo do trabalho do político, levamos em conta o fato de que o sentido é sempre dividido, tendo uma direção que se especifica na história, pelo mecanismo ideológico de sua constituição; há simbolização das relações de força, de poder, que se estabelecem na divisão própria à sociedade capitalista (ORLANDI, 2013c, p. 06).

Norteados pelas reflexões orlandianas, podemos compreender a mobilização da divisão, das relações de forças se articulando. O idoso gay, na sua maioria, não se identifica com os traços produzidos para o gay, que é marcado pela jovialidade, agilidade, disposição, ou seja, por um imaginário que cristaliza o gay, reduzindo-o a determinadas práticas e posturas.

Permeados por essa cisão, os sujeitos idosos gays irrompem com essa invisibilidade imposta, tanto que, nos dizeres, não há o verbo de ligação “é”, o que configura uma determinação, uma definição mobilizada pelos dois pontos (:).

Articulam a luta de compor o colorido, que traz a diversidade, a comunidade gay, apontando que o grisalho, que é a cor do cabelo atrelado ao idoso, também compõe essa diversidade. Não está invisível, está aí na sociedade lutando para sobreviver e reivindicando os seus direitos que lhe são negados e, um deles, é viver sua sexualidade, sua identidade de forma plena, sem restrições e exclusões.

Aqui se instaura um dilema de como a comunidade gay, que é historicamente marcada pela diversidade, necessita de um banner para constar a presença do “grisalho” junto ao mundo gay. A imagem do idoso gay é rejeitada, não se atrela com aquela imagem que o gay quer cultivar e manter.

O culto ao corpo e aos excessos do prazer é estimulado, gerando-se um estado de carência permanente, em nossa cultura atual, que valoriza a juventude, o excesso de prazeres e o culto da felicidade, como sinônimo de ausência de sofrimentos, doenças e dores. Tornar-se velho é sinônimo de aberração. O tempo é visto como algo linear

em direção à morte, tendo a velhice como fase final. Logo, ninguém quer envelhecer (ANTUNES, 2017, p. 326).

Aqui, notamos o movimento da interpelação pela ideologia, que está materialmente ligada ao inconsciente. O culto ao corpo esbelto mobiliza ações, gestos, movimentos corporais que são regidos por um interdiscurso, um já-dito, que é operado pela imagem que ser idoso materializa. Muitas vezes, a busca por se manter jovem, pelo menos fisicamente, também recai na rejeição dos sujeitos que representam o envelhecimento e a concretização desse processo.

Marca-se uma divisão, aqueles que são jovens gays e aqueles que são idosos gays. Articula-se uma convivência traçada pela tensão, negação, rejeição. A divisão marca essa convivência, um grupo que é visivelmente ativo, viaja, compra, dança, celebra e o outro se constitui, na sua maioria, em contraposto àquilo que é o jovem gay. Mas esse movimento rompe, quebra, produz outros funcionamentos quando tal grupo que, historicamente, não fora visto, organiza-se e ocupa um trio na Parada Gay de São Paulo.

Essa divisão é operada, mas também é articulada com outros sentidos, dos quais o sujeito gay idoso faz parte do colorido gay e não pretende mais ficar na invisibilidade, atrofiado por aspectos negativos atribuídos por ser idoso.

Há uma rede de sentidos que é rompida ao incluir a cor grisalho junto às cores do arco-íris e movimenta a produção de outros sentidos que, até então, não foram formulados. Funciona-se o movimento da resistência, da existência e da persistência, em que o cabelo grisalho era condicionado a uma inscrição de não ser visto. Rasga-se esse tecido discursivo estabelecido, multicolorido, para mobilizar uma relação com o outro.

Esse outro é o jovem gay, que também sofre nas ruas, nas instituições, diferentes formas de agressões, de interdições por ser quem é. Acuado, ele busca não ver o futuro, o envelhecer – assim aquele que materializa esse processo também não é visto, não é respeitado e/ou desejado.

Mobiliza-se, neste cenário, a presença do discurso do preconceito, no qual Orlandi propõe em seus estudos que:

É importante salientar que o preconceito é de natureza histórica-social, ele se realiza individualmente, mas não se constitui no indivíduo em si. Ele se constitui nas relações sociais, administradas pelo político, pela maneira como são significadas, na formação social capitalista, em que a questão da diferença é uma questão tematizada pelo próprio exercício das práticas sociais. Não é um processo consciente e o sujeito não tem acesso ao modo como os preconceitos se constituem nele. Vêm pela sua filiação a sentidos que ele mesmo nem sabe como se formaram nele. Isto se dá pelo funcionamento do interdiscurso, saber discursivo, na relação com a ideologia: saber que fala por si mesmo (ORLANDI, 2018, p. 94).

Mobiliza-se uma rede de filiações, o interdiscurso funciona, um saber já-lá. E, nesse processo, a posição sujeito jovem gay se constitui numa base discursiva alimentada por certos aspectos, como ser esbelto, ágil, disposto, dinâmico, consumidor, belo, entre outros que, ao funcionarem, automaticamente trazem outros aspectos contrários e negados.

Aí reside o preconceito, trabalhado por Orlandi, pois o sujeito é filiado a uma rede de sentidos vigentes que, ao estabelecer a tensão das relações sociais, engendra uma rejeição de diferentes modos aos sujeitos que não estão inscritos na sua rede de sentidos. Elaboram-se as diferenças, os antagonismos que marcam a cisão social e aí compreendemos a luta dos sujeitos idosos gays para se mostrarem e estarem celebrando sua sexualidade, suas vidas, em um trio elétrico, em plena Avenida Paulista, na Parada Gay.

#### 1.4. Qual a imagem do idoso gay?

Mediante este olhar para com o idoso gay, marcado pela segregação, divisão e exclusão, deparamo-nos com a seguinte matéria em notícias disponíveis no espaço digital:



R11 – Captura da Matéria do site “O Globo”.<sup>12</sup>

Imersos na lógica capitalista, compreendemos que a forma sujeito-histórica é pautada na divisão, na cisão, na desigualdade, visto aqueles que detêm os meios de produção e aqueles que ofertam sua mão-de-obra, gerando e mantendo essa dissimetria social. Munidos dessa perspectiva, o consumismo é um elemento que impera nesta relação divergente, em que alguns possuem a possibilidade de ter acesso a diferentes itens, enquanto outros não.

<sup>12</sup> Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/a-imagem-do-jovem-gay-a-que-vende-diz-ativista-pelos-direitos-dos-idosos-lgbt-23769602>. Acesso em: 28 out. 2019.

Para consolidar o imaginário sustentado pelo consumismo, este é atrelado a uma perspectiva ligada à beleza, à força, à jovialidade, promovendo um arquétipo do perfil que provoca/estimula o ato de vender e, assim, consumir. Nisso, deparamo-nos com a realidade social que não se enquadra, totalmente, neste imaginário, mas, simultaneamente, a busca para que essas perspectivas possam ser alcançadas ao consumir aqueles produtos de estética, de emagrecimento, antirrugas, tinturas para os cabelos, um combo da juventude eterna.

Frente a esse cenário, o espanhol Federico Armenteros formulou os dizeres, alertando que a imagem do gay idoso não está inscrita para a promoção da comercialização de produtos, projetos sociais, campanhas de saúde.

Elabora-se um aviltamento acerca do idoso gay e faz funcionar um discurso dominante em que exerce a sensação de que o gay é um eterno jovem, que não envelhece.

A matéria do site do “O Globo” traz as questões que foram formuladas para Armenteros, visto que ele é o presidente de uma fundação que criou o primeiro asilo público para LGBTs no mundo, na cidade de Madri. A matéria é iniciada apresentando o ativista e justificando sua presença na cidade de São Paulo para a participação no “3º Seminário Velhices LGBT: Resistência, superação e um legado de esperança”, promovido pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, em parceria com a ONG Eternamente Sou, com o apoio do SESC.

O site selecionou um fragmento da entrevista de Armenteros para destacar a matéria: “A imagem do jovem gay é a que vende”. Observamos, assim, o uso das aspas como forma de demarcar que tal posicionamento é do ativista, ou seja, tal formulação é de responsabilidade daquele que fala, daquele que se inscreve neste enunciado. Conforme Authier-Revuz, as aspas são “a marca de uma operação metalinguística local de distanciamento: uma palavra, durante o discurso, é designada na interação do receptor como o objeto, o lugar de suspensão de responsabilidade – daquela que normalmente funciona para as outras palavras” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219).

Esse movimento possibilitado pelas aspas demonstra o distanciamento que o site quer produzir enquanto uma ênfase, um realce sobre a fala do ativista nesse espaço que é de notícias, de informações que tem um perfil ideológico e político. Trata-se de um movimento de que tal discurso não compactua com os preceitos do veículo informativo, na ânsia de eximi-las de quaisquer responsabilizações que possam ocorrer. Assim, vemos que isso mobiliza uma sensação de que tal fala pode gerar incômodo, de modo que o uso das aspas funciona para confirmar a imparcialidade e o distanciamento destes dizeres, sem afetar de maneira direta o site que publica tal matéria.

A criticidade que é movimentada nessa formulação recai para seu autor, noção muito trabalhada por Orlandi e que possibilita compreender que: “o autor é o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, representa, pela linguagem, esse papel na ordem em que está inscrito, na posição em que constitui, assumindo a responsabilidade pelo que diz, como diz etc.” (ORLANDI, 2015, p. 74).

Frente a esse aporte teórico, compreende-se que o sujeito autor é confrontado por aquilo que produz, aquilo que defende e expõe. Ao produzir tais dizeres, o autor traz, em si, uma dinâmica complexa ao concatenar em seus dizeres tal formulação. Percorre e ultrapassa o que é tido como ordinário, estabelecido, assim, o autor sai deste marasmo ordinário dado para mobilizar situações e sujeitos que não são vistos ou respeitados.

Federico, em sua fala que é destacada como título da matéria, pretende oportunizar a produção de atenção ao sujeito LGTB idoso que não é visto pelo mercado. Ao trazer que a imagem do jovem gay é a que vende, o ativista marca as condições de produção de um aviltamento para o sujeito idoso gay como não tendo esse espaço, direitos, produtos, serviços, entre outros que possam garantir uma vida digna.

Esse enunciado foca na imagem do jovem gay, à qual é atribuída um poder de venda e, dessa maneira, de consumo. Mobiliza-se, assim, um imaginário que defende que esse sujeito jovem, com poder de consumo, visto que trabalha e produz, consome, viaja, possui aspectos que produzem um sujeito consumidor em potencial, conduzindo, de maneira muito recorrente, a uma perspectiva de uma única imagem de sujeito gay consumidor.

É organizada uma dinâmica regida pela memória discursiva, em que um movimento do que já é falado antes materializa-se nos dizeres de Federico. Ao recortar somente esse fragmento, notamos a produção de efeito sustentada pela negação. Sou idoso, então não vendo, não consumo, não participo desta dinâmica capitalista. Aí marca-se um jogo discursivo, em que se apresenta uma posição-sujeito, na qual, o ativista, entende-se que não é integrado. Aponta-se o outro, marcar-se uma formulação de relação ao outro, o ele, ele tem vende, ele produz: e o eu, onde está? Como sujeito idoso gay, militante, sua fala não pretendem acionar o óbvio e, desse modo, é, sim, a produção de uma discursividade regida pela marginalização de direitos, espaços, oportunidades a sujeitos idosos.

Ocorre um restringir na relação sujeito/produto, circulando nas mídias essa imagem jovial, produtiva e consumidora, o que faz operar uma memória discursiva, um já-dito. Articula-se, assim, um efeito de sentido sobre quem produz, consome e, desta maneira, há toda uma produção publicitária para esse sujeito, articulando um arquétipo para essa dinâmica. Diante



disto, podemos ainda dizer que há a exclusão/marginalização do sujeito idoso gay, pois ele não vende porque não produz.

Quando trabalhamos com a produção de discurso dos sujeitos, temos de compreender que eles estão se movendo nas contradições das relações sociais de uma determinada sociedade, trabalhamos com a sociedade burguesa e a forma de ser desta, que tem por lógica transformar tudo em mercadorias, tem implicações fortes na constituição dos sujeitos histórico-sociais inseridos em práticas objetivas que constituem sua objetividade e concomitantemente constituem a própria objetividade (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 77).

Nas relações sociais imbricadas no contexto capitalista, a contradição se faz presente. Aqueles que dinamizam o produzir/consumir, possuem valorização e visibilidade. Aqueles que não estão dentro desta dinâmica econômica, ficam reservados ao limbo social, marcados pela negação e marginalização.

A imagem atribuída à velhice vai contra a correnteza publicitária em voga, estabelecendo o espaço mínimo a este grupo. Federico vem alertar sobre a presença/existência e as necessidades deste grupo dentro da sociedade.

Ao elencar que há essa dissimetria, esta contradição em que a lógica capitalista tende a priorizar um determinado grupo, Siqueira aponta que:

A figura do idoso aparece na propaganda sob a forma de caricatura ou força coadjuvante representativa de consumo. Quando um idoso aparece em uma propaganda, ele serve apenas como um 'recurso visual' para ratificar uma ideia. Daí, observa-se que os comerciais são até bem feitos, mas tratam o velho como uma criança ou um engraçadinho (SIQUEIRA, 2001, p. 54).

O sujeito idoso não é tido como um consumidor em potencial, em vigor, que tem poder de compra, elaborando, assim, um estereótipo infantilizado que percorre as margens da publicidade capitalista. Reforçamos que, quando se trata do sujeito idoso gay, quão à margem ele estará. Desse modo, trazemos para nossa reflexão a questão da propaganda por ela ser um reflexo do sistema capitalista, que marca os efeitos de sentidos produzidos para o sujeito que produz. Nesse sentido, um já-dito é acionado nesses dizeres, uma memória discursiva se faz presente: “A imagem do jovem gay é a que vende”.

A matéria do site O Globo organizou uma apresentação do ativista e, em outra parte, na sequência, estruturou a matéria em perguntas e respostas, em que a jornalista Eliza Martins produziu questões para o Federico. Apresentamos, a seguir, uma dessas questões.

**"Velhice" e "LGBT" são termos que raramente aparecem juntos  
em uma discussão. Por quê?**

R12 – Fragmento da entrevista de Federico Armenteros.<sup>13</sup>

Ao trazer os marcadores sociais “velhice” e “LGBT” como destoantes e entrelaçados pelo “e”, marca-se uma barreira sócio-histórica. Orlandi nos traz a seguinte reflexão “este e é o da conjunção, sendo necessário interrogar-se sobre o que regula a compatibilidade dos conjugados, e em que pontos se conjugam” (ORLANDI, 2018, p. 19). Ao mobilizar a questão dos conjugados, propondo a possibilidade de certa sintonia, interação e/ou possibilidade de se relacionarem, configurando um imaginário estabelecido, o uso do “e” marca o distanciamento, a segregação, em que esses marcadores sociais, essas condições, encontram-se na trama do não-possível. O “e” funciona como algo que junta e que separa ao mesmo tempo, atestando esse sentido de segregação e conseqüente inclusão. Ao enunciar “velhice” e “LGBT”, de maneira entrelaçada pelo “e”, formula-se o espanto pela presença da palavra “raramente” no enunciado em questão.

O “raramente” consiste no olhar da jornalista e compreende que a conjugação “velho” e “gay” não é comum, não circula com facilidade nas conversas, nos diálogos, entre outros. O não comum nas conversas, nas sociabilidades, não traduz que essa realidade, que é a do idoso gay, não existe. Ela existe, porém, não é vista e/ou não a desejam ver e/ou compreender. Instaure-se pelo silenciamento. Trazemos, desse modo, Orlandi, que trabalhou com a noção de silêncio, em sua obra **As formas do silêncio: No movimento dos sentidos**.

A relação dito/não dito pode ser contextualizada sócio-historicamente, em particular em relação ao que chamamos o “poder-dizer”. Pensando essa contextualização em relação ao silêncio fundador, podemos compreender a historicidade discursiva da construção do poder-dizer, atestado pelo discurso.

Com efeito, a política do silêncio se define pelo fato de que ao dizer algo apagamos necessariamente outros sentidos, mas indesejáveis, em uma situação discursiva dada (ORLANDI, 2007b, p. 73).

Apoiados pela reflexão acima, deparamo-nos com a formulação do “poder-dizer”, firmado em convenções sociais que, aqui, entendo como coerções sociais, as quais nutrem um modo de ser e estar na sociedade. Conjuguar, juntar, mesclar a velhice com o LGBT provoca um certo mal-estar, um incômodo. O “raramente” articula o silêncio que é formulado diante desse

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/a-imagem-do-jovem-gay-a-que-vende-diz-ativista-pelos-direitos-dos-idosos-lgbt-23769602>. Acesso em: 28 out. 2019.

mal-estar. O advérbio opera a intensidade que esta conjugação circula, ou seja, algo que mobiliza a negação, a rejeição, que não permeia os diálogos. Aí também se produz a não compreensão acerca da realidade dos sujeitos idosos gays. A não-compreensão que é regida pela violência física, psicológica, emocional, de não usufruir de direitos básicos, como cuidados médicos, acolhimento, aposentadoria, entre outros. O “raramente” é gritante por traçar o perfil de uma sociedade que rejeita, que exclui, que mata e agride.

A jornalista, em sua formulação, marca o funcionamento do “poder-dizer”, em que certos assuntos, temas, não estão em voga por produzirem situações desconfortáveis. Desse modo, a imagem do idoso, que vive plenamente sua sexualidade, aciona uma dissimetria construída historicamente e, quando essa imagem cai e opera-se o contrário, outros sentidos são produzidos. Nesse contexto, quando se agrega a sexualidade do idoso, a questão da homossexualidade, agencia-se esse mal-estar social com maior vigor.

Federico, no desenrolar de sua resposta para a jornalista, traz a seguinte sequência discursiva: “É um choque para as pessoas quando digo que sou idoso e gay. Parece que não combina”<sup>14</sup>. Nesse sentido, o ativista aciona em sua fala a questão da alteridade, do outro que mobiliza uma relação interpessoal. Ao se inscrever como idoso gay, o entrevistado afirma que o que tal inscrição produz nas pessoas “é um choque”, de modo que o estranhamento é mobilizado, aquilo que quebra o cotidiano, que fragmenta a ordem do discurso. Ou seja, que entra em confronto com a memória discursiva, mobilizando outros sentidos e produzindo o efeito de distanciamento, de não identificação.

O “eu”, marcado pelos dizeres “idoso” e “gay”, aponta a constituição do sujeito e para a linguagem como mediação dessa constituição. Dito de outra maneira, é a linguagem que funciona como mediação do homem e mundo e oportuniza o confronto com as diferenças, assim, ao dizer que é gay e idoso, marcará a sua relação com o outro. A resposta dessa relação é o choque, o estranhamento, a não criação de vínculo, materializando a diferença e, ao se significar, o entrevistador significa as relações que são estabelecidas e a maneira como as traz acaba sendo um choque.

Os dizeres “Parece que não combina” a partir da junção de “idoso” e “gay” produzem e reproduzem os efeitos que são marcados pela historicidade. Há uma ordem sócio-histórica que

---

<sup>14</sup> MARTINS, Elisa. A imagem do jovem gay é a que vende", diz ativista dos direitos dos idosos LGBT: educador espanhol Federico Armenteros criou o primeiro asilo público para essa população no mundo. 2018. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/a-imagem-do-jovem-gay-a-que-vende-diz-ativista-pelos-direitos-dos-idosos-lgbt-23769602>. Acesso em: 28 jun. 2019.

regula as formas de ser, elaborando um arquétipo proposto para a sociedade de forma cristalina: Hétero, branco, pai de família, trabalhador, consumidor, feliz.

Alguns pontos dessa ordem sócio-histórica, que, ao longo da história, cultivaram um panorama negativo sobre a questão da homossexualidade, são discutidos por Gomes (2015), que aponta o seguinte:

No livro bíblico do Levítico, a homossexualidade foi descrita como uma “união abominável”. E segundo o apóstolo Paulo, seus praticantes estavam excluídos do Reino de Deus. Vista pela Igreja medieval como o mais torpe dos pecados da carne, foi associado à luxúria e à animalidade, que descaracterizavam o homem como ser racional. Os resquícios desta mentalidade cruzaram séculos. No Portugal moderno, no século XV, a relação entre pessoas do mesmo sexo foi chamada de “mau pecado”, de sodomia ou “pecado nefando” – ou seja, algo do qual não se deveria falar – por todas as Ordenações do Reino (códigos legislativos portugueses baixados pelos monarcas entre os séculos XV e XVII). Mais que condenada, foi criminalizada pela Igreja, pelo Estado e pela Inquisição, e as penas mais severas incluíam a morte (GOMES, 2015, p. 12- 13).

Em momentos históricos específicos, conforme Gomes (2015) descreve, demonstram as posturas, reações acerca da homossexualidade, recaindo ao sujeito gay uma série de restrições e punições que constituíram um olhar negativo e cruel.

Desta maneira, deparamo-nos com esse discurso atrelando ao sujeito gay a marginalidade na sociedade, por não se encaixar nas normas e preceitos que mantêm e conservam a sociedade, antes regida pela Igreja e atualmente gerenciada pelas relações econômicas. Assim, qualquer assujeitamento, que rompa com essas nuances, funciona com a desorganização sócio-histórica, pois há uma imposição da forma de ser e aquele que sai desse arquétipo conduz ao aspecto de não combinar, de não estar dentro deste panorama que vigora. Marca-se aí o outro, aquele que não é visto e respeitado.

O combinar é um movimento de estar lado a lado, de produzir nesse movimento certas semelhanças, certa compatibilidade e, quando é acionado o “não combina”, instaura a produção de sentidos que promovem a postura de negação, rejeição e distanciamento. O combinar, assim, ativa uma memória discursiva sobre como agir, como amar, como trabalhar e já prescreve as práticas sociais de um indivíduo na sociedade. Por outro lado, ocorrendo o movimento contrário, essa ordem é desvinculada, não agrada, não vende, não lucra, não é aceita.

Nesta trajetória de buscar compreender como são significados os idosos gays no espaço digital, apoiamo-nos em Dias (2016b) que, com seus estudos, trabalha a questão do digital na sociedade contemporânea, produzindo reflexões acerca da tecnologia, do digital, da sociedade e do discurso. Para a autora:

O discurso da tecnologia em geral, produz, portanto, efeitos na maneira como o digital se materializa na sociedade, discursivamente, como uma das peças importantes do

modo de organização da vida em seu conjunto, na formação social capitalista, e do modo de individuação do sujeito pela conectividade como “autenticadora” da entrada desse sujeito no mundo “civilizado” da ciência e da tecnologia (DIAS, 2016b, p. 298).

Ancorados nesta reflexão, compreendemos a presença do digital no cotidiano da sociedade, no dia a dia do sujeito, que, na sua grande maioria, é tomado pelo digital, pela questão da conectividade. Estar conectado, estar on-line, fazer compras em lojas virtuais, fechar contratos por meio de web-conferências, namorar através de aplicativos de encontros, locomover-se no espaço urbano por meio de aplicativos de transportes como Uber, 99, entre outros, colocam em cena as maneiras como o digital constitui as relações atualmente e, neste constituir, os processos de significação perpassam a materialidade digital.

### 1.5. O presente e o passado se encontram: Corpos em discurso

No site do “*Bol*” que se define como “um serviço de e-mail grátis pioneiro no país, o portal traz ainda bate-papo (chat), notícias e fotos em tempo real e plataformas ...”<sup>15</sup>, oferecendo alguns campos temáticos para que o visitante/ leitor possa escolher a opção conforme seu interesse. No site, há um dos campos temáticos, intitulado “LGBT”, que ao ser clicado conduz para a página do Observatório G (<https://observatoriog.bol.uol.com.br/>) que aborda assuntos do mundo LGBT.

O “Observatório G” se define, como consta na página eletrônica, como “um site da comunidade LGBT+” e dentro dele há ramificações, como notícias, comportamento, entrevistas, entre outros. Assim, encontramos a seguinte matéria, que apresentamos como nosso recorte (R13):



R13 – Captura do título da matéria sobre gays idosos na página Observatório<sup>16</sup>.

<sup>15</sup>Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/> Acesso em: 28 fev. 2020.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/01/gays-idosos-se-impressionam-e-comentam-suas-fotos-de-corpo-sarado-na-juventude> . Acesso em: 28 fev. 2020.

O título da matéria, de autoria de Samilla de Souza, instaura-se como um acontecimento discursivo, articulando o encontro entre atualidade e memória, o que produz outros sentidos na questão do corpo, da memória e do sujeito. A proposta da matéria se organiza na descrição de um vídeo da plataforma YouTube, chamado “Intomore”, que convidou quatro homens gays acima de 62 anos para gravar um vídeo em que “eles respondem perguntas sobre suas juventudes, compartilham lições de vida e comentam fotos da época de infância até quando estavam em seus auge juvenis”<sup>17</sup>.

Focando no título da matéria, podemos notar a movência entre o presente e o passado “Gays idosos – juventude”, em que temporalidades são articuladas e no referido enunciado o eixo de mobilização materializa-se no corpo.

A inscrição do sujeito gay idoso opera por um movimento regido pelo processo de viver e envolto na dinâmica de ganhos e perdas materializado no corpo físico, que se desdobram na produção do corpo simbólico, ou seja, no “corpo de um sujeito, [em que] ele é produzido em um processo de significação onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso” (ORLANDI, 2016, p. 85). O corpo se constitui como discurso, em que as marcas, expressões, movimentos possibilitam compreender os processos de significação.

Ao significar, o sujeito se significa neste processo simultâneo e contínuo e, assim, temos o título da matéria ao formular “gays idosos se impressionam”. Nota-se que algo desviou da regularidade, algo marcou e marca estes sujeitos, isto é, o passado presentificado provoca a produção de sensações e sentimentos, o passado pode incomodar ou acalantar. Essa experiência permeia uma dinâmica individual, e que pode ser compartilhada como é mobilizado no recorte.

A juventude é materializada, produzindo efeitos que conduzem à saudade, à decepção, à excitação, à melancolia.

---

<sup>17</sup> Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/01/gays-idosos-se-impressionam-e-comentam-suas-fotos-de-corpo-sarado-na-juventude> . Acesso em: 28 fev. 2020.



R14 - Captura da imagem na matéria sobre os gays idosos<sup>18</sup>

O vídeo<sup>19</sup> apontado pela reportagem tem como objetivo a exibição de fotos referentes à infância, à adolescência e à fase adulta dos quatro sujeitos idosos. Ao contemplarem as fotos, comentários são realizados acerca das mudanças nas tecnologias (a presença de câmeras fotográficas para o registro fotográfico) e no corpo ao longo dos anos (a presença de cabelos, o desenvolvimento muscular). A matéria congela nos 4 minutos e 55 segundos do vídeo, em que os quatro sujeitos idosos admiram a foto de um jovem sentado nu. A imagem projeta movimentos discursivos, como se os quatro contemplassem a fotografia do jovem homem nu como algo ideal, uma idealização, algo que afeta em diferentes perspectivas o desejo, a admiração, o espanto, a indiferença.

Elencamos, aqui, o olhar como materialidade significante, em que o movimento dos olhos se dá ao se direcionar a algo que lhe provoca a atenção, ou seja, a mobilização de efeitos produzidos por algo. Ater-se a esse algo que chama os olhos refere-se a uma questão norteadora, que é aquilo que não é apenas visto, e sim é admirado, contemplado, que conduz a uma provocação sensorial. Aquilo que é contemplado afeta o sujeito e produz diferentes reações, que o sujeito, por meio do corpo, significa.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/01/gays-idosos-se-impressionam-e-comentam-suas-fotos-de-corpo-sarado-na-juventude> . Acesso em: 02 mar. 2020.

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=z0MGxU87\\_HU](https://www.youtube.com/watch?v=z0MGxU87_HU) . Acesso em: 16 jul. 2020.

A foto do corpo jovem e exposto ao grupo de idosos produz, nesse ato de contemplar, uma ação admirativa, de produção de efeitos, em que o presente se encontra com o passado que não pode ser mais vivido, mas pode ser significado a cada contemplação realizada. Lembranças, sabores, aromas, decepções, frustrações, conquistas se mesclam e fazem-se presentes neste contemplar, que significa aquele momento registrado e conduz-nos na produção daqueles elementos que emanam do registro nos dias de hoje, de formas variadas. E o olhar propicia tal possibilidade na produção de sentidos para o corpo jovem de outrora.

O corpo contemplado é inscrito no passado, da juventude, significando a beleza, a força, a jovialidade que traduz experiências e lembranças para aqueles sujeitos que a contemplam. A fotografia permite uma dinâmica de deslocar do presente para aquele momento que foi registrado/imobilizado pelas lentes do fotógrafo ou para outros lugares e tempos. Compreendemos a fotografia como um suporte que é elaborado por tramas discursivas, como o tempo (data do registro fotográfico), o espaço (lugar que foi feito o registro), os sujeitos (pessoas que estão e também que não estão na fotografia) e o contexto/interesse (celebração, registro oficial, reportagens, artístico, acadêmico).

A respeito da fotografia, podemos compreender que, conforme Santaella:

Ler uma foto é lançar um olhar atento àquilo que a constitui como linguagem visual, com as especificidades que lhes são próprias. Significa fazer do olhar uma espécie de máquina de sentir e conhecer. Assim, uma vez diante da fotografia, trata-se de buscar a unidade melódica de suas luzes, linhas e direções, suas escalas e volumes, seus eixos e suas sombras, enfim, contemplar a atmosfera que ela oferta ao olhar, pois a significação imanente dos motivos e temas fotografados é inseparável do arranjo singular que o fotógrafo escolheu apresentar (SANTAELLA, 2012, p. 80).

Movidos pelo convite de admirar a fotografia, os sujeitos da imagem significam a relação que a fotografia estabelece com os mesmos. A fotografia é o suporte de um tempo que foi registrado, imortalizando um momento. E ao ter, no recorte acima, a junção da fotografia e os quatro sujeitos idosos gays, uma regularidade é marcada: Os quatro sujeitos estão vestidos e a fotografia traz um homem nu. Desse modo, produz-se uma disparidade, uma dispersão, marca-se como referência o corpo nu (projetado na parte superior da imagem) e os olhos atentos (na parte inferior da imagem) são focados nesse corpo nu. Um furo é produzido neste recorte e perguntamos: Qual corpo deve ser contemplado? Admirado? Desejado?

Orlandi (2016) nos provoca a refletir sobre o corpo ao argumentar que:

não há corpo que não esteja investido de sentidos, e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma com que ele se individualiza, assim como o modo pelo



qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos, enquanto forma sujeito histórica (em nosso caso, capitalista) (ORLANDI, 2016, p. 93).

Corpos envelhecidos são cobertos, revestidos, ocorre um movimento cromático de não os destacar, não há vestimenta com cores quentes. Um funcionamento discursivo é acionado, que constitui em moldar os corpos, determinando que uns devem ser assim, outros de outra maneira. Assim, o sujeito idoso é moldado pela discrição, pelo recato e o furo nesse recorte é mobilizado, funcionando pelas expressões, frente ao corpo nu, de um deles. Há uma memória funcionando, lembranças e vivências passadas são revisitadas. Aquilo que foi não tem mais espaço e possibilidade. Dessa maneira, funciona o que é dado pelo passado e o que é inserido no presente.

O corpo inscrito nessa temporalidade traz sentido da juventude = força, virilidade, nudez e da velhice = discrição, proteção, recato. Nesta dinâmica, a partir do recorte, ontem e hoje, funciona o processo de envelhecimento a partir dos sentidos dados ao que é ser idoso.

Uma memória emoldurada, estagnada, que não coloca como possível um retorno e a historicidade vai se inscrevendo nos corpos em suas normativas. Junto ao recorte da imagem com os quatro gays idosos e uma foto logo acima de um homem nu sentado, trazemos o texto que apresenta os dizeres do sujeito que é representado na foto em destaque.

“Ao ser perguntado se conseguiria refazer a foto, Peterson respondeu: “Não, [sic] sou mais eu. É uma foto de alguém daquela época”, falou, arrancando risadas dos demais. Logo depois, todos comentam lições de suas vidas que podem ser aplicadas em vários contextos”<sup>20</sup>.

O “refazer a foto” opera um movimento de atrito, de tensão, do corpo que fora registrado com o corpo que atualmente será registrado. O repetir a foto mobiliza um acontecimento discursivo, em que o furo, a lacuna, abre-se discursivamente. O ato de fazer a foto, da mesma posição, nu, como a anterior, conduz a um choque temporal, em que temporalidades distantes se digladiam e o passado sinaliza a diferença, enquanto o presente fortifica que o fazer novamente produz outros sentidos: O que está lá e o que não está aqui.

Uma retomada. Um voltar ao passado. E a historicidade? O sujeito está imerso em uma movência de sentidos, em que o panorama sócio-histórico registrado por aquela foto não consta, pois outro cenário está vigente, uma outra ordem é mantida. Dessa maneira, o recorte continua diante da proposta da releitura da foto. “Não, [sic] sou mais eu. É uma foto de alguém daquela época”.

---

<sup>20</sup> SOUZA, Samilla de. Gays idosos se impressionam e comentam suas fotos de corpo sarado na juventude. 2019. Disponível em: <https://observatoriog.bol.uol.com.br/noticias/2019/01/gays-idosos-se-impressionam-e-comentam-suas-fotos-de-corpo-sarado-na-juventude>. Acesso em: 15 jan. 2019.

De acordo com Indursky,

Repetir, para a AD, não significa necessariamente repetir palavra por palavra algum dizer, embora frequentemente este tipo de repetição ocorra. Mas a repetição também pode levar a deslizamento, a uma resignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos. Isto se dá porque o sujeito do discurso pode contra-identificar-se com algum sentido regularizado ou até mesmo desidentificar-se de algum saber e identificar-se com outro (INDURSKY, 2011, p. 71).

Esta dinâmica abordada por Indursky se refere ao verbal, enquanto nosso recorte traz a questão do imagético, do não-verbal, mas essa dinâmica regula da mesma maneira como é afetado o sujeito ao ser questionada a repetição da foto.

Ao ser questionado se repetiria, refaria a foto, funcionou o movimento de se contra-identificar e formulou-se a produção de não sintonia, uma relação de negação. Isso é marcado pela resposta do fotografado, Peterson, ao responder: “Não, [sic] sou mais eu. É uma foto de alguém daquela época”.

Os dizeres estão inscritos em outra formação discursiva, produzida pela historicidade e agenciada pelo assujeitamento. A posição-sujeito idoso gay o inscreve em uma rede de sentidos, que aqui centraliza-se no corpo exposto, à mostra, completamente nu. Na fotografia aquele corpo marca outro alguém, ou seja, o sujeito idoso não se vê na imagem que foi registrada. As mudanças, que ao longo do tempo foram se materializando no corpo, as experiências sócio-históricas, oportunizaram a produção de uma trama complexa para que o sujeito se entenda e se veja, assim, produz a ruptura, marca-se outro sujeito, engendrando uma dissimetria, uma contradição.

O sujeito não se vê e não se reconhece, uma lacuna opera no recorte, colocando em cena uma memória que não produz efeitos de empatias e, assim, outros sentidos são materializados.

Neste capítulo pudemos analisar alguns discursos sobre o sujeito idoso gay em diferentes lugares do espaço digital, permeando diferentes instâncias que buscam abordar a velhice gay, produzindo, dessa maneira, diferentes efeitos de sentidos como os desdobramentos do processo de envelhecimento. Entendemos o sujeito idoso gay como um sujeito a ser compreendido, visto que a invisibilidade se faz presente de modo intenso. E essas análises foram possíveis por um trabalho com o arquivo, de leitura desse arquivo, tal como o descrevemos em nossa Introdução como na possibilidade de ler o social em sua abrangência, mediante o agrupamento de recortes que circulam no espaço digital. Esses recortes sustentam discursos, que não estão isolados em si mesmos, pois trazem à tona a trama social no que se refere à forma como são significados os sujeitos idosos gays. Trata-se, ainda, de considerar o arquivo como um espaço polêmico de leituras possíveis em que, por exemplo, os dizeres sobre

determinadas questões da sexualidade são ancorados, sustentados, em elementos interdiscursivos diversos.

No trabalho com o arquivo, temos a possibilidade de dar certa visibilidade a essa interdiscursividade. Para isso, no procedimento de análise, os recortes selecionados se articulam, na maioria, e são trabalhados em sua dimensão de produzir dizeres sobre o sujeito idoso gay. Esse produzir dizeres sobre o outro se configura na instância demarcada pelo poder, no qual reveste o sujeito autor ao utilizar os espaços propiciados pela tecnologia digital, como sites, blogs, jornais on-line, entre outros.

Marcados pela hierarquização em poder formular e circular dizeres que podem reforçar estereótipos, estigmas e/ou romper com esse panorama, que foi historicamente sendo construído, o espaço digital, com suas múltiplas facetas, permite a formulação de outros olhares para o sujeito idoso gay. Este sujeito se faz presente no espaço digital, mas em muitas situações e produções essa presença é dada por outrem, que, majotariamente, não possui relações diretas com o sujeito idoso gay. Ele marca-se, assim, como o outro, aquele que é falado, significado, descrito, analisado e, com este processo de presentificá-lo no espaço digital, os paradigmas e estigmas são ativados.

Em lugares específicos como os sites, blogs, jornais on-line, que trazem as dinâmicas sociais deste grupo, são produzidos dizeres e oportunizados que eles circulem e produzam diferentes sentidos. Arquiteta-se, desse modo, uma dinâmica em que considerações, preceitos, orientações para o sujeito idoso gay, podem ser comparadas às pinceladas de um pintor no exercício de produzir uma obra. O manuseio do pincel de forma agressiva ou delicada, pinceladas extensas ou pontilhadas, a combinação das cores e traços dão ao pintor, ao artista, o poder de expor aquilo que reverbera dentro de si, produzindo algo que será visto e contemplado. Dessa maneira, vemos tais recortes que juntos se articulam na produção de discursos sobre o sujeito idoso gay, ao serem colocadas nas páginas on-line e, assim, circulam dizeres acerca do sujeito, mobilizando certa estabilização dos sentidos. Compreendemos que a velhice gay não é fácil de ser mensurada, descrita, pelo fato da possibilidade de ser vivida de diferentes e múltiplas formas. E esse processo muitas vezes será simplificado ou raso quando o pintor não tiver empatia e/ou não vivenciar tal condição.

Na articulação sociedade/ linguagem/ sujeito, temos que, historicamente, alguém detém sobre si um poder produzir um discurso (médico, jurídico, econômico, comportamental) perfilando, assim, vários dizeres sobre o outro, mas as mudanças ocorrem e novos aparatos são permitidos como o uso da Internet neste espaço digital, que mobiliza sentidos na articulação para sujeito/ linguagem/ sociedade. Essa articulação pode implicar num deslocamento quanto

ao poder-dizer a este sujeito, que significa e se significa por meio da linguagem em suas dinâmicas pessoais e coletivas, oportunizando à sociedade outras formas de compreender o sujeito idoso gay.

Uma dessas mediações possíveis no espaço digital é a plataforma do YouTube, temática do próximo capítulo, que se constitui como um arquivo de produções audiovisuais e que propicia a análise do funcionamento da linguagem por meio da tecnologia na produção de efeitos de sentidos, que significam, de modos diversos, o sujeito idoso gay.

## CAPÍTULO 2 – IDOSOS GAYS: QUEM SÃO VOCÊS? SENTIDOS QUE CIRCULAM NO YOUTUBE

O presente capítulo tem como objetivo analisar o vídeo intitulado “Como é ser gay idoso?”, do canal *Põe na Roda* no YouTube, que oportuniza a produção de dizeres sobre e do sujeito idoso gay no espaço digital.

No YouTube, plataforma de vídeo, são abundantes os canais como vlogs e produções audiovisuais com as mais diversas temáticas, como política, educação, moda, culinária, comportamento, entre outros. Seleccionamos o Canal *Põe na Roda*<sup>21</sup> que conta com mais de 1 milhão de inscritos.

Adorno de Oliveira (2015), que se debruçou sobre a relação entre as produções audiovisuais na conhecida plataforma digital, norteou algumas de nossas inquietações que se refere à a circulação de dizeres, ao processo de produção diferentes sentidos no espaço digital.

Um lugar social reiterado pelo Youtube ao designar vlogueiros e outros produtores de vídeo em geral como criadores de conteúdo, sustentados igualmente pelos sentidos de trabalho e autenticidade. Entre as designações de vlog, vlogueiro, youtuber e criador de conteúdo, os sentidos sobre o “eu” são entremeados por laços equívocos com o (não) institucional, com o espaço de possibilidades de produzir e fazer circular textos (reclamando-se como discursos autênticos e de trabalho), com o outro (relação com outros sujeitos, sobredeterminada, em última instância, pelo imaginário) e com o Outro (relação com o Interdiscurso, sobredeterminada, em última instância, pelo simbólico), tanto em sua virtualidade (projeção) quanto em sua atualidade (materialização) (ADORNO DE OLIVEIRA, 2015, p. 64).

Inquietações que eclodem das tramas sociais adentram as pautas dos canais presentes no YouTube e nisso entendemos que aquilo que se formula no real é deslocado para o digital. Assim, temos com a possibilidade da circulação de tais inquietações, em que o gesto de produzir os materiais que corporificam os canais na plataforma digital norteia-se a partir dos posicionamentos na sociedade. Não se elabora um clã digital separado, que se formula sobre si mesmo, mas é a partir das complexidades que percorrem a sociedade que vão se dar subsídios a esses conteúdos.

Cria-se uma relação em que as questões sociais alimentam conteúdos dos canais, e esses ofertam outras percepções para a sociedade, instaurando um movimento de ir para a sociedade e dela seleccionar temáticas, assuntos, questões e, desse modo, mobilizá-las em produtos digitais que são acessados, comentados, compartilhados, postados, o que produz novas relações com essas temáticas elencadas. Nesse sentido, apontamos, por exemplo, em relação à prevenção da AIDS e de outras doenças sexualmente transmissíveis, a presença da homofobia e seus

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda>. Acesso em: 10 mar. 2020.

desdobramentos, a cultura gay presente na música, a vida noturna, o modo de falar, entre outros temas.

## **2.1 O Canal Põe na Roda: Produção audiovisual de dizeres sobre a homossexualidade**

Em uma entrevista, no site “Guia da Semana”, de 20 de maio de 2014, Pedro HMC, idealizador do Canal, responde, assim, a questão sobre qual é o propósito do canal: “Pessoalmente, me realizar porque minha vida profissional estava muito frustrante. Nunca me faltou trabalho, mas tinha pouca realização. Profissionalmente, acredito que exista espaço e muito público para um canal gay e de humor na internet. O público é pouco representado na mídia”<sup>22</sup>.

A partir da frustração profissional, de não se encontrar, não se realizar, o idealizador do Canal *Põe na Roda* percebe o espaço da Internet como um lugar de inscrição e de produção de materiais (vídeos) para o público gay, ainda, então, pouco visibilizado neste campo.

Romão (2004), nesse sentido, considera “que a internet abre espaço para se pensar a emergência de novas posições-sujeitos, de discursos e contra-discursos, de sentidos de dominação e resistência, que se enrodam em espirais movimentadas” (ROMÃO, 2004, p. 74). Entendemos, desta maneira, a Internet como espaço de produção e circulação de diferentes dizeres, bem como um espaço de arquivo, marcado pelo funcionamento do político no espaço digital, em que as diferenças são aguçadas, também os conflitos. Há ainda a ausência de produções que representem a sociedade na sua diversidade, o que também marca o espaço da Internet como locus de aglutinar sujeitos que venham desses grupos, até então, apagados ou negados, para compor a multiplicidade que é uma das características do espaço digital.

A produção de dizeres, de imagens em movimento, que vão engendrar a identificação de grupos norteiam, assim, o funcionamento da linguagem no espaço digital, possibilitando estabelecer uma relação com a sociedade, que, por sua vez, irá interagir (compartilhando, curtindo, dando *likes*, criticando, postando, entre outros) e, também, produzindo e reproduzindo dizeres. Aqui vemos que essa dinâmica, sustentada pela linguagem, permite aos sujeitos se relacionarem com tais produções, identificando-se ou desidentificando-se, de modo que o que temos aqui é um movimento discursivo a partir do digital.

Um canal no YouTube se estrutura na produção de discursos que entrelaçam interesses de uma comunicação, unificando assuntos, dúvidas, esclarecimentos e, também, lazer e

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/comportamento/noticia/conheca-o-poe-na-roda-o-novo-canal-de-humor-gay-do-youtube>. Acesso em: 10 mar. 2020.

entretenimento. A especificidade da seleção do Canal *Põe na Roda* se dá também pela junção desses elementos, entretanto, é mobilizado no canal outros dizeres que “ousam” quebrar alguns paradigmas que a sociedade ostenta há um bom tempo.

Vemos isso já na descrição do canal: “Humor e informação fora do armário! A cada inscrito, uma lanterna será doada para o novo casaco de Elton John”<sup>23</sup>. E o humor aqui é anunciado e na própria formulação que o anuncia entrelaçado ao alternativo (fora do armário) e com a descrição sobre a doação da lanterna, a partir de cada novo inscrito, já temos o efeito do humor acontecendo.

O “fora do armário” se constitui um ato político, de se posicionar frente à sociedade, diante de sua orientação sexual. Já o estar no armário se configura em não demonstrar, não se afirmar que é gay, lésbica perante a heteronormatividade que regula a sociedade e determina que ser gay, lésbica, bissexual, transgênero se materializa como uma postura desviante, errante, que não está circunscrita pela moral.

Já dizia o poeta italiano Pier Paolo Pasolini que o tabu da homossexualidade é um dos mais sólidos ferrolhos morais das sociedades pós-industriais, com base em novos e velhos argumentos. Além de ser inútil para a reprodução da espécie, a prática homossexual solaparia a família (em cujo seio se geram os novos consumidores) e seus padrões ideológicos (cuja ordem é consumir). Se talvez pareça impensável o extermínio maciço de homossexuais, como ocorreu no passado em nome de certa pureza de costumes, o que teríamos em lugar do triângulo rosa nazista seria uma generalizada desqualificação moral, de modo que “o homossexual continua vivendo num universo concentracionário, sob o rígido controle da moral dominante”, nas palavras de Pasolini (TREVISAN, 2018, p. 17).

Historicamente construído o tabu da homossexualidade, a cada momento histórico foram formuladas questões que fortificam essa rejeição aos sujeitos homossexuais. Também elencamos a perseguição, violência, mortes que a sociedade concretizou e concretiza para este grupo. Assim, formulou-se um cenário em que o sujeito homossexual buscou se silenciar, não expor sua orientação diante das práticas repressivas que se instalavam.

Ao longo do tempo se estabeleceram diferentes formas de resistências a esse panorama truculento. Pêcheux aponta que as resistências podem se constituir como:

não entender ou entender errado, não “escutar” as ordens, não repetir as litâneas ou entender de modo errôneo, falar quando se exige silêncio, falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases, tomar os enunciados ao pé da letra, deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras. E assim começar a se despedir do sentido que reproduz o discurso da dominação, de modo que o irrealizado advenha formando sentido do interior do sem-sentido. E através destas quebras de rituais, destas transgressões de fronteiras: o frágil questionamento de uma ordem, a partir da qual o lapso pode tornar-se discurso de rebelião, o ato falho de motim e de insurreição;

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda/about> Acesso em: 10 mar. 2020.

o momento imprevisível em que uma série heterogênea de efeitos individuais entra em ressonância e produz um acontecimento histórico, rompendo o círculo da repetição (PÊCHEUX, 1990, p. 17).

Materializando a resistência, ou seja, não se mantendo na repetição das molduras sociais que os entravam, os sujeitos homossexuais tem uma via possível para viver suas sexualidades de maneira plena, o que se pode ser dar pela resignificação da orientação sexual não sendo marcada como algo errado ou desviante.

Ao “se despedir do sentido que reproduz o discurso de dominação”, estrutura-se o dizer inscrito em outra rede de sentidos, que outrora não se filiava por medo, insegurança, vergonha. O estar “fora do armário” se configura como um ato individual, que cria ressonâncias socialmente. Também é muito vista a questão do “assumir-se gay” funcionando nesses enunciados na lógica regida pelo construto do errado, do não aceito naturalmente, necessitando de um processo de publicizar a sua orientação sexual. Diante do já-dito acerca da homossexualidade, marcado pelos preceitos morais que se presentificam no discurso como elementos do interdiscurso, elabora-se que ser gay é um erro, um pecado, um desvio. O “assumir-se” constitui-se em um processo permeado por aqueles preceitos gerados por discursos moralistas, em que o sujeito se projeta diante de diferentes possibilidades como a violência psicológica e/ou física, a expulsão da casa onde reside, em que grande parte mora com seus familiares, ou seja, esse processo é sustentado pelo medo e insegurança. Focamos nesta discussão em que o enunciado “assumir” é atravessado por uma memória, a qual corresponde a declarar que fez algo errado, mas, também, compreendemos que esse processo é resignificado como um ato político, em que o sujeito se posiciona na sociedade marcada por tais preceitos moralistas, via a luta pelos seus direitos e a busca efetiva de respeito e tolerância.

Como vimos, ao longo da história, imperou a configuração da homossexualidade encarada como um tabu e as respostas a esse tabu foram sendo produzidas em termos de resistências ao “quebrar os rituais”, ou seja, de não se manterem nesta perspectiva truculenta em relação à sexualidade (esta determinada pelo discurso dominante).

O estar reprimido por toda essa imposição, que conduz a homossexualidade a um lugar oculto, escuro, não visto, manteve-se durante um longo tempo, porém as resistências se materializam, oportunizando o deixar esse lugar onde fora relegado para poder contemplar publicamente a vivência da sexualidade.

Nesse sentido, Mota (2009) nos aponta alguns momentos/eventos que permitiram a saída deste lugar obscuro.



Parto da premissa de que o social e o individual estão articulados, e neste sentido esta discussão focaliza as mudanças e variações em torno de sentimentos e significados sobre a homossexualidade de um contingente de indivíduos que conheceram e passaram por momentos determinantes da história que influenciaram mudanças e novos estilos de vida no contexto das experiências homossexuais. Alguns destes recortes podem ser exemplificados. Refiro-me às décadas as quais tiveram destaques históricos que culminaram na possibilidade de melhor aceitação social e visibilidade de um estilo de vida gay, tais como: o emergente movimento feminista a partir da década de 1960; o movimento político e cultural na luta contra as décadas mais opressoras no contexto da ditadura militar nos anos 70; o impacto da epidemia de HIV/Aids denominada como “peste gay”, nos anos 80; e o movimento LGBT com as Paradas Gays, que expõe publicamente a luta por direitos sociais e civis numa grande festa que faz a diferença no roteiro cultural das cidades brasileiras (MOTA, 2009, p. 27).

Ao pontuar tais acontecimentos que materializam resistências históricas, públicas, observamos que esses também reiteram a luta interna de cada sujeito para se aceitar e assim “sair do armário”.

O estar “fora do armário” gerencia a instância de *relação a*, em relação a si mesmo, de relação ao outro, filiando-se ao movimento de estar no mundo, articulado pela necessidade de se declarar heterossexual ou não. Diante da imposição heteronormativa, que determina de “maneira natural” o gesto de não se declarar filiado a essa formação sexual, materializam-se sentidos na direção de um movimento desviante, mas, mediante eventos enunciados por Mota, ocorre uma outra produção de sentidos em relação a essa imposição. Assim, nota-se que o medo existe, porém não é impeditivo de que o ato de assumir uma formação sexual se instaure e esse sujeito compreenda que há uma comunidade que luta pelos direitos dos LGBTs, afetada por medidas jurídicas que os amparem, como, por exemplo, a criminalização da homofobia no ano de 2019.

Ao sustentar, junto à descrição do canal, o enunciado “inscrito” funciona no movimento do usuário da Internet que consome vídeos da plataforma do YouTube, a partir da formulação de uma conta no canal, onde ele se cadastrará com seus dados pessoais, entre outros e poderá se “vincular” a um canal. Dito de outro modo, esse gesto de “vincular” é possibilitado pelo da inscrição.



R15 –Captura da tela inicial do Canal Põe na Roda na Plataforma YouTube<sup>24</sup>

Na leitura da imagem do recorte 15, capturada da página inicial do canal *Põe na Roda*, na plataforma do YouTube, podemos mobilizar algumas questões, tais como: A tela azul, que domina a imagem do R15, tem um movimento cromático que consiste da esquerda para a direita, sendo que na esquerda há uma tonalidade mais intensa da cor e ao longo da tela para a direita a cor fica mais clara.

Na tela, como um pano de fundo, estão distribuídas imagens, palavras em inglês, em uma composição heterogênea que afeta o usuário ao se identificar com esses elementos sustentados pela cor azul. “LGBTQ+”, “FREE LOVE” e “PRIDE” sustentam dizeres da comunidade gay, marcando, assim, um lugar discursivo de mobilização de dizeres que, por sua vez, sustentam as produções audiovisuais no canal.

Ícones usados nas redes sociais e aplicativos de troca de mensagens (WhatsApp) também são enunciados na tela azul. E um arco-íris e um unicórnio são postos como elementos utilizados nesses espaços que estampam a página do Canal promovendo um processo de identificação em relação a “o que eu uso no dia-a-dia, está aí”. Nesse sentido, segundo Dela Silva (2013, p. 78), “Os sujeitos são chamados de diferentes modos a se identificar ou não com uma formação discursiva, isto é, com um conjunto de dizeres possíveis”.

Esses diferentes modos de serem chamados se materializam com enunciados e ícones que compõem o universo tecnológico do jovem gay. Pelos processos de identificação do sujeito, mobiliza-se uma forma de vinculação, estabilizando os sentidos e dizeres que circulam no canal, o que pode aguçar o interesse por fazer parte da cultura desse jovem gay.

Junto ao logo do *Põe na Roda* está uma imagem do idealizador do canal, o youtuber Pedro HMC, com cabelos platinados, barba e usando um casaco com as cores do arco-íris. Desse modo, elabora-se um efeito de sentido na relação produto/criador e texto/autor, o que reforça sua relação com o canal como responsável pelos conteúdos publicados.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda> . Acesso em: 10 mar. 2020.

Na parte inferior, do lado direito, encontra-se, em destaque, na cor vermelha, o enunciado: ‘INSCREVER-SE’.

O ato de se inscrever em um canal permite ao inscrito copilar, em sua conta, um arquivo de canais que tratam dos temas que lhe interessam. Trata-se de um vínculo estabelecido ao se inscrever, em que a opção por esse canal proporciona ter acesso aos vídeos reunidos que já foram produzidos e ser notificado quando um novo vídeo é postado. Salienta-se que quanto mais recente for a produção do vídeo, pode ocorrer um aumento do anseio por visualizar e ter acesso ao conteúdo que marca o vídeo inédito, fazendo que o inscrito busque acessá-lo e assisti-lo.

Orquestra-se uma rede de sentidos, em que o audiovisual do canal norteia os debates/assuntos que o inscrito deseja e a expectativa por aquele que virá.

Esse inscrito, ao assistir o vídeo, nutria uma relação na qual o comando está nas mãos com um click para iniciar o vídeo, pausar, retornar para o início, “pular” partes e/ou mudar de vídeo. Ou seja, o inscrito possui uma força nessa relação (inscrito – visualização) que o leva a consumir ou não as produções audiovisuais que permitem aos sujeitos inscritos terem acesso às informações, aos posicionamentos adotados pelos criadores do canal.

Os “adeptos” ao canal fortalecem a formação discursiva na qual estão inscritos, pois “as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (ORLANDI, 2006, p. 17). O uso das expressões em inglês e ícones fortalecem os laços desse grupo, mobilizando a identificação entre os pares, materializada por códigos que criam pontes entre os falantes/praticantes desses enunciados, ou seja, dos que se identificam com eles.

Cabe salientar que o canal é destinado ao público LGBT e suas temáticas abordam o cotidiano, a cultura e as lutas com traços de humor.

## **2.2 O sujeito idoso gay: tema de um vídeo do Canal**

Selecionamos o vídeo intitulado “Como é ser gay e idoso?”, publicado em 20 de julho de 2016, tendo, até então, 903.646 visualizações.

O canal se organiza também como um arquivo, dividindo-se em temáticas como “Pra rir” (vídeos pautados no humor), “Para refletir” (questões acerca do cotidiano do sujeito gay), “Viagens pelo mundo” (lugares que promovem a cultura gay), entre outros. Vejamos, a seguir, um recorte que apresenta a temática “Família”.



R16 – Captura do Canal *Põe na Roda* (Tema: Família)<sup>25</sup>

Instaura-se uma organicidade no canal, uma ordem é estabelecida. E essa, em termos de arquivo, remete-nos ao que afirma Derrida:

Não comecemos pelo começo nem mesmo pelo arquivo. Mas pela palavra ‘arquivo’ – e pelo arquivo de uma palavra tão familiar, Arkhê, lembremos, designa ao mesmo tempo começo e comando. Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza ou da história, ali onde as coisas começam [...], mas também o princípio da lei ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada (DERRIDA, 2001, p. 11).

Ao elaborar tais eixos temáticos, o canal toma uma prescrição a seguir e assim acomoda os vídeos produzidos em estruturas que são acolhidas.

Ao trazer essa organização, essa ordem, a temática “família” ampara o vídeo intitulado “Como é ser gay e idoso?”. Podemos pensar o Canal *Põe na Roda* como um guarda-chuva que abarca a questão LGBT, e que abraça as ramificações que se materializam a partir daí.

Partindo das questões que se dinamizam na sociedade, temos que muitas dessas se desenvolveram pela violência física, psicológica e sexual que são, cotidianamente, presentes na vida dos sujeitos gays.

Entendemos, assim, que a partir do social eclodem essas produções audiovisuais e, nesse sentido, Dias (2013b, p. 56) argumenta que “a relação linguagem e tecnologia vai contribuindo para a elisão do silêncio como mediada da relação pensamento, linguagem e mundo, e a tecnologia vai assumindo uma posição de destaque nesse lugar”. A tecnologia aqui focada no espaço digital, com seus dispositivos e possibilidades, contendo uma plataforma de vídeos, proporciona a produção de discursos e posicionamentos no mundo. O silêncio é rompido, a marginalização é significada, colocando o sujeito gay numa posição de produtor de conteúdo e protagonista nas falas compartilhadas.

<sup>25</sup>Disponível em: <https://www.youtube.com/user/canalpoenaroda>. Acesso em: 10 mar. 2020.

A tecnologia oportuniza, de certo modo, a recolocação do sujeito dentro da sociedade. Sociedade essa, capitalista, que é configurada por relações de poder, de maneira que, ter um canal no Youtube que aborde as questões LGBTs, pode se configurar como o rompimento do silêncio engendrado historicamente pela opressão e a luta por conquistar espaços que antes não eram possíveis diante das práticas heteronormativas dominantes.

### 2.3 Dizeres em movimento: um percurso discursivo

Vejamos, na sequência, um recorte do canal abordando a temática “Como é ser gay e idoso?”.



R17 – Captura de tela do vídeo “Como é ser gay e idoso?” no Canal *Põe na Roda*<sup>26</sup>

No recorte 17, temos a cena inicial do vídeo “Como é ser gay e idoso?”. Para produzir uma análise desse recorte, ancoramo-nos nos estudos de Lagazzi (2017) que formula acerca da composição fílmica, em que, para autora,

num processo de interpretação plural, em que os sentidos foram se produzindo na contradição constitutiva do jogo entre diferentes materialidades significantes” e continua “o batimento entre estrutura e acontecimento referido a um objeto simbólico

<sup>26</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 12 mar. 2020.

materialmente heterogêneo requer que a compreensão do funcionamento discursivo seja buscada a partir das estruturas materiais distintas em composição (LAGAZZI, 2017, p. 35).

Atento a esse aporte teórico, a respeito do funcionamento de diferentes materialidades significantes, deparamo-nos com o corpus selecionado que não se restringe ao verbal e, sim, abrange outras materialidades distintas, significantes, que funcionam discursivamente entrelaçadas, não segregadas, isoladas. Movimentos, sons, corpo, imagens, gestos se juntam para formular a trama discursiva que constitui o vídeo. E, nesse sentido, é que nos pautamos no que afirma Lagazzi (2017) sobre a “composição”, já que a produção dos sentidos se dá nessa composição que leva em conta o jogo entre as diferentes materialidades significantes, como nos explica a autora.

Dois rapazes estão lado a lado, Pedro HMC (de óculos e camisa preta com bolinhas brancas) e Nelson Sheep (camisa branca) surgem em cena. Antes a cor negra tomava a tela e com uma música instrumental irrompe um movimento de iniciar, de começar, da escuridão para a luz, para o esclarecimento, a compreensão sobre alguma questão, que posteriormente limitava o sujeito a proceder.

A cena composta por dois rapazes, já apresentados, compõe algo muito usual nos canais do YouTube. Adorno de Oliveira (2015) analisou os vlogs, operando análises que colaboram para olharmos as composições de nosso corpus. Segundo o autor, “Visualizam-se sujeitos que enunciam seus dizeres para uma câmera com a regularidade do corte da imagem acima do peito, mostrando ombros e, principalmente, o rosto” (ADORNO DE OLIVEIRA, 2015 p. 48). Se posicionam para a produção de um vídeo e nota-se que não é somente um sujeito e sim dois, o que remete que, ao invés de um sujeito interagindo diretamente com o usuário do YouTube, ocorrerá um diálogo.

Pedro HMC inicia o vídeo questionando: “*Você já parou pra pensar como deve ser ter sessenta, setenta e oitenta anos?*”.

O usuário é indagado, mobilizado a se indagar acerca de possuir tais idades. Assim instaura-se uma relação neste momento inaugural do vídeo com a proposta de ofertar outros olhares para os sujeitos idosos gays. Ao formular a problemática que sustenta o vídeo, nos deparamos com uma ruptura, em que um canal gay destinado aos LGBTs produz um material sobre a velhice dos homens gays, enquanto questionamento. Será que em outros vídeos do canal, esses sujeitos não apareciam? Seria uma cobrança do público que acompanha para abordar a temática proposta? Estas são questões que nos mobilizam a pensar a presença dessa temática nesse canal e como isso produz sentidos.

Conforme Orlandi

Os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis (ORLANDI, 2015, p. 37).

A produção de um vídeo para um canal não “nasce” de um nada, um *nihil*, há uma complexidade externa que possibilita a formulação de dizeres. O dizer é norteado “em relação a”, nunca está isento ou isolado, é na dinâmica social que marca as disputas por espaços, por possibilidades de serem ouvidos, compreendidos, enunciados e repetidos. É marcado por uma rede enunciativa que se estrutura de diferentes maneiras, na saturação do assunto (muito falado, muito mencionado, circulou de forma maciça nas redes) ou no silenciamento, na interdição em que aquilo não pode ser dito diante de uma ordem social, que impera, limitados tais discursos.

Opera-se uma rede de sentidos que sustenta um discurso. Compreendemos que um movimento é dado para que tais dizeres possam se materializar em um vídeo de um canal no YouTube. Algo o mobilizou. O estar relegado a um espaço de não evidências pode ser o motivo dessa mobilização, daquilo que é negado por muitos e faz convergir um olhar para tal tópico rejeitado, e/ou para a presença dos gays idosos em diferentes lugares que outrora engendraram outros dizeres, não sendo aqueles cravados em um imaginário social depreciativo para a velhice. Nesse sentido, temos práticas sociais que são materializadas produzindo outros dizeres, de modo que outros sentidos são projetados e afetam os sujeitos.

O questionamento de partida do audiovisual norteia a relação entre o youtuber e o usuário, aquele que assiste o vídeo. Imerso no propósito de provocar esse espectador, o enunciado afunila na questão de como deve se ter tal idade e, assim, orbita-se na preocupação de possuir tal idade, de completar x anos. Acumular anos. Pensar como é ter “sessenta, setenta, oitenta”. A proposta de se colocar no lugar do outro, mas a partir da idade adquirida.

Vemos um antagonismo, pelo fato de que a grande maioria do público que acessa e assiste os vídeos do Canal é composta por jovens e tal proposta não possui vínculos, sintonia e/ou vivência. Ela se reveste em pensar no futuro, no que há de vir na vida de outra maneira, no gesto de se descolar de sua posição sujeito que vigora com uma outra que não é cogitada ou desejada. Diante do viver do gay marcado pelo hedonismo, pelo imediatismo, pelo consumismo, pelo hoje regido pela beleza, manutenção do corpo esbelto, indumentárias da “última moda”, ocorre o movimento de se olhar com outras condições e limitações físicas. A imagem que o idoso condensa no isolado, debilitado, assexuado é revisitada, considerando que o que é negado, no hoje, é posto em foco.

Junto à convocação materializada por meio da fala do youtuber, a cena é composta, pela inserção, junto com a fala ao mencionar as idades, os numerais de cada idade: “60, 70, 80”.



R18 – Captura de tela do vídeo “Como é ser gay e idoso?” no Canal *Põe na Roda*<sup>27</sup>

O youtuber olha, diretamente, para o espectador, prática que é usual dos youtubers, produtores de conteúdos em seus canais na Internet, conforme Adorno de Oliveira (2015). Esse gesto de olhar para a câmera, diretamente, constrói um efeito de que se está falando com o usuário de forma direta e particular, mobilizando certa relação, certo vínculo, de olhar nos olhos, de edificar uma cumplicidade daquilo que será exposto.

Instaura entre os youtubers da cena e o usuário uma específica divisória que são os números inseridos de forma organizada decimalmente. Qual a relação desses numerais com o visitante do canal? São mobilizados, assim, os sentidos de que tais faixas etárias são as que os idosos “têm” para promover maior efervescência na materialização desses números. Surgem na tela, da direita para a esquerda, conforme Pedro os menciona, marcando o “peso” das idades e/ou distanciamento desses em relação aos jovens que assistem o vídeo.

Funciona um movimento enunciativo em que o decimal, inserido na tela, na parte inferior, concatena o sujeito idoso com o numeral correspondente à idade. O sujeito, desse modo, é constituído pela idade que tem, que possui, enquanto o numeral carrega em si um imaginário socialmente construído para o sujeito idoso. Tal idade, tais características, fazem

<sup>27</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 12 mar. 2020.



agenciar um movimento de jogar, na tela, cada número/idade como um confronto, implantando uma temporalidade cronológica que aquele que vê não possui, não tem, pois a maioria são jovens.

Funda-se, assim, uma dinâmica, do vídeo, em olhar o outro, aquele que sustenta condições que o espectador não deseja para si. Nelson, ao lado, completa a fala de Pedro: “*Pois é, para saber como é viver assim, nada melhor do que conversar com quem é idoso hoje. Aliás gay e idoso*”. E Pedro completa: “*Boa, quem são vocês?*”.

A sequência discursiva quebra a proposta de Pedro, que é o jovem pensar sobre o ter tais idades e não de sentir o que é ter as mencionadas idades, o que faz deslocar o movimento de introspecção desses jovens visitantes do canal. Nelson, nesse sentido, direciona a tarefa proposta para outro grupo.

Ao formular o enunciado “*Pois é, para saber como é viver assim*”, é produzida uma significação para essa condição humana, em que se convergem sentidos para essa etapa da vida que, que uma parcela expressiva da sociedade, direciona olhares negativos. Conforme Horochovski (2013, p. 128), “O envelhecimento traz a lembrança constante de que todos os seres são mortais e, em decorrência, deve ser camuflado, escamoteado”.

O “*assim*” articula-se com a posição sujeito e, simultaneamente, com os processos de identificação desse sujeito, ou seja, as condições em que aquele sujeito se estrutura, vive. Diante desse pressuposto, o youtuber coloca-se distante de condicionantes como ser velho, idoso, e modela que estar na velhice se configura como uma instância antagônica à sua e reveste tal condição como um modo de ser que não possui relações diretas, mas sim uma dissimetria, uma contradição. E aí alega que “*nada melhor do que conversar com quem é idoso hoje*”.

Sua rede de sentidos se estrutura em outras condições, molda-se na diferença e faz emergir o outro. Pêcheux afirma que:

é porque há o outro nas sociedades e na história [...] que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar. E é porque há essa ligação que as filiações históricas podem se organizar em memórias, essas relações sociais em redes de significantes (PÊCHEUX, 2015, p. 53).

Nós acentuamos que pode ocorrer o movimento contrário, a negação, a separação, a não identificação que determinam a cisão enunciativa em que a posição sujeito que não possui vínculos, que não compreende as dinâmicas e conflitos enfrentados pelos sujeitos idosos gays, marca-se numa dinâmica difusa.

O outro é marcado pela diferença, pela não possibilidade de ter proximidade e/ou conhecimento, visto que, pautado na segregação, na divisão, a possibilidade de interpretação

passa por um movimento já tonalizado pela diferença. Não se estrutura, desse modo, em buscar conhecer o que é ser idoso, como é sentir ser idoso, é apontado como o “assim” se entrelaça nas redes de sentidos enquanto um rasgo que é marcado pela divisão. Sou jovem e minha vida não é “assim”.

## 2.4 Emojis ocupando diferentes espaços

Na cena que segue, ao mencionar “Aliás, gay e idoso”, surgem na tela, no canto inferior esquerdo, duas figuras, dois emojis. Um corresponde ao um casal gay, operado por duas figuras masculinas, lado a lado, de mãos dadas e o outro emoji é de uma figura que se refere à velhice e/ou sujeito velho, que traz o rosto para focar as características genéricas da condição etária como, por exemplo, as marcas de expressões na testa e os cabelos grisalhos, a calvície.



R19- Captura de tela do vídeo “Como é ser gay e idoso?” no Canal *Põe na Roda*<sup>28</sup>

Ao enunciar que a proposta do vídeo focalizaria nas vivências dos idosos gays, em uma produção audiovisual acerca dos sujeitos idosos gays, sendo que os visitantes do canal não possuem relações diretas, compreendemos que um rompimento é materializado pelo fato de que os vídeos do canal *Põe na Roda* compõem um arquivo que é estruturado a partir dos interesses, práticas, lugares, direitos que estão diretamente ligados ao mundo gay jovem. O produzir um conteúdo sobre os idosos gays performatiza a ampliação dessas temáticas referentes ao universo LGBT e possibilita um movimento polissêmico: “Quem são os gays?”.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 12 mar. 2020.

Aqui é norteada a construção de arquétipos, em que se articula a vida gay, que é permeada por baladas, culto ao corpo, a virilidade, entre outros, aos jovens gays. E o contrário disto, ou seja, restringe-se aos gays idosos, elaborando um agrupamento de práticas e visões para esse grupo em que o outro não tem relação ou interesse. Forja-se, desse modo, uma cisão produzida por imaginários diversos, em que o gay jovem realiza e o gay idoso, pela sua condição etária, não realiza, porém essa dicotomia marcada pelo antagonismo não necessariamente corresponde com o real. Desse modo, podemos notar algumas práticas, por exemplo, as de frequentar danceterias e baladas significadas como práticas de sujeitos gays idosos. Nesse sentido, retomamos a problematização da introdução desta tese sobre as (con)vivências nas baladas gays e a questão do confronto do imaginário e do preconceito de jovens gays em relação aos idosos gays. Cabe salientar que nossa própria posição sujeito, ideológica, é deslocada a partir dessa questão com a qual nos deparamos e que trazemos para análise, com base nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso e da historiografia.

Podemos, então, compreender que os arquétipos são produzidos a partir de imaginários, mas que a dinâmica social é mais fluída e não encurrala os sujeitos sociais em determinados espaços e práticas. O que notamos é que o Canal *Põe na Roda* traz a temática que refere aos sujeitos gays idosos, gerenciando um rompimento da lógica operada pelo canal. Para que esse movimento não seja abrupto, são mobilizados emojis de “casal gay” e de “idoso”. Trazemos, para essa reflexão, o que aponta Greciely Costa.

os emojis surgem e circulam nas mídias digitais em suas mais diferentes plataformas de comunicação (tablets, smartphones e computadores) como uma grafia característica do discurso eletrônico, ou seja, que pressupõe a ligação com a tecnologia. Eles fazem parte desse discurso (COSTA, 2016, p. 93).

Deparamo-nos com a relação entre linguagem, sociedade e tecnologia, em que as relações sociais foram e estão sendo modificadas pelas tecnologias digitais, mediante a inserção desses aparatos na sociedade. A linguagem outrora se restringia ao verbal como peça basilar na produção do conhecimento, porém, com o passar do tempo, essa restrição foi, aos poucos, dissolvida com a presença de outras materialidades significantes como imagem, som, cor, corpo, gestos, possibilitando a ampliação das temáticas que podem ser abordadas pelas questões discursivas. Com esse panorama ampliado, com a busca de analisar essas materialidades significantes, compomos o corpus analítico, determinado pelas relações entre linguagem e tecnologia, de modo que buscamos compreender os processos de produção de sentidos na sociedade, ao longo da história, sendo tomados pela tecnologia digital, tendo o contato efetivo e afetivo com seus diversos dispositivos, que entrelaçam comunicar, informar, deslocar, produzir conhecimentos.

Para se locomover, o aplicativo de mobilidade urbana no smartphone está à disposição; a necessidade de transferir dinheiro de uma conta para outra não exige mais a necessidade da locomoção até uma agência mais próxima, e sim, há a possibilidade de estar no conforto do lar também por meio de um aplicativo instalado em seu telefone móvel. Desse modo, a comunicação se torna mais ágil dando a ilusão de eficácia pela questão ligada à relação com o tempo e a espera, que se alteraram de maneira vertiginosa, enquanto que o contexto sócio-histórico, por sua vez, alterou a forma do sujeito ver e estar no mundo pela grande dinamização da economia e da tecnologia, materializadas na passagem ao século XXI, com a materialização do “avanço tecnológico” como superação das impossibilidades humanas (DIAS, 2018).

Permeados por essa dimensão tecnológica, a sociedade modificou diversas práticas, desde algo como verificar o que aquele componente presente no extrato de tomate pode afetar alguém que tenha alergia; como uma teleconferência diretamente da cidade de Zurique, Suíça, em que o presidente da Organização Mundial da Saúde (OMS) aponta as diretrizes para a pandemia do covid-19.

Grande parte de nossas atividades são agenciadas pela tecnologia. Frente a essa presença e interação, a forma de comunicar não se restringe apenas ao verbal, mas também ao uso do não-verbal, como os emojis. Costa nos orienta que há “a circulação de discursos sobre a mediação tecnológica das relações sociais em larga escala e o imaginário produzido acerca da tecnologia e sua capacidade de diminuir distâncias, incluir pessoas, dar acesso ao conhecimento” (COSTA, 2016, p. 92).

Sustentados por esse aporte teórico, compreendemos que o uso dos emojis marca a busca de aproximação dos usuários/espectadores que assistem e acompanham o vídeo e se deparam com tais emojis, que, muitas vezes, são acionados pelos mesmos em suas redes de comunicação. Instaura-se uma inscrição dos sujeitos usuários para a temática abordada, ou seja, o uso de mecanismos já presentes dando força para que a relação com o vídeo se efetive e possa ser visto em sua totalidade.

O uso dos emojis que trazem a temática LGBT se materializam com um gesto político de possibilitar ver que a relação sociedade, linguagem e tecnologia passa por conflitos e disputas, como no caso apresentado pelo site Yahoo: “Os emojis, disponíveis para aplicativos populares como WhatsApp, Facebook e Twitter, retratam pessoas segurando a bandeira com as cores do arco-íris, típicas do movimento LGBT.

“Estes conteúdos não são permitidos na Indonésia, com base em nossas leis culturais e normas religiosas. Os desenvolvedores devem respeitar isso”, disse Ismail Cawidu, porta-voz

do Ministério da Informação e Comunicação”<sup>29</sup>, sobre o que reiteram os emojis ao retratarem a comunidade LGBT e materializarem-se como um gesto político de, também, fazerem parte do mundo digital. Cabe salientar estão disponíveis os diversos emojis que retratam pessoas, animais, emoções, objetos, desejos e emoções, o que nos leva a entender que a presença dos emojis LGBT marca uma produção de sentidos outros para o espaço digital.

Os emojis se deslocam do espaço específico de uso para a tela do vídeo no YouTube ao realizarem esse acréscimo de elementos digitais que inscrevem formas de se comunicar pelos aplicativos, fazendo, assim, notar a dinâmica de produzir outros discursos e/ou outras formulações discursivas.

No recorte 19, o emoji “casal gay” realça a união de dois homens, de mãos dadas, emoldurados pela cor branca que remete ao movimento de colar em outros espaços, de deslocar de uma superfície para outra. Essas características do emoji em questão marcam a manutenção de certos traços: cabelo curto, olhos abertos arregalados como dois pontos pretos, ausência de boca ou de nariz, camisas e calças compridas, que materializa nesse “ícone” a dimensão de estar junto com o outro que é do mesmo sexo.

Nesse sentido, os seus usos nas redes sociais, em aplicativos de troca de mensagens, são diversos, não há como encaixar um sentido apenas neste emoji e nos outros emojis também. No vídeo do Canal *Põe na Roda*, a imagem do emoji quer enunciar ao usuário/espectador o sujeito gay, a mobilização, as relações humanas, os desejos, os anseios, o concretizar de uma relação que ao longo da história foi classificada de forma desviante e perversa e funciona dentro dos contextos digitais para marcar a união entre iguais.

Quanto ao emoji do “idoso”, esse é recortado pelo rosto, pelos traços marcantes da velhice, das características físicas como rugas na testa, cabelos brancos, presença da calvície. Marcas que moldam outras formas de ver a velhice.

As imagens materializadas nos emojis buscam afunilar e estreitar as condições humanas de ser gay e ser idoso, de modo que mobilizam, nessas produções do digital, aquilo que circula pela sociedade, ou seja, o que é dinamizado nas tramas sociais é cristalizado na imagem.

A imagem é antes de tudo um dispositivo que pertence a uma estratégia de comunicação: dispositivo que tem a capacidade, por exemplo, de regular o tempo e as modalidades de recepção da imagem em seu conjunto ou a emergência da significação. E é um dispositivo, lembremo-nos que por natureza é durável no tempo (DAVALLON, 2015, p. 28).

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/indon%C3%A9sia-bane-emojis-gays-de-aplicativos-085631340.html>. Acesso em: 14 mar. 2020.

Compreendemos que a imagem opera com a materialização das significações acerca do outro. Ao vermos o emoji do “idoso”, ao operacionalizar-se em imagem a complexidade que reveste a condição humana ligada à velhice, a imagem digital significa de modo superficial atrelada ao que é usual no senso comum como ser idoso só se manifesta em ter características específicas. É o funcionamento de um imaginário do que é ser velho/idoso.

Aqui entendemos o movimento polissêmico, encarado como

O processo que, na linguagem, permite a criatividade. É a atestação da relação entre o homem e o mundo [...]. A criatividade instaura o diferente, na medida em que o uso, para romper o processo de produção dominante de sentidos e na tensão com o contexto histórico-social, pode criar novas formas, produzir novos sentidos. Pode então realizar uma ruptura, um deslocamento, em relação ao dizível (ORLANDI, 1984, p. 11).

A formulação aqui oportuniza novos sentidos, tanto no uso dos emojis do “casal gay” e do “idoso” fora da tela do smartphone para compor a cena de um canal de vídeo no YouTube. Deslocar os emojis possibilita que a linguagem digital, materializada por esses elementos, seja mantida e/ou fortificada.

O emoji tem uma memória, foi formulado a partir de uma complexidade social diante de seu uso que é presente, majoritariamente, no universo dos sujeitos jovens imersos na tecnologia cotidianamente. Nesse sentido, o uso do emoji em uma conversa por mensagens permite significar esse recurso imagético e um exemplo disso é quando o diálogo instaura uma emoção, ao invés de mencioná-la verbalmente, o emoji ocupa esse lugar proporcionando significações ao funcionamento da linguagem nesse espaço digital.

O gesto de inserir tais emojis, em um vídeo que pretende discutir e trazer as vivências dos idosos gays, marca a busca de identificação, não pela temática, mas por esses elementos que compõem a forma dos usuários jovens de se comunicar.

A busca por se inscrever numa rede de sentidos, o que muitas vezes não se efetiva somente com o uso de palavras, mas sim no uso de uma imagem formulada digitalmente, que é o emoji, em seu lugar. Consideramos que o uso desse recurso imagético é maciço, realiza a substituição do verbal pelo não-verbal, operando a inscrição do sujeito nesse espaço marcado pela utilização de tais recursos, visto que o não uso também marca que tal sujeito não é necessariamente inscrito nessa rede de sentidos sustentada pelos emojis. A linguagem se organiza, assim, em processo dinâmico, vivo, pois é gerenciada pelos sujeitos mediante os aparatos que esses utilizam, de modo que a forma de materializar a linguagem oscila trazendo à tona outros produção de sentidos que afetam aqueles que dominam tais aparatos. Dessa maneira, ao trazer um tema que se gerencia com sujeitos idosos, visto que grande parte não tem o contato com tais aparatos e, conseqüentemente, com os ícones digitais utilizados pelos

adeptos das tecnologias, é necessário construir um laço, um vínculo para aqueles que assistirão ao vídeo e que significam o mundo e a si mesmos com os emojis.

## 2.5 “Quem são vocês?”: A constituição do sujeito idoso gay

Continuando o diálogo entre os youtubers, Pedro questiona: “Quem são vocês?” e a tela é tomada pelos dizeres “GAYS IDOSOS”, constituída por uma coloração que remete a papéis envelhecidos, a registros de memórias.



R20 - Captura de tela do vídeo “Como é ser gay e idoso?” no Canal *Põe na Roda*<sup>30</sup>

A musicalidade tece junto à tela um efeito de tranquilidade, música instrumental, mas nota-se uma busca ao questionar: quem são os gays idosos? Delimita-se aí o não conhecimento, a não proximidade com esse grupo, impondo de certa maneira a construção de expectativas em que esse outro é banhado pelo imaginário.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 15 mar. 2020.

De acordo com Silva Sobrinho (2007, p. 133), “Entendemos que o movimento do discurso, que permitirá e sustentará novos sentidos de velhice, está desde sempre enraizado nas relações sócio-históricas nas quais é produzido”. Sustentados por essa reflexão, compreendemos que, durante muito tempo, na história, não se atribuía ou não se permitia a percepção acerca de um idoso ser gay.

Cristalizou-se uma imagem marcada pela figura silenciosa, isolada, às vezes doente, que é só lembrada em datas festivas (Natal, aniversários, entre outros) ou também negada e rejeitada em um asilo. Mas esse contexto tem se alterado de maneira que outras formas de relações sócio-históricas poderão ser dinamizadas e ressignificadas.

Aquelas imagens, outrora atribuídas aos idosos, desmancharam-se no ar, pois a interação social, a busca por autonomia e por uma vivência sexual plena têm se manifestado reformuladas, assim elaborando outros olhares e significações para os idosos. E junto a esse cenário, ocorre também outras dinâmicas sociais que se desdobram em outros sentidos referentes ao idoso gay.

Cardoso e Chaves nos alertam para essas dinâmicas sociais que envolvem os idosos gays.

Quanto ao envelhecimento de homossexuais masculinos, o tabu do silêncio parece ser uma norma rompida somente ao nível do senso comum pelas representações pejorativas que cercam a idade e, também, a sexualidade “em desvio” para manifestar preconceitos estereotipados através de chistes e piadas (CARDOSO; CHAVES, 2012, p. 38).

O silêncio é constituído pela “produção do interdito, do proibido” (ORLANDI, 2007b, p. 75), ou seja, materializado por códigos moralistas, religiosos, que visam a nortear a vida e práticas da sociedade sob a ótica heteronormativa. Impõe-se a formulação do silêncio, do não-dito, porém isso não significava a não existência desse mecanismo opressor que é abolido no momento em que a ironia e os preconceitos se reverberam em piadas, em situações constrangedoras.

O que é imposto para que seja deixado de lado, pela sociedade, rompe essa crosta quando o outro o enuncia, porém essa enunciação é enquadrada pelos ditames do mesmo silenciamento construído socialmente.

Courtine (1999) articula em suas reflexões a questão da enunciação necessária à nossa discussão, como veremos a seguir.

[...] pensar o assujeitamento do sujeito falante na ordem do discurso é necessariamente dissociar e articular dois níveis de descrição: 1) o *nível da enunciação* por um sujeito enunciador em uma situação de enunciação dada (o “eu”, o “aqui” e o “agora” dos discursos); 2) o *nível do enunciado*, no qual se verá, num espaço vertical, estratificado e desnivelado dos discursos, que eu chamaria interdiscurso; séries de formulações



marcando, cada uma, enunciações distintas e dispersas, articulando-se entre elas em formas linguísticas determinadas (citando-se, repetindo-se, parafraçando-se, opondo-se entre si, transformando-se...). É neste espaço interdiscursivo, que poderia denominar, seguindo M. Foucault, domínio de memória, que constitui a exterioridade do enunciável para o sujeito enunciativo na formação dos enunciados “pré-construídos”, de que sua enunciação apropria-se. (COURTINE, 1999, p. 18).

O sujeito, quando enuncia algo, simultaneamente, materializa todo um panorama sócio-histórico-discursivo em que ele está emaranhado. Ele faz parte desse tempo e espaço em que há uma ordem de discurso dominante e operante por diferentes instituições, como igreja, família, escola e fábrica. Dada a força dessas instituições, o sujeito é imerso em um tecido discursivo que cobre a sociedade e aí se articula a manutenção de tais enunciados.

Aquele que rasga esse tecido com outros enunciados não desejados irá sofrer sanções e proibições. Ir contra a corrente discursiva dominante marca um movimento de ruptura, daquilo que é dado como estabilizado, que mediante a operação discursiva é revisitado e as produções sobre esse rasgo são marcadas e estabilizadas com significações de inferioridade. Isso, de certo modo, leva grande parte da sociedade a olhar e significar o grupo dos sujeitos idosos gays como inferior, pecaminoso, entre outros atributos.

Oportunizar a temática da velhice gay em um canal do YouTube proporciona aquilo que Silva Sobrinho (2007) atestava sobre o movimento dos discursos vinculados às relações sócio-históricas. Logo, na tela “GAYS IDOSOS” nota-se que a palavra “gays” está em maior destaque em relação à palavra “idosos” e algumas inquietações nos tomam neste momento.

O canal “*Põe na Roda*” se constitui como um canal para o público LGBT, de modo que a palavra “GAYS” deve iniciar o vídeo pelo fato de funcionar como o efeito de sustentação (ORLANDI, 2013a) desse discurso. Impõe-se certa ordem enunciativa, a partir de “gays”, em destaque, em que temos um bloco sólido, centralizado e estruturante para que a palavra “IDOSOS” venha abaixo, na tela, como um complemento. Isso nos leva a perguntar: Caso a formulação fosse ao contrário, IDOSOS GAYS, os visitantes do canal se sentiriam motivados a assistir o vídeo? Organizar a sequência IDOSO GAY traria o efeito já usual de que a velhice imperaria com seus imperativos, atrelados a mais uma palavra: GAY?

O jogo enunciativo aciona o cerne do canal que é discutir as questões ligadas aos LGBTs, mas não aos idosos LGBTs. Desse modo, as informações versam sobre os dilemas da comunidade gay e, em muitos casos, não se aplicam aos idosos. Ao perguntarem “Quem são?”, demarca-se uma clivagem, uma interação que não existe efetivamente, uma não proximidade, um desconhecimento, em que é proposto romper com este distanciamento, pelo o que é articulado no objetivo do vídeo que visa a perfilar a constituição de quatro sujeitos idosos gays, assim é oportunizado a busca de outros sentidos para este grupo

## 2.6 Corpos discursivizados presentes no vídeo



R21 – O entrevistado José participando do vídeo “Como é ser gay e idoso?”<sup>31</sup>



R22 – O entrevistado João Silvério participando do vídeo “Como é ser gay e idoso?”<sup>32</sup>

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 16 mar. 2020.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 16 mar. 2020.



R23 – O entrevistado Victor participando do vídeo “Como é ser gay e idoso?”<sup>33</sup>



R24 – O entrevistado Adão participando do vídeo “Como é ser gay e idoso?”<sup>34</sup>

Primeiramente, é notada uma regularidade nas imagens acima que trazem os quatro entrevistados pelos youtubers do canal: como já costumeiramente, a câmera captura o busto da grande maioria dos entrevistados, que estão sentados. O corpo se significa e é significado aqui.

O corpo como lugar de significação e de ser significado. Nesse processo, as cenas recortadas do vídeo mobilizam um efeito marcado pela regularidade dos entrevistados, que estão sentados. Não estão caminhando, subindo uma escada, andando de bicicleta, eles se encontram sentados para poderem falar sobre suas vivências como sujeito idoso gay.

O sentar produz o efeito de que o sujeito quer ouvir e ser ouvido, marcando uma operação de disposição em relação ao outro. O corpo significa. O estar sentado demonstra uma forma de estar em um espaço com direcionamento de sua atenção para aquele momento. Vale

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 16 mar. 2020.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 16 mar. 2020.

dizer que o trabalho de edição de um vídeo vai imprimir sentidos também a esse corpo, vai também significar o corpo dos sujeitos e, no caso do recorte temático aqui, o sujeito gay idoso. Essa multiplicidade de olhares constitui o processo de significação do corpo na materialidade aqui analisada: um vídeo produzido num canal no YouTube.

O narrar se constitui como um processo que envolve o lembrar, o sentir, o negar, o chorar, o rir. Essa operação que é o narrar se norteia no funcionamento da linguagem, na sociedade, produzindo dizeres, ou seja, o dizer materializa a memória. Desse modo, o entrevistado formula considerações acerca da sua constituição como sujeito gay idoso em que o seu formular está circundado do real da história, inscrito em uma dada formação discursiva, que oportuniza ao sujeito se significar e significar o mundo, afetado pela contradição.

Uma história onde está inscrita a contradição, e que captura o sujeito em uma teia (já-lá) de significações, fazendo-o inscrever-se, à sua revelia, em uma formação discursiva, no mesmo movimento em que “se esquece” de que as palavras que ele (sujeito) “pensa” escolher livremente, já estão dotadas de sentido, e só por isso significam (TFOUNI, 2003, p. 154).

Há a inscrição em uma formação discursiva, esta que é arquitetada a partir das diferentes relações sociais ao longo da vida do sujeito, conduzindo na constituição de si e desdobrando-se nos posicionamentos e dizeres. Diante das agruras que foram materializadas, o indivíduo já interpelado em sujeito pela ideologia se posiciona diante da sociedade, marcado pela luta de classes, pela contradição, pela clivagem, a partir de sua constituição como sujeito.

Orlandi aponta que a linguagem permite ao sujeito se significar e compreender as dinâmicas sociais que o conduziram à inscrição em determinada formação discursiva.

O sujeito se submete à lingua(gem) – mergulhado em sua experiência de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado em que se reflete sua interpelação pela ideologia.

Como sabemos, a formação discursiva – lugar provisório da metáfora – representa o lugar de constituição do sentido e de identidade do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro (ORLANDI, 2012, p. 103).

Esse lugar de constituição do sentido e de identidade faz o sujeito compreender que o processo de narrar sobre si não é uma operação mecânica, pois a memória, quando revisitada, traz consigo as dores e alegrias das situações, que o sujeito percorreu até então por ser gay, agora ressignificada a cada dia por ser idoso. Assim, o corpo materializa as dimensões em que esses dizeres podem ou não afetar os entrevistados e, desse modo, o corpo se arquiteta para o momento.

Tal cena não foca somente no rosto, ou busto, como é de praxe, entre as produções audiovisuais do YouTube. Com os entrevistados, o corpo é visto, é significado pelo espectador do vídeo. Não é um corpo esbelto, repleto de atributos e esses corpos estão encobertos por modestas roupas. São corpos que viveram muitas dores, frustrações, interdições, amores, desejos e paixões, antes talvez impossíveis de significar em palavras em determinada estrutura social, inscritas na ordem do indizível, do real da língua.

Corpos que estão dispostos a contar suas histórias. Corpos que outrora foram desejados e/ou rejeitados, pelos quais os sujeitos materializam/atualizam sentidos das dores e delícias em ser gay. Trazem consigo uma bagagem emocional e cultural que foi esculpida nas trilhas da contradição, e agora vivenciando a velhice, podem significar o passado e o presente.

Os corpos repousam sobre cadeiras, sofás, como formulação de sentidos de que será ouvido, a narrar sua história, está aberto. Sua vida e história se articulam com o centro, naquele momento, pois estão focados pela a câmera que se direciona para eles, como até então alguém se direcionou para apenas ouvir.

Uma dinâmica é realizada pela câmera e em alguns momentos ela abre, capta uma imagem mais ampla do entrevistado no lugar que está e depois foca nos rostos. O sujeito está inserido em um tempo e espaço, em que essas condições o fazem olhar o passado e o presente, tecendo narrativas que apresentam suas vivências ao longo de suas vidas.

Dos entrevistados, três estão em lugar fechado, sendo que somente um está em uma área aberta, um jardim. O estar em ambiente fechado, como uma sala, uma recepção de um hotel, um quarto, mobiliza certos sentidos de que algo ainda é mantido cerceado, limitado, não circula em outros ambientes, não possibilita acesso a outros sujeitos.

## **2.7 A constituição do sujeito: “E eu sou gay”.**

A regularidade é rompida, pois aquele sujeito que se declara gay está do lado de fora, na área verde. Desse modo, é acionado outro movimento enquanto os três entrevistados (João Silverio, Victor e Adão) se apresentam com nome e idade. José, que inicia as apresentações, retorna na tela, com o foco da câmera em seu rosto, e diz: “E eu sou gay”.



R25 – O entrevistado José afirmando: “E eu sou gay”<sup>35</sup>.

A câmera foca o rosto do primeiro entrevistado do vídeo que se apresentou e é feito um retorno, uma volta àquele que iniciou, fechando dessa maneira o ciclo com o enunciado: “E eu sou gay”. Ou seja, mediante as apresentações – nomes e idades –, o entrevistado José fecha esse momento inicial do vídeo com a formulação em que se inscreve como sujeito gay.

No recorte da cena (R25), deparamo-nos com a cabeça curvada levemente para a esquerda, enquanto à direita, na mesma altura do rosto, está a palavra “GAY” na cor branca, sustentada na porta de vidro que está atrás do entrevistado. Trata-se de uma formulação discursiva imagética e, nesse sentido, Costa atesta que “a imagem só significa a partir da remissão às condições históricas de produção de sentido; a partir da exterioridade que a constitui. Só é possível explicitar o discurso materializado na imagem a partir das análises de suas discursividades” (COSTA, 2012, p. 299).

O gesto de se afirmar gay em um espaço seguro, sem adversidades, é gerenciado de outro modo, do ser visto pelas formas com que a homossexualidade ainda é vista pela sociedade e fazem reverberar diferentes sentidos de ser um sujeito idoso de 65 anos que afirma para uma câmera “e eu sou gay”. Nesse gesto, o olhar para o idoso é ancorado em diferentes formulações, em que, infelizmente, grande parte dessas são tonalizadas por aportes negativos, como doente, reservado, custo para a família, vergonha, isolamento, não é um sujeito produtivo. Há ainda outras formulações que também circulam, como uma disputa de sentidos para o sujeito idoso,

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 16 mar. 2020.

significado como alegre, comunicativo, sociável, lúcido, disposto, acolhedor, atlético, ativamente sexual, vaidoso em relação ao seu corpo, retornando ou iniciando os estudos que foram interrompidos por questões pertinentes.

Nesse panorama de embates de enunciações que se fixam no sujeito idoso, adentra-se o sujeito idoso gay e aí mais significações são mobilizadas, na/pela sociedade, para este sujeito. O que falta é ouvi-los, permitir que eles se signifiquem.

O sujeito idoso ao lado do enunciado “GAY”, na cena recortada do vídeo, agencia-se como um acontecimento em que a rede de memórias é acionada, e se articula certa agitação nesta rede, pelo fato de não conhecerem um idoso gay.

O enunciado “gay” junto à porta de vidro, que está atrás do entrevistado, ancora o movimento de que não é somente uma característica que faz o sujeito, e sim também outras que poderão ser conhecidas e reconhecidas frente a dinâmica da entrevista, que é o abrir essa porta e assim conhecer o íntimo permitido pelo entrevistado. Desse modo, é possível ter acesso a certas experiências, percepções de si e da sua juventude, bem como os sentidos com os quais hoje, sendo idoso, significa-se esse sujeito como gay.

Ao perfilar as apresentações que trazem as idades dos sujeitos entrevistados (65, 72, 68, 60) é fechada a primeira parte com a sequência enunciativa “*E eu sou gay*” e elabora-se uma lacuna entre ser idoso e ser gay, encontrando uma formulação discursiva em que “*eu sou nome e idade*” marca sua individualidade, o que agrega o ser gay fora dessa formulação.

Uma estrutura é operada nas falas em que orbitam nesse primeiro momento do vídeo: Regulam-se o nome (quem é) e a idade (quantos anos) para se demarcarem como idosos. Nesse sentido, segundo Haroche (1998, p. 87), “A ordem é um princípio de organização e de repartição geral e concreta dos estados e dos cargos de: os seres humanos não podem viver juntos em igualdade de condição”.

Regida pela diferença, assim funcionará essa organização, um movimento de segregação que vigora no contexto capitalista. Por meio da idade determina-se em que condições se enquadram.

Na padronização do tempo constrói-se uma cronologização da vida, que varia com a cultura, a história e a organização dos grupos sociais, bem como com o sentido que cada grupo atribui à existência humana. As idades da vida, embora vivenciadas individualmente, consistem em construções sociais. Porém, sem considerar as especificidades das diferentes sociedades, existe o tempo de nascer, crescer, trabalhar, envelhecer e morrer. Atualmente, identificamos os períodos de infância, juventude, idade adulta, velhice e, por fim, de acordo com a ordem natural das coisas, da morte. Períodos que refletem uma naturalização de concepção temporal (HOROCHOVSKI, 2013, p. 101).

Uma ordem natural vigora e se entrelaça com a ordem social, vigente pelo capitalismo, em que a idade passa a ter sentidos diferentes a cada momento da vida do sujeito e desse para a sociedade. Ao se apresentar juntamente com a idade, marca-se o lugar e a funcionalidade que esse sujeito estabelece na sociedade. Reforça o seu lugar, marca um lugar social, que deve ser respeitado pela imposição cultural moldada a cada idade, em sua potencialidade.

O vídeo continua e se arquiteta na dinâmica em que os youtubers produzem indagações para os entrevistados e esses vão respondendo, no formato de blocos temáticos, engendrados a partir do que é posto nas questões elaboradas.



R26 – Captura de tela em que os dois youtubers questionam os entrevistados<sup>36</sup>

Nelson pergunta “*E desde quando você se entende como gay?*” e enquanto o questionamento é formulado, ao lado está Pedro com a mão direita no queixo, produzindo um efeito de dúvida.

Focaremos, neste momento, na relação corpo e discurso. Para isso, recorreremos a Orlandi, que afirma que

O corpo do sujeito e o corpo da linguagem não são transparentes. São atravessados de discursividade, isto é, de efeito de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político, [...], em um processo de memória que tem sua forma própria e que funciona ideologicamente. Isto quer dizer que assim como nossas palavras já tem

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CEmP240Iffg&t=241s>. Acesso em: 19 mar. 2020.



significado antes mesmo que a tornemos como nossas palavras, nosso corpo já vem sendo significado mesmo que não o tenhamos, conscientemente, significado (ORLANDI, 2002, p. 91-92).

O corpo analisado discursivamente possibilita conhecer sentidos materializados na postura e/ou gestos encenados pelos sujeitos. Atentos a isso, notamos, no vídeo, o youtuber Pedro que se mantém desde o início do vídeo à direita da tela. No momento do recorte (R26), é o youtuber Nelson que formula a questão que será analisada posteriormente.

Ao mesmo tempo em que Nelson apresenta uma indagação que norteia as narrativas dos entrevistados no vídeo, Pedro permanece calado com a mão direita apoiando o queixo. Sentidos são produzidos aqui em relação à mão direita que, majoritariamente, é aquela que escreve, tida com a mão dominante, que abre a porta, fecha a gaveta, pega a chave sobre a mesa. Sobre a cena do recorte 26, nós a compreendemos como aquela que sustenta que algo falta, há um conhecimento não contemplado, mas que se desdobra em algo que se pode analisar e produzir um posicionamento.

Os braços não estão cruzados, fechados, não há imposição de um limite, não está cerceado, sendo que a postura, discursivamente, produz o efeito de atenção, de concentração para algo que não tem proximidade diretamente. O corpo materializa a dúvida, a curiosidade, a falta: O buraco a ser preenchido ao que se refere aos idosos gays.

Assim, compreende-se que a questão formulada engendra a relação de como os idosos gays se entenderam como sujeitos gays com dinâmicas sociais de resistência. Formulando de certa maneira um distanciamento identitário, o não compartilhamento do contexto histórico faz o implantar esse buraco. E nessa formulação o corpo se inscreve na ausência.

O corpo do Pedro materializa tal “questão” e essa não deve ser reservada somente a ele, mas também aos espectadores do canal. Ela funciona em um movimento performático que tende a ser reproduzido pelo espectador. A produção do corpo se inscreve para aquele que vê o vídeo. Não há sinal de resistência ou negação e os elementos são contundentes quando um jovem gay é interpelado sobre o assunto gay idoso.

E nesse processo de inscrição, visto que “a inscrição do sujeito no mundo se faz através do corpo” (FERREIRA, 2013b, p. 100), é possível levantar algumas questões: Como algo pode levar a produção de um vídeo que traga quatro idosos gays, o silenciamento, a invisibilidade, a grande rejeição por parte dos gays para com esse grupo? Funciona, assim, um movimento de não compreensão acerca das vivências e dizeres do grupo gay idoso, impondo-se um panorama diferente daquele vivido e mantido pelos espectadores e pelos próprios youtubers. Aí o corpo tende a materializar uma dinâmica da diferença, ou seja, das vivências e práticas dos idosos gays

e dos jovens gays, que, na maioria, assistem à produção audiovisual. O vídeo em questão convoca certas memórias que articulam determinados olhares para os idosos, só que esses olhares e suas significações podem se alterar perante os discursos produzidos por esses sujeitos, marcados em suas dinâmicas na sociedade atual, na qual, por sua vez, ainda se presentificam muitas práticas de preconceito e homofobia.

## 2.8 As narrativas dos gays idosos

Diante do questionamento, seguem as narrativas produzidas pelos entrevistados:

José: *“Só foi a partir dos dezessete, dezoito anos. Eu sou atrasadinho”*.

João Silveiro: *“Eu percebi que era gay desde pequeno”*.

Victor: *“Eu sempre fui um cara de jogar bola, de estar na rua com a molecada, cê sabe que atração a gente sen.. é uma coisa que a gente sente, só que na época era muito complicado porque...”*.

João Silvério: *“Não havia nenhuma informação”*.

Victor: *“Tudo era pecado. Masturbar era pecado”*.

Adão: *“Você tem aquele sentimento pelo mesmo sexo, mas como vivia num momento que nos éramos consideramos marginais, ou seja, estávamos à margem da sociedade”*.

João: *“Você se sentia o único personagem do mundo com aqueles sentimentos diferentes dos outros”*.

Adão: *“Então a gente ocultava”*.

O vídeo se constitui como uma trama de narrativas, intercaladas pelas falas dos entrevistados que elaboram um recorte diverso, múltiplo. Aí podemos compreender que as formas de se inscrever como gay não se afunilam em uma perspectiva homogênea. A pluralidade é sinalizada nas maneiras de como os entrevistados se entenderam como gay. Nisso nós nos apoiamos em Orlandi que afirma o seguinte:

trata-se de pensar a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, no simbólico, constituindo a forma-sujeito-histórica. Com esta forma-sujeito constituída, dá-se então o processo de individua(liza)ção do sujeito. Como sabemos, a forma-histórica do sujeito moderno é a forma capitalista caracterizada como sujeito jurídico, com seus direitos e deveres e sua livre circulação social. As formas de individua(liza)ção do sujeito, pelo Estado, estabelecidas pelas instituições, resultam em um indivíduo ao mesmo tempo responsável e dono de sua vontade (ORLANDI, 2016, p. 187).

Pensando no indivíduo afetado por essa relação marcada por sua orientação sexual, que diverge daquela imposta moralmente pelas instituições (Família, Igreja, Escola), compreendemos, portanto, como os gays marcam uma postura que possui semelhanças e divergências. A forma como se enxergarão diante da sociedade mobilizará as maneiras nas quais se inscreverão, ou seja, mediante os dizeres já orquestrados acerca da orientação sexual tida como desviante, o sujeito irá proceder se significando e significando as relações que tocam nessa temática.

E neste processo de significação, que é marcado pela memória e que afeta da mesma maneira a identificação, retomamos o que formula Orlandi (2017) a respeito da definição de narratividade como “a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas” (ORLANDI, 2017, p. 30).

O sujeito, ao relatar suas vivências, narrar sua história, vai ao longo desse processo acionando suas lembranças que são significadas por diferentes motivos, como algo negativo: a perda de um ente querido, um acidente na família; ou momento de júbilo como o nascimento de uma criança, celebração de um enlace matrimonial, uma viagem muito esperada, entre outros. O processo de narrar é agenciado pela sustentação de experiências passadas que norteiam a constituição do sujeito. Juntamente a essa questão do narrar, compartilhamos com Khoury o fato de que:

Ao narrar, as pessoas interpretam a realidade vivida, construindo enredos sobre essa realidade, a partir de seu próprio ponto de vista. Nesse sentido, temos esses enredos como fatos significativos que se forjam na consciência de cada um, ao viver a experiência, que é sempre social e compartilhada, e buscamos explorar modos como narrativas abrem e delineiam horizontes possíveis na realidade social (KHOURY, 2004, p. 125).

Com esses enredos podemos compreender as dinâmicas instauradas individualmente nesses sujeitos ao que tange sua orientação sexual. Marca-se, assim, a diferença afetando a inscrição dos sujeitos na sociedade, de modo que essa diferença se manifesta na relação com a família, com os grupos de amigos em momentos de brincar, estar juntos. O ser humano é marcado pelo aspecto social, de estar junto, de viver em comunidades, que se inicia com a família, depois passa pela escola, igreja e assim essas convivências se ampliam. Com essa dinâmica de ampliação social, o “ser quem é” articula a relação com o outro. E esse outro te afeta.

Ao narrar que “*só que na época era muito complicado*” (Victor), uma temporalidade passada é presentificada, revisitada. Aquela “época” denota que as incertezas de ser quem é encaravam-se com diferentes adversidades, podendo vincular o gesto de usar a palavra “muito” como marca de intensidade ligada à palavra “complicado”. Desse modo, é produzido um cenário gerenciado por prerrogativas explícitas, em que o homem tem que gostar de mulher e mulher tem que gostar de homem e “Quebrar tal regra” oferece ao sujeito um lugar de não ser igual aos demais, impondo aí o conflito atrelado a essa dinâmica do “complicado”.

Segundo Orlandi (2017), Sujeito e sentido se constituem simultaneamente e a partir de sua constituição como sujeito, frente à sociedade, os sentidos foram se produzindo na dinâmica “eu – social”. E como essa dinâmica não instaurou laços de afetividade, de acolhimento, implantou-se um cenário regado por situações que marcaram as formas de se ver.

No vídeo, após a fala de Victor, é colocado o recorte de fala de João Silvério, que diz: “não havia nenhuma informação”. O sujeito, que naquele momento se entende como gay, adentrou a um movimento já estabelecido, ou seja, a um movimento de operações de diferentes ordens que impõem a forma de ser e sentir, em que a circulação de informações, de conteúdos sobre a cultura gay, era bem restrita, até tidas como marginais.

James Green, em sua obra “*Além do Carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*”, elaborou um panorama histórico das experiências, lutas e resistências dos homossexuais no Brasil e discorreu que a presença dos gays e lésbicas começou na imprensa da década de 1970, mesmo com a repressão da censura da Ditadura Militar. Desse modo, Green traz um percurso de como as imagens acerca do gay foram se materializando na imprensa jornalística impressa, antes de estereótipos negativos a artigos que traziam “as sub-culturas gays do Rio e de São Paulo, informando os leitores sobre a diversidade de bares, saunas, discotecas e pequenas publicações que existiam em 1976 e 1977” (GREEN, 2019, p. 430-431).

Dessa maneira, na leitura de Green, notamos como a forma de se entender os sentidos de gay era revestida de uma perspectiva negativada diante das imposições agenciadas pelas instituições (Família, Igreja, Estado). Aquele sujeito que se inscrevia em diferentes normativas, via-se em um cenário majoritariamente sem referências. E as referências eram sustentadas por uma trama negativa, à qual se vinculavam os sentidos de que “tudo era pecado”.

Vemos atualizado da memória discursiva algo já dito, já falado em outrora e que é acionado dando tonalidades de que o sujeito se constituía como um pecador. Nesse sentido, entendemos que há um funcionamento do discurso religioso que gerencia grande parte das vidas das pessoas na sociedade. Considerando isso, temos que:

A religião é uma prática social que se destaca pela sua importância histórica e pela sua contribuição ativa nos processos sociais. Na contemporaneidade, essa importância se estende principalmente pelo fato de a religião ser responsável pela propagação de valores morais e éticos dentro da sociedade (ASSIS; MELO, 2017, p. 85).

Historicamente, a relação homem e religião foi fortalecida por questões ligadas ao poder, às guerras, à dominação de outro povo tido como “inferior”, a relações com o estado para sua manutenção, entre outros. Se agenciou como o modelo na sociedade diante das produções do que é a família, também desenhando aquilo que é tido como desviante e pecaminoso e que deve ser evitado.

A falta de compreensão conduzia para um aspecto conectado ao errante, constituído enquanto um sujeito inscrito como pecador, desviado e determinado por uma gama de dizeres que circulavam e circulam conduzindo esse sujeito a um emolduramento. São dizeres que marcam efeitos de sentidos encaminhando à construção de uma visão de si, de um sujeito que não se filia a uma formação discursiva dominante.

Vemos, desse modo, o peso da historicidade se articulando nos dizeres, ou seja, a história intervindo na língua e também no processo de constituição dos sentidos. Há uma herança judaico-cristã que cindiu a homossexualidade como uma prática a ser renegada, o que observamos ao longo da história, pela circulação dos dizeres acerca da homossexualidade que se inscrevem sendo emanados dos territórios eclesiásticos e instalam-se de forma concreta, construindo efeitos sobre o sujeito gay, afetando-o.

Um recorte da fala de Adão é muito contundente: “*Mas como vivia num momento que éramos considerados marginais, ou seja, estávamos a margem da sociedade*”.

O olhar para o outro produz diferença, distanciamento, antagonismo. Marcados pela formulação dominante, que caracteriza o homem moderno, entrelaçado por elementos pré-estabelecidos e dominantes como, por exemplo, ser branco, ser hétero, ser trabalhador, ser pai de família, ser consumidor, engendra um tecido normativo que tende a envolver toda a sociedade. Aquele que não se enquadra, não se reveste com essa “indumentária social” compulsória e produz um deslocamento que não se inscreve nessa rede de sentidos impostos historicamente.

São essas possíveis determinações históricas acerca do papel que o homem deveria realizar e quando ocorre de romper com tais determinações é relegada a ele a condição de sub-humanidade, de sujeito inferior. Isso se opera ao longo da história, no funcionamento de práticas que condicionam o homem e quando tais determinações se presentificam, a resposta é o contrário, ela emoldura e faz circular sentidos como indigno, pecaminoso e marginal.

Com aquele que não se vê incluso nela perante as normativas, a mesma perpetua, mas ele já se entende como tal, pois não há efetiva identificação com os ditames sociais. Funciona, então, um processo de contra-identificação.

Ao longo da história, formulou-se que tais determinações sociais são naturais e fazem parte do ser humano, como algo inerente a ele, mas a historicidade nos permite refutar tal posicionamento.

Foucault nos ajuda a compreender esse percurso, ao trazer que:

Um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 2015, p. 7- 8).

O gesto de trazer a temporalidade de “*como vivia num momento que éramos considerados marginais*” demarca a relação de suas experiências passadas diante do presente, no qual se materializa, em sua narrativa, a palavra “éramos”, que, por sua vez, demonstra que a conjuntura na qual está inserida não corresponde ao que se vive atualmente.

Ao João Silvério pontuar que “*você se sentia o único personagem do mundo com aqueles sentimentos diferentes dos outros*”, sobre o enunciado “único personagem” compreendemos que em sua forma de se ver no mundo, de não compartilhar com os demais uma sintonia, não havia identificação.

Moldado pela forma-sujeito-histórica, o indivíduo irá ser articulador dentro da sociedade a partir da sua posição-sujeito, que está inscrita em uma formação discursiva e, assim, ocorre o processo de identificação a essa e não àquela formação discursiva.

O assujeitamento não significa um sujeito robô que exposto ao mundo atue através de repetições programadas, mas sim o reconhecimento de que somos sujeitos de uma determinada época, inseridos em uma conjuntura histórica que possui modos de pensar dominantes que afetam o nosso dizer e o modo de compreender o mundo. Assim, todas as vezes que o sujeito se posiciona discursivamente, ele está dialogando com inúmeros discursos com os quais ele pode concordar e até mesmo se confrontar, de tal modo que possa inclusive se deslocar de uma determinada formação ideológica (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 66).

Diante de discursos dominantes que imperam e impõem uma constituição ao sujeito (ser branco, hétero, trabalhador, entre outros), todos os que não se alinharem a essa constituição, que é imposta socialmente, terão de si a produção de outros significados. Temos ciência de que

essas imposições, que são materializadas em discursos, engendram nesses sujeitos uma formulação de si, como a que foi apontada por João Silvério, significando-o enquanto “único personagem” no contexto social, não abrindo para que encontre referências que correspondam a outras possíveis tomadas de posição sujeito. Vemos aí o conflito que opera nas diferenciações que marcam as formações discursivas.

Reina uma formação discursiva específica, que impõe normas e práticas que inoculam ao sujeito ser assim e não de outra forma. O sujeito é afetado pelos discursos e assim compreendemos o recorte da fala de João Silvério em se colocar como diferente aos demais, pois sentidos possíveis da sua formação discursiva não compactuam com os daquela que é imperante.

Formações discursivas se digladiam, simultaneamente, engendrando nos sujeitos as divergências, segregações que marcam as cisões ideológicas, políticas, entre outras dentro da sociedade.

João Silvério se vê como “*diferente*” e muitos colocam nesse enunciado uma bagagem negativa, porém o discurso circula, sentidos são ressignificados e significam aquele que produz esse discurso, diante da não existência de referência para o ser gay, naquele momento que demarca o silenciamento moral que se impregnava na sociedade.

Aí podemos nos deparar com a violência que é produzida pela formação discursiva que se mantém como dominante, afetando os sujeitos e promovendo outros que não se inscrevem nela, marcando a diversidade dos discursos e de posições sujeitos. Dinamiza-se, nesse sujeito acuado por essa formação discursiva, uma significação do mundo e de si, sustentada pelo não “encaixe” na sociedade.

Após a fala de João Silvério, o vídeo coloca o recorte da fala de Adão que denuncia a violência gerada pela imposição de uma formação discursiva: “*Então a gente se ocultava*”.

O efeito de ocultar, de não se posicionar frente a uma formação discursiva que não condiz com a sua posição sujeito remonta à materialização dos dizeres, funcionando no sujeito como um mecanismo que escarna o não pertencimento àquilo que impera. Assim, deparamo-nos com a diferença em determinados contextos históricos, o camuflar, o ocultar sua posição sujeito.

Evitando, de certa maneira, o funcionamento de divergências sociais, o sujeito se anula para que a resposta não seja a violência, a agressão e/ou morte, mas entendemos que já há uma violência operando, que é a violência psicológica em não se “encaixar” no mundo, por ser quem é e, assim, conduzindo para o ocultamento, o apagamento de si.

## 2.9 Discursos *de*: o se significar como sujeito idoso gay

Permanecendo na mesma estrutura, o vídeo continua com os dois youtubers lado a lado promovendo um diálogo entre eles e com os espectadores.

Pedro: *“Tem muito gay que acha que ser gay e idoso deve ser péssimo. Que você não vai ser desejado.”*

Nelson: *“Sentir desejo”.*

Pedro: *“Ou que vai ficar sozinho, sem família”.*

Nelson se volta para Pedro: *“Você acha isso amor?”*

Pedro: *‘Não, não, a gente vai envelhecer, juntos, né, pra sempre.’*

Nessas vozes, nesses enunciados, vemos que, na memória discursiva, opera um já-dito que aciona uma estabilização acerca dos sujeitos idosos, juntamente com a noção de ideologia:

que produz a evidência, em que domínios do pensamento se constituem sócio-historicamente sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito com aquilo que lhe é dado ver, compreender ao mesmo tempo. É por aí que todo sujeito se ‘reconhece na produção de evidências dos sentidos’ (ORLANDI, 2017, p. 103).

Ao colocar que o coletivo imprime uma imagem definida para os idosos gays, atribuídos que “deve ser péssimo” ser gay e idoso, compreendemos que os dizeres articulam uma dinâmica pautada na evidência dos sentidos, em que a forma de ver o idoso gay se constitui historicamente, ao mesmo tempo que promove uma categorização que ressalta os aspectos negativos, ou seja, um apanágio específico que funciona nesse processo de significação ao idoso gay.

Dinamiza-se, desse modo, uma produção de sentidos articulada pela forma de olhar o outro, de significá-lo a partir de uma memória do dizer que se alicerça em uma projeção que limita o sujeito gay e/ou o ser um sujeito idoso. A produção de dizeres é marcada pelos sentidos engendrados pelo distanciamento que pode gerar o preconceito, o mobilizar de efeitos marcados pelo não conhecimento efetivo. Nesse sentido, evoca-se uma categorização fixa em que outras possibilidades não fazem parte e não condizem, em grande parte, ao real da história.

Silva Sobrinho ilumina nossa discussão ao afirmar que

sendo o discurso potencialmente um índice de agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, a interpelação-identificação é uma produção das práticas dos sujeitos, ou seja, os sujeitos que produzem discursos e que são também efeito do discurso, fazem história, especificamente, nos processos em que se identificam, se contra-identificam e se desidentificam da forma-sujeito (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 68).



O enunciado “*Tem muito gay que acha que ser gay e idoso deve ser péssimo*” é determinado pelo modo como as relações sociais são marcadas também por afastamentos, segregações daquele sujeito que não agrega ao grupo, que não possui vínculos (assuntos, gostos musicais, entre outros), que não convive e é dado como um elemento indiferente. Aí nos deparamos com uma ação que a comunidade LGBT coloca em pauta nas suas lutas contra o preconceito, a discriminação, a homofobia. Vemos, porém, que uma comunidade, como a LGBT, não é uniforme, ela se constitui sustentada pela heterogeneidade, pela pluralidade, pelo conflito e tensão. As diferenças eclodem marcando as parcelas sociais que orbitam na comunidade LGBT e uma delas são os idosos gays.

O vídeo “Como é ser gay e idoso?”, do Canal “*Põe na Roda*”, vem dinamizar os dizeres de quatro idosos gays como um *lócus* ainda não visitado por muitos gays. A circulação do vídeo, de seus compartilhamentos, seus *likes* e *deslikes* marcam as relações que o vídeo provocou e provoca. Segundo Orlandi (2018, p. 16), “O digital produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social, uma nova relação das práticas políticas e discursividades”. O digital permite novas formulações, o romper dessa classificação imposta quebrando o distanciamento produzido outrora para com os sujeitos idosos gays. Dada a complexidade que marca as relações sociais e perpassada pelo bojo da perspectiva capitalista, o idoso é acuado em diferentes atribuições regidas pela negatividade, inferioridade, à espera da morte de sujeitos que, no imaginário, não oferecem mais à sociedade uma contribuição efetiva.

O vídeo do YouTube descortina esse prospecto enunciando outros dizeres e marcando outras relações que os sujeitos gays idosos articulam a si mesmos e com a sociedade.

Frente ao imaginário dado nas formulações das indagações dos dois youtubers, que se sustentam nos aspectos “não ser desejado”, “solidão”, “deve ser péssimo”, ocorre a evocação da memória, que se materializa de modo que

se há repetição é porque há retomado/ regularização de sentidos que vão constituir uma memória que é social, mesmo que esta se apresente ao sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido. São os discursos em circulação, urdidos em linguagem e tramados pelo tecido sócio-histórico, que são retomados, repetidos, regularizados (INDURSKY, 2011, p. 71).

Discursos em circulação que se materializam na dinâmica sócio-histórica tendem a marcar e/ou cristalizar certos pontos. E dentre eles está a manutenção dos pontos discursivos, que entendemos como projeções que se enrijeceram na sociedade devido às formações discursivas que reduzem particularidades, singulares, a um resultado congelado, traçado com alcunha rígida, como das de que idoso não tem prazer, todo gay é imoral, mulher tida como

sexo frágil. São discursos que circulam e se mantêm nas engrenagens da sociedade, traduzidos em olhares e dizeres determinantes para diversos grupos.

Nesse processo do funcionamento da linguagem, em que referências fixas são inseridas nas tramas discursivas, recorreremos a Courtine que demonstra que

Citação, recitação, formação do pré-construído: é assim que os objetos dos discursos, dos quais a enunciação se apodera para colocá-los sob a responsabilidade do sujeito enunciador, adquirem sua estabilidade referencial no domínio da memória como espaço de recorrência das formulações (COURTINE, 1999, p. 20).

Resquícios solidificados das classificações para os sujeitos idosos gays compõem a formulação enunciativa produzida pelos youtubers Pedro e Nelson. Nesse sentido, percebemos como é sintomático tais resquícios que são compostos por um já-dito e que emanam quando as relações sociais se articulam com esses sujeitos, porém o vídeo continua. Ao trazer as narrativas dos sujeitos idosos gays, não o trazem com alguém falando por ele e sim o próprio sujeito idoso gay enuncia por uma posição sujeito marcada pela contradição de ser ao mesmo tempo um rejeitado pelo sistema capitalista e um produtor, uma mão de obra efetiva. E, assim, contrapõem-se ao exposto pelos youtubers.

Na fala de Victor *“Eu não tenho medo de ficar mais velho. Você tem que curtir sua idade de acordo com a idade que você tem”* opera um movimento de corte daqueles dizeres enunciados anteriormente. Assim, o acontecimento discursivo, como já sabido, se dá no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória. Memória essa que fixa uma imagem depreciativa à velhice, fazendo circular sentidos por tramas sociais em que a relação com ser mais jovem, ter experiência, ser viúvo, eclode, mas esse encontro com a atualidade produz um deslocamento, o da fusão em que essa memória flui, porém se sedimenta.

A velhice funciona a partir do efeito de obstáculo, desafio, ameaça, em que o medo é a resposta, porém alicerça-se no significar-se em *“eu não tenho medo”*. Diante do devir, o que virá a ser, o futuro, implica-se um movimento de significação, pautado em uma posição frente ao que circula acerca da velhice e ocorre a ruptura, o deslocamento. Assim, constitui-se a posse do desconhecimento, do que há de vir, que se apresentará como um caminho em que determinado ponto se ramificará impondo qual perspectiva seguirá.

O confronto em ser mais velho com as possibilidades que virão não evoca em Victor uma postura fatalista, pois os sentidos da/na velhice podem ser outros. Ao enunciar que *“você tem que curtir sua idade de acordo com a idade que você tem”*, os sentidos não se envolvem num invólucro tecido de amargor, pela tristeza, pela frustração de envelhecer e continuar o envelhecer.

No YouTube, o canal realiza a mediação entre os discursos sobre e os discursos de, possibilitando compreender as formas de dizer e de se dizer envolto pela condição de gay idoso. Assim, compreendemos o canal como um lugar de inscrição, de produção de dizeres que, na sua maioria, engendram e compartilham sentidos sobre os sujeitos gays e suas múltiplas dinâmicas, que abarcam a cultura, as práticas sociais e sexuais, as lutas, o modo de falar, entre outros. Porém, a temática que os relaciona com a velhice gay é fortemente trabalhada no vídeo intitulado “Como é ser gay idoso?”.

Nessa produção audiovisual, a presença de quatro gays idosos que vão responder às questões dos dois youtubers perpassa o encontro entre os discursos sobre e os discursos de. Aqui vemos o confronto de diferentes discursos que potencializam antagônicas formas de significar acerca do sujeito idoso gay e sua realidade. Isso é notório pelo fato de que os dois youtubers se inscrevem num discurso específico, em que a condição da velhice gay se manifesta como algo distante e/ou que não tenha vínculos efetivos, imperando um imaginário estereotipado sobre esse grupo social.

Quando os dois youtubers produzem tais formulações sobre os gays idosos, compreendemos que tais dizeres não são aleatórios ou estão soltos, mas sim entrelaçados pelo contexto sócio-histórico em que esse está imerso, ou seja, traz aquilo que é vivenciado em seu cotidiano e as formações imaginárias que regem tal relação. E considerar o funcionamento dessas formações imaginárias é um modo de se compreender as condições de produção desse discurso.

Do outro lado, há os dizeres dos quatro sujeitos idosos gays que buscam desconstruir aquelas formulações produzidas pelos youtubers. E, considerando-se o funcionamento da formação discursiva, retomamos Silva Sobrinho (2007) que afirma que são as formações discursivas que:

Ditam e interditam determinados dizeres; elas são constituídas propriamente pelos interdiscursos. Essas regiões de saberes, conhecimentos, espaços de permissões e também proibições, derivam das formações ideológicas, estes se caracterizam por serem forças em lutas (SILVA SOBRINHO, 2007, p. 67).

Nessa dinâmica, o embate é colocado pela reformulação daquilo que é dado por tal formação discursiva, que significa o sujeito idoso gay. Esse sujeito, ao rebater tal formulação, presentifica a tensão, expondo que aquilo que fora significado é dado pelo imaginário, ora articulado por uma perspectiva capitalista, em que a posição sujeito idoso não é tida como a de produtor, ou seja, não colabora mais na dinâmica do mercado enquanto que, por preceitos moralistas/religiosos, verte-se numa outra posição sujeito, a da homossexualidade como uma

condição a ser evitada e, por fim, a relação de produção de sentidos é afetada por um imaginário que gerencia essas duas perspectivas entrelaçadas.

Assim, confrontamos os sentidos da constituição e circulação de discursos sobre o sujeito idoso gay, que produzem sentidos de um sujeito que é colocado à margem da sociedade, diante das concepções traçadas para a velhice. Rabelo e Davi (2020), em seus estudos, tratam acerca dos recursos psicológicos e sociais ao longo do envelhecimento LGBT e para isso recorrem às pesquisas de Araújo e Fernández-Rouco. Desse modo, os autores

Ressaltam que, embora os idosos LGBT tenham as mesmas preocupações que a maioria dos idosos e que seja um mito a ideia de que eles envelhecem com mais dificuldades, existem questões específicas que afetam a saúde física e mental dessa população. Por exemplo, maior fragilidade física, maior probabilidade de viver sozinho, medo do futuro, da rejeição familiar e marginalização social e a baixa disponibilidade de recursos e apoios necessários (RABELO; DAVI, 2020, p. 47).

Tais dificuldades permeiam a sociedade e, principalmente, os gays nessa relação com a velhice, de modo que se impõe um cenário regido pelo depreciativo por meio de dizeres que significam sobre os sujeitos idosos gays. Todavia, pela oportunidade de quatro sujeitos idosos gays poderem, em um vídeo de um canal no YouTube, visto por muitos jovens gays, é propiciada uma abertura para outros sentidos sobre a velhice gay. Mesmo que mediados pelas indagações dos dois youtubers, os quatro convidados para o vídeo materializam formas de se dizerem. Assim, discursos do sujeito idoso gay são partilhados e circulam no espaço digital, permitindo a produção de sentidos que não se vinculem àqueles tão conhecidos, dominantes.

Deste modo, o vídeo vem romper com estas significações e permite ver os sujeitos idosos gays como sujeitos que merecem respeito e admiração, pelas lutas encaradas por esse grupo social que ainda, infelizmente, são menosprezados e rejeitados pela maioria da sociedade. Dizeres antes não ouvidos, que devem circular e produzir sentidos outros, em busca de uma sociedade mais justa.

Neste capítulo, buscamos analisar a produção de dizeres sobre e do sujeito idoso gay, mediada por um canal de vídeo no YouTube. Buscaremos trabalhar, no próximo capítulo, o sujeito idoso gay produzindo discursos, formulando dizeres sobre si e sobre a velhice gay na rede social digital, o Instagram, ou seja, o sujeito pode se constituir e utilizar de uma ferramenta tecnológica para produzir dizeres que mobilizam os sentidos de ser um sujeito idoso gay.

### **CAPÍTULO 3– O SUJEITO IDOSO GAY NO INSTAGRAM: DIZERES EM CIRCULAÇÃO NAS REDES SOCIAIS ON-LINE**

No presente capítulo buscamos analisar as produções discursivas a partir do perfil de um sujeito idoso gay na rede social on-line o Instagram, em que as formas de se dizer, por meio de enunciados e imagens, do sujeito idoso gay, permitem a produção e circulação de outros sentidos.

O sujeito idoso gay, ao longo da história, foi invisibilizado, marginalizado, ou seja, há um conjunto de dizeres tidos como dominantes, que arquitetam esse processo de significação dos sujeitos idosos, como vimos nos capítulos anteriores. Essa dinâmica social, regida por relações complexas que se articulam para com os idosos gays, foi se modificando com a atuação dos movimentos gays que se organizaram, marcaram e marcam a presença, a resistência na sociedade contemporânea.

Soares (2016), em seu estudo, ao analisar, na imprensa, revistas semanais do período de 1985 a 1990, busca compreender como se constitui o imaginário sobre a homossexualidade e a AIDS. Segundo o autor:

Os homossexuais apenas ocupavam o espaço da terceira pessoa: falava-se deles. Quem eram, como eram, o que faziam e por que faziam. E falava-se com tanta veemência que os sentidos se apresentavam fixos, como se colados nas palavras. E talvez assim o fosse em virtude dos homossexuais não ocuparem uma posição-sujeito para que pudessem falar-se e, portanto, fazer outros sentidos (SOARES, 2016, p.11).

Observamos que a produção de dizeres sobre o sujeito gay foi se formulando e cristalizando, assim, certos estereótipos. Há um movimento de formular discursos sobre o sujeito gay e sua produção de sentidos que, devido a intensa prática de certos dizeres em circulação, conduziram a uma organização social, pautada em uma hierarquização daqueles que formulam (instituições que regulam a sociedade) para esse grupo. Juntamente com tal contexto ao sujeito gay, desdobrar-se-á, dessa maneira, ao sujeito idoso gay, uma formulação de dizeres que abarcam a inferiorização dada pela orientação sexual e reforçada pela condição etária.

Os sujeitos gays, que outrora eram mais preponderantemente falados, ou seja, falavam deles, sobre eles, como traz Soares (2016), não tinham um espaço institucional de grande abrangência que permitisse que esse grupo pudesse falar de si, todavia passam a ter, com o advento da tecnologia, outras ferramentas que lhes são oportunizadas, as quais não se prendiam a esses espaços institucionais. Ainda se mantém a produção dos discursos sobre, a partir de diferentes posições, lugares, que ainda engendram uma dinâmica de acumamento, porém, nosso foco, nesta pesquisa, consiste em ressaltar que a tecnologia digital proporcionou, àqueles que

podem ter acesso a esse universo digital, uma divulgação mais ampla da materialização da resistência, ou seja, a resposta àqueles discursos, visto que, outrora, circulavam em espaços reduzidos. E, assim, aos poucos foram ocupando o espaço digital, rompendo e ressignificando já-ditos e construindo, dessa maneira, um percurso em que podem produzir suas considerações, seus posicionamentos, elaborando outros sentidos antagônicos àqueles formulados ao longo de um tempo, por um certo discurso dominante, em que não tinham espaço efetivo para se manifestarem. Aos poucos, os sujeitos gays idosos vão ocupando esse espaço, usualmente associado aos jovens, que é a Internet.

O espaço digital proporciona a ocupação de um lugar que outrora nem era pensado e imaginado de ser ocupado, dada a sua força e presença na sociedade. Um espaço da pluralidade, em que aqueles que têm acesso à Internet possuem o “poder”, a possibilidade, de se manifestarem.

Dias (2016b) desenvolve a questão da conectividade abordando esse movimento de estar “conectado”, em que se inscreve uma hierarquização social e econômica para aquele que está e não está conectado, configurando uma forma de poder, uma inscrição social que demarca um sobressalto em relação aos outros.

A sociedade e a tecnologia digital se articulavam em uma relação que só se intensifica e com isso os modos de vida atravessam o cenário digital.

O discurso da tecnologia em geral, produz, portanto, efeitos na maneira como o digital se materializa na sociedade, discursivamente, como uma das peças importantes do modo de organização da vida em seu conjunto, na formação social capitalista, e do modo de individualização do sujeito pela conectividade como “autenticadora” de entrada desse sujeito no mundo “civilizado” da ciência da tecnologia (DIAS, 2016b, p. 298).

Constitui-se um tecido digital que opera uma força social para aquele que está realmente conectado, oportunizando a possibilidade de “ter voz e vez”. O digital, assim, marca ao sujeito o espaço de ver e ser visto, um espaço determinado pela visibilidade e funcionabilidade daqueles que têm a oportunidade de estar conectado.

Trazemos aqui o vídeo intitulado “Namorado sem rede social”<sup>37</sup>, que apresenta uma jovem chamada Sara que encontra um jovem tido como perfeito, só que um detalhe o fazia peculiar: ele não tinha redes sociais, nenhuma rede. Diante desse fato, ao solicitar suas redes sociais para marcar em uma foto, o espanto toma seu ser e todo o romantismo que envolvia o vídeo é dissipado. Ao compartilhar o fato com duas amigas, tal situação é vista como incomum

---

<sup>37</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=SYI\\_XTfDHIM](https://www.youtube.com/watch?v=SYI_XTfDHIM) Acesso em: 29 abr. 2020.

e até extraordinária e logo se instaura um esquema de investigação para entender o porquê de o rapaz não estar conectado às redes sociais.

Em um ambiente dominado pela penumbra, a parede no fundo sustenta um quadro branco, repleto de fotos e ícones das redes sociais, traçado por linhas que interligam essas fotos com as redes, construindo um emaranhado de conexões. No primeiro plano está a namorada desesperada e outra amiga de óculos, usando um notebook. Entre o quadro e as amigas, uma terceira amiga se aproxima e argumenta: “Ele não tem rastros. Completamente fora do ar. Praticamente um fantasma”.

O sujeito que não está inserido no mundo digital, on-line, regido pelas redes sociais, é tido como um indivíduo que não faz parte, não é integrado, é desrevestido da condição humana, dito ser um fantasma. É (como se fosse) inexistente.

Diante disso, questionamos sobre como se dá o processo de produção de sentidos em uma ilusão de completude do sujeito capitalista, que faz parte das redes sociais, está presente efetivamente no espaço digital, manifestando-se de diferentes modos? Concordamos com Dias (2018), ao pensar a Internet é espaço de escrituras de si, como o das mídias digitais que produzem uma narratividade. Ao estar inserido nesse território digital, o sujeito tem o poder de interagir, de expressar seus interesses políticos, musicais, culinários, entre outros, e de se fazer presente neste *locus*.

Compreendemos que, atualmente, existir e comprovar a existência de um documento físico de identificação com número de Registro Geral (RG), de Cadastro de Pessoa Física (CPF), Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), entre outros, direciona-se em um imaginário de ser uma categoria inferior, já que elaborou-se uma presença maciça do digital, de dimensão on-line. Diante da intensa interação, estar lá e dinamizar esse espaço, o existir nesta dimensão, está atrelado ao deter um “@”, indicador de um endereço digital. Além dos documentos pessoais físicos, o “@” se materializa como articulador da existência e presentifica o sujeito na sociedade digital.

Diante disso, sujeitos e vivências que historicamente foram anulados, silenciados podem, com as redes sociais digitais tem a possibilidade de se presenciarem socialmente, rompendo uma crosta opressiva de silenciamento e, então, elencamos os sujeitos idosos gays.

Delarbre aborda essa possibilidade de diferentes sujeitos adentrarem esse território:

Essa abertura propiciou, e permitiu até agora, que se propague uma gama de «cidadanias» do universo das redes. Além de inclusões nacionais, institucionais, ou até mesmo políticas ou gremiais, mas sem prescindir delas, os usuários da Internet navegam, divagam, encontram e, à vezes, debatem, compartilham e socializam com tanta assiduidade e de maneira tão notória que as redes informáticas já são

reconhecidas como parte do espaço público contemporâneo (DELARBRE, 2009, p. 74).

Ocupar o espaço público contemporâneo se alicerça no interagir, no ocupar de forma ativa, compartilhando fotos, links, dando *likes* naquilo que gostou, assim firmando uma inscrição, e com *deslikes* produzindo o movimento contrário, agenciado pela negação, não filiação. Também há a possibilidade do gesto de ocupar pela produção de conteúdo em diferentes plataformas, inscrevendo-se nesse espaço, gerenciando a escritura de si, como em blogs, vlogs e canais na plataforma do YouTube.

### 3.1 Sujeito e Sentido: o idoso gay no Instagram

Com isso, para a análise, elencamos o perfil intitulado “@topassado\_”<sup>38</sup>, da rede social digital Instagram. Este perfil é gerenciado pelo militante Luis Baron, que apoia e atua na ONG “EternamenteSou”, organizadora de atividades voltadas para a população idosa LGBT.

Com relação ao Instagram, temos que:

O Instagram foi criado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger em 2010. Poucos meses depois, a rede social se tornou um dos aplicativos mais promissores da App Store.

Em apenas um ano, o Instagram já contava com dez milhões de usuários, sendo que o serviço estava disponível apenas para proprietários de iPhones e iPads. Em 2012, o Facebook comprou o Instagram por cerca de 1 bilhão de dólares, no mesmo ano em que a rede social foi disponibilizada para dispositivos Android.

A rede social permite o compartilhamento de fotos e vídeos, bem como a integração com outros aplicativos. Entre as suas funcionalidades estão a aplicação de filtros, o Boomerang, os Stories, além das gravações e transmissões de vídeos ao vivo. Atualmente, o Instagram também é um dos principais veículos para a publicidade de empresas de todo o mundo<sup>39</sup>.

Em uma década de existência, o Instagram tornou-se uma das redes sociais mais utilizadas. Isto marca a formulação da inscrição dos sujeitos nesse território digital, dada por sua formulação até chegar ao sistema operacional Android, que foi projetado para dispositivos móveis contendo uma tela sensível ao toque, dando oportunidade de manipular os *apps* e o teclado virtual. Vemos que, na palma da mão, encontra-se esse instrumento móvel de comunicação, que se disseminou pela sociedade contemporânea.

E atrelado a essas inovações está o aplicativo Instagram. Luz (2015) afirma que

O aplicativo, além de gratuito, tem boa acessibilidade. Nele podemos capturar e editar as fotos instantaneamente, daí sua logomarca ser a imagem da antiga máquina Polaroid, que imprimia as fotos logo após sua captura, além do aspecto retrô que o

<sup>38</sup> Disponível em: [https://instagram.com/topassado\\_?igshid=1gzabsl65437k](https://instagram.com/topassado_?igshid=1gzabsl65437k). Acesso em: 02 maio 2020.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>. Acesso em: 02 maio 2020.



enquadrado [sic] e os filtros imprimem nas imagens. Enquanto rede social, o aplicativo também oferece a opção de, depois de editada a imagem, podermos compartilhá-la, curti-la, comentá-la com nossos amigos, além de “seguir-los” em seus compartilhamentos de imagens (LUZ, 2015, p. 26).

Construiu-se uma marca usando a estética de uma máquina portátil que permitia, para aquele que a usava, ter mobilidade diante da leveza. Inscrita na história da fotografia, a Polaroid revolucionou o modo de fotografar, quesito incorporado pelos criadores do *app*<sup>40</sup> Instagram e que dá novos sentidos para aquela memória do ato de registrar imagens, mediante a produção do registro instantâneo.

Com concepção reformulada na estrutura digital, o Instagram usou aquilo que popularizou como símbolo de sua inscrição e utilização dos usuários dos dispositivos tecnológicos digitais. Aquilo que foi antes, não é mais, porém outros efeitos de sentidos poderiam ser engendrados nesse *app*, que se sustenta pelo uso da imagem.

É sob a promessa de captura e compartilhamento de momentos do mundo, que versa o Instagram, em um trânsito intenso entre o singular e o banal — ou entre a singularização do banal e banalização do singular, como bem pretender o autor de cada perfil dessa rede. Ao usuário do aplicativo fica a escolha do conceito que desejar aplicar à sua rede social, personalizando e explorando sua textualidade, enquanto autor não só de textos, mas de si mesmo. Inicialmente, como esclareceram os criadores do Instagram, a intenção era resgatar a instantaneidade das clássicas Polaroids, possibilitando a captura de imagens e seu trato com diferentes filtros. Mas essa ideia foi expandida e ganhou vigor com os compartilhamentos e a formação de uma rede social (RAMOS; MARTINS, 2018, p. 120).

Compreendemos que o Instagram não se reduz ao banal do cotidiano, mas se formula como um instrumento digital que oportuniza a produção de efeitos de sentidos para aquele que posta em seu perfil e para aquele que visualiza, comenta e curte.

Com isso, selecionamos o perfil @topassado\_ que marca a presença do idoso gay no espaço digital.

---

<sup>40</sup>Abreviação da palavra “application”, da língua inglesa, que traduzimos como “aplicativo” no cotidiano linguageiro do Brasil.



R29 – Captura de tela do perfil @topassado\_ na rede social digital Instagram<sup>41</sup>

Atentos à busca de desarticular o movimento de apagamento, de silenciamento, que foi operado ao longo da história, é que pensamos a utilização de instrumentos que oportunizam que outros dizeres possam circular e significar. Coloco aqui propagadores das vivências, das dificuldades, ou seja, das dores e delícias em ser idoso e gay, indo contra aquilo que foi construído como desviante e errante. Trazemos aqui, como referência desse movimento, o jornal “Lampião da Esquina”, que mobilizou outras formas de significar o sujeito gay durante a Ditadura Militar.

Diante da presença do digital, outras formas de produção de dizeres sobre e do idoso gay podem circular e possibilitarem a formulação de outras significações, que não se reduzem às imagens que foram cristalizadas. Outras formulações são possíveis, realizando um movimento nos sentidos, em que aquelas imagens tidas como cristalizadas, estabelecidas, vão se alterando, dando espaço para outras perspectivas ainda não vistas. Esse movimento não é algo simples, é constituído numa luta de romper com aquilo que é tido como dado, como evidente, que compreendemos como um processo lento, entrelaçado pela busca de direitos e na reconfiguração do apanágio depreciativo construído para o sujeito gay. E aí concordamos com Paoli (1992, p. 27), que afirma que “a construção de um outro horizonte historiográfico se apoia

<sup>41</sup> Disponível em: [https://instagram.com/topassado\\_?igshid=xop47aa130qg](https://instagram.com/topassado_?igshid=xop47aa130qg). Acesso em: 02 maio 2020.

na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e projetos”.

Dialogando com esse aporte teórico, em que Paoli (1992) desenvolve o direito à memória em suas reflexões, defendemos as possibilidades de que discursos que foram reduzidos, inferiorizados, possam ser iluminados e iluminar a propagação de dizeres que oportunizem a significação dos sujeitos idosos gays. Desse modo, acreditamos que as redes sociais permitem a constituição deste “outro horizonte”, em que dizeres antes não ouvidos, não aceitos, possam circular e efetivar a construção de sociabilidades, de vivências regidas pelo respeito e empatia. Direito à memória, direito de exporem suas formas de ver o mundo e de significá-lo, bem como de combaterem toda prática preconceituosa que ainda persiste em existir.

Sobre o perfil colocando em análise, ele conta com 358 publicações e 790 seguidores, em 30 de setembro de 2020, tendo sua primeira publicação realizada em 28 de junho de 2019. O nome do perfil @topassado\_ nos conduz a diferentes sentidos e, primeiramente, nos procedimentos teórico-metodológicos, tomamos como norte a questão da subjetividade, sobre a qual Orlandi coloca que

pensando-se a subjetividade, podemos então observar os sentidos possíveis que estão em jogo em uma posição-sujeito dada. Isso porque, como sabemos, o sujeito, na AD, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para sua posição no discurso (ORLANDI, 2012, p. 99).

O sujeito, ao produzir um nome para um perfil, que não apenas seja atrelado a si mesmo, com foco, mobiliza movimentos como conscientização acerca da velhice gay e projeta inquietações contundentes.

Desse modo, um perfil, em uma rede social tão usada, que se sustenta no nome “topassado”, leva-nos a problematizar dimensões que perpassam tão somente perguntar sobre quem é o sujeito que mantém tal conta. Aqui nos deparamos com um movimento polissêmico, que não se restringe a uma significação somente, única, mas que movimenta a memória, em que os dizeres funcionam para significar e serem significados em diferentes direções.

### **3.2 “Tô passado”: O Pajubá significando no Instagram**

“Tô passado” remonta a uma fala informal, coloquial, na primeira pessoa, anunciando estar indignado, admirado e inscreve-se por em uma constatação de que se refere a algo. A linguagem movimenta, é significada, significa os homens, de modo que nos leva a trazemos, para nossa discussão, o pajubá.

Compreendemos a linguagem do pajubá como forma de estreitar os laços de uma comunidade, fortificando a identificação com essa e marcando sua relação com os sujeitos que usam esse código no cotidiano.

Pajubá, também chamado bajubá, é uma linguagem-código bastante utilizada na comunidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) [e que] conceitua como uma incorporação de vocábulos procedentes de várias línguas, particularmente do Iorubá-Nagô, do francês e do inglês, e também como um elemento importante na estruturação das identidades homossexuais. Inicialmente usada pelas travestis, logo passou a ser usada por quase toda a comunidade LGBTT, à guisa de linguagem codificada da referida comunidade, isto é, não foi originalmente usada para ser entendida nos círculos heteronormativos. A ideia, naturalmente, era a criação de um código fechado nos redutos homossexuais, cujo uso e difusão na comunidade gay, caracterizariam um aspecto político de resistência e transgressão, já que seu uso fortalecia uma construção identitária (CARVALHO, 2018, p. 84).

Atrelado a esse panorama norteado por Carvalho, compreendemos que o pajubá visa reforçar uma identidade de um grupo, que, diante da marginalização dirigida a ele, elaborou, portanto, uma forma de se comunicar, de usar as palavras, produzindo sentidos aos seus usuários e conduzindo, desta maneira, um movimento discursivo de resistência.

Como afirma Mariani

E o que é a resistência, em termos discursivos? É a possibilidade de, ao se dizer outras palavras no lugar daquelas prováveis ou previsíveis, deslocar sentidos já esperados. É resignificar processos interpretativos já existentes, seja dizendo uma palavra por outra (MARIANI, 1998, p. 38).

Mescla-se a produção de uma identidade linguística e, juntamente, uma forma de materializar a resistência. O pajubá é uma estratégia de comunicação da comunidade LGBT e que materializa uma cultura, um modo de ser e fazer. A língua fortalece essa identidade e dinamiza essa cultura, realizadas nos meandros da comunidade LGBT, que é ampla, contendo diversas demandas específicas como, por exemplo, a necessidade de ampliação do mercado de trabalho para os transgêneros e travestis.

Nesse sentido, compreendemos que o pajubá é uma forma de resistir, formulado para agenciar as práticas ligadas aos LGBTs, para que possam ser materializadas e mantidas sem a interação direta dos outros grupos como, por exemplo, sair de um ambiente em que os demais sujeitos demonstram ser homofóbicos.

Ressaltamos que há resistências dentro desta comunidade LGBTT, que é ampla, heterogênea, visto que há questões ligadas à etnia, às classes sociais, que potencializam o preconceito e anegação do outro, mesmo sendo LGBTT. Aí apontamos a condição humana vinculada à velhice e há todo um direcionamento que fortalece a rejeição para esse momento da vida humana, que marca ainda mais a heterogeneidade da tida comunidade LGBTT.

O culto ao corpo e aos excessos do prazer é estimulado gerando um estado de carência permanente. Em nossa sociedade cultural atual, que valoriza a juventude, o excesso

de prazeres e o culto da felicidade como sinônimo de ausência de sofrimentos, doenças e dores. Tornar-se velho é sinônimo de aberração. O tempo é visto como algo linear em direção à morte, tendo a velhice como fase final. Logo, ninguém quer envelhecer. Portanto, por meio das biopolíticas, as ciências biomédicas se apropriam das estruturas microscópicas do corpo, com o objetivo de prolongar a vida e evitar a morte (ANTUNES, 2016, p. 239).

Formulações acerca da velhice configuram modos de significar a partir da negação, daquilo que não se almeja. Diante disso, os discursos sobre os idosos gays, na grande maioria, são produzidos sustentados na reserva negativa, como depressão, solidão, negação da vida sexual, porém dizeres contrários a esses são produzidos e possibilitam novas significações sobre o sujeito idoso gay. É neste emaranhado enunciativo que os sujeitos idosos gays (se) investem na produção de discursos que vão contra uma memória institucionalizada do dizer, que foi consolidada em uma perspectiva inferiorizante de sentidos voltados ao sujeito idoso, e isso é potencializado quando recai ao sujeito idoso gay.

Ao enunciar no perfil do instagram “topassado”, no pajubá, marca-se surpresa, admiração, diante de uma situação específica. Sentidos em deslocamento são articulados, marcando uma relação com a temporalidade ao afirmar: tô passado, estou no passado, sou passado. Deslizes são mobilizados. Afirma-se que um sujeito em relação a outros demarca-se por uma questão temporal, por uma perspectiva etária e, assim, em relação aos demais, ele se significa, entrelaçam humor e ironia ao se descrever como passado. Ou seja, marca-se um sujeito gay, que, ao ter a idade acima de 60 anos em relação aos demais sujeitos gays jovens, não compartilha interesses, desejos (na maioria), significando-o como um sujeito gay que não inspira-se como desejado pelos demais.

Outro sentido possível seria o efeito de ironia, tô passado, mas ainda vivo, desejo, celebro. Aquilo que é rejeitado, que não constitui vínculos, não demanda valores, já não denota referência atual. Traça, desse modo, a marca principal do perfil da rede social, que se configura como o propagador desse perfil, produzindo posts, compartilhando imagens, fotos, cartazes de eventos, dizeres relacionados ao sujeito idoso gay.

O perfil atrelado a este significado movimenta sentidos. “Tô passado”, alicerçado pelo pajubá, quebra esse movimento de o outro significar. Ele assume a posição de significar-se também, marcando o espanto, a indignação, porém opera na relação como os outros o veem, acionando um movimento que o administrador do perfil traz em relação aos significados dados, reproduzidos e cristalizados pelos outros.

E ao fazer outra proposta, a de “tô” no “passado”, ele realiza a inclusão da temporalidade, em que o que passou, aquilo que o marcou, foi significado para esse sujeito. Ao

trazer o “tô [no] passado”, uma dinâmica contraditória é gerenciada, fincada no vivido, articulando-se a um app que expressa a contemporaneidade.

A inscrição do sujeito no passado é devido àquilo que este mobiliza nele, como autor/administrador/produtor em seu perfil. O passado não se remete a algo distante ou sem vínculos, nutre-se como algo vívido, forte, que opera no hoje, pelas formas de se significar em um território marcado pela banalidade do cotidiano, de registros do café que se bebe até a abelha que pousa na flor.

Marca-se a busca de inserção e movimentação do sujeito idoso gay nesse espaço digital, em que há uma ruptura na produção de discursos, abrindo a possibilidade de outros sentidos serem materializados nos dizeres. É um jogo político do ser visto e ver, embutidos em romper aqueles paradigmas cristalizados para a velhice gay, marcado nesse espaço público contemporâneo atrelado aos jovens para o entretenimento e o trabalho para os adultos.

Esse jogo não é o limbo para os idosos, da mesma forma que esse espaço público é para ser significado e significar para os demais. Esse idoso gay pode e deve adentrá-lo e construir seu arquivo autobiográfico, em que memórias do passado e as lutas do presente se entrelaçam, proporcionando a produção de dizeres que abrem novos horizontes para compreender as trajetórias e significações outras para o sujeito idoso gay.

### 3.3 Dizeres que constituem o perfil no Instagram

A descrição do perfil permite mobilizar questões que perpassam os sujeitos na história, pela língua.

A screenshot of an Instagram profile bio. The text is in a light gray font on a white background. It reads: "LGBT+s veteranes... vamos falar sobre nossas singularidades, um pouco de memória e amor. SEGUE A GENTE AQUI, somos muitos e juntos somos mais fortes!".

R30 – Descrição do perfil @topassado\_<sup>42</sup>

Aqui temos um pequeno texto que articula a proposta do perfil e mobiliza os sentidos que são produzidos e movimentados na página no Instagram.

Ao colocar o sujeito na descrição, o administrador do perfil parece focar em para quem é dirigida tal proposta, ou seja, aos “LGBT+s veteranes”. Trazer a sigla emblemática da

---

<sup>42</sup> Disponível em: [https://instagram.com/topassado\\_?igshid=xop47aa130qg](https://instagram.com/topassado_?igshid=xop47aa130qg). Acesso em: 02 maio 2020.

comunidade articula toda uma identificação com seus desafios e potencialidades. Não há uma restrição para os mesmos da comunidade LGBT+, mas essa foca nos “veteranes”.

Um movimento é dado a esse enunciado: Não é “veteranos”, nem “veteranas”, e sim “veteranes”, em que o uso do “e” conjuga uma luta que produz um efeito de acolhida de todos, sem distinção. Não há segregação, constituindo-se, desse modo, um movimento na história, por meio da língua, para que não haja restrição àquele gênero e não ao outro e vice-versa. Marca-se uma adesão às novas formas de seus membros se definirem, o que rompe com o já estabelecido.

Segundo Orlandi (2013b, p. 77), “o sujeito se submete à língua(gem) – mergulhando em suas experiências de mundo e determinado pela injunção a dar sentido, a significar(-se) – em um gesto, um movimento sócio-historicamente situado, em que se reflete sua interpelação pela ideologia”. Todavia também podemos notar que, diante das experiências do mundo, a linguagem pode produzir um movimento que permite mediar novas formas de se significar na sociedade. A quebra da lógica do artigo “a” para o feminino e o artigo “o” para o masculino engendra outros sentidos e movimentos, na história, pela língua, a partir do uso do “e” como artigo que possibilite acolher a todos, sem distinção do gênero. Aí resulta na produção de sentidos outros para os sujeitos em relação à língua.

As dinâmicas sociais são mediadas pela linguagem, impondo limites e classificações, porém essas mesmas dinâmicas sociais se movimentam, reinventam-se na complexidade que abarca as experiências dos sujeitos que outrora não eram vistos e aceitos. A língua passa a ser um modo de inserção, de inscrição no espaço social e também do digital, produzindo, dessa maneira, outros sentidos, os quais marcam uma ação política regida pela aceitação de todas, todos e todes.

Uma convocação é dada no texto do perfil, incitando a proposta de apresentarem “*sobre nossas singularidades*”. Aqui, nota-se que não é apenas o usuário da Internet que segue o perfil analisado, que irá produzir dizeres sobre suas experiências e singularidades, e sim é uma proposta conjunta, realçada pelo uso de “*nossas*”. O administrador do perfil não está somente como um observador que gerencia um perfil no Instagram, ele se inscreve nesse processo de partilhar e compartilhar as singularidades. Como estamos discutindo, o sujeito idoso gay que, muitas vezes, não teve efetivamente um espaço para se manifestar, depara-se com um convite para expor suas ideias, reivindicações, projetos, angústias e utopias, bem como para estar e contatar com os seus no ambiente virtual. A dinâmica aqui instaurada não é realizada por mediações de outros, como vimos nos capítulos anteriores desse estudo. O sujeito idoso gay

utiliza das ferramentas tecnológicas, como celular e seus aplicativos, para poder se inserir nesse cenário, que recorrentemente é atribuído aos jovens.

O sujeito idoso gay se inscreve no espaço digital, em que, conforme Dias (2018, p. 16-17), “o digital produz um novo tipo de relação entre o sujeito e o social, uma nova relação das práticas políticas e discursivas”. Aqui vemos que há a presentificação do sujeito gay idoso no espaço digital, não somente mencionado por outros, mas sim formulando e fazendo circular seus posicionamentos e, assim, uma nova forma de compreender a velhice gay é oportunizada, pelo fato de que o sujeito idoso gay vai estar nesse espaço não apenas recebendo informações, mas sim produzindo e fazendo com que certos paradigmas (im)postos a sua condição sejam revisitadas e revistas, estabelecendo-se uma nova relação do sujeito com a sociedade.

Ao ter um *lócus* digital, que lhes permitam falar, expressarem-se diante dessa demanda de reverberar e serem ouvidos, pode-se ter a quebra do silenciamento imputado aos idosos na sociedade, ainda mais aos gays.

Um espaço onde ser quem é não é impeditivo, e sim há condições de possibilidade de acolhimento para discutirem, falarem, produzirem pareceres acerca de suas singularidades. Desse modo, vemos que os sujeitos são inscritos numa rede de significantes, sobre os quais entendemos que, com as circunstâncias estabelecidas pela vida, alguns não irão se inscrever e se filiar nessa rede imposta.

Há uma organização social, historicamente construída, regida pelo capitalismo e articulada pelas instituições (Família, Igreja, Escola) que impõe a categorização do aceitável, em que aquele que não se “enquadra” a tais descrições, como ser jovem, produtivo, cristão, branco, consumidor, heterossexual, entre outros, irá produzir certa tensão na rede de significantes dominante, mobilizando, assim, a filiação a outra rede, que é traçada pela separação, pela cisão social, nominado pela diferença.

O diferente é jogado para fora, via discurso. Ele não faz e não pode fazer parte desta sociedade despreparada. É preciso resignificar as relações sociais, é preciso realocar sentidos que explicitem as relações de igual para igual entre o “eu” e o “outro”, considerando semelhanças e diferenças como constitutivas da vida em sociedade (PETRI, 2009, p. 38).

Diante das afirmações de Petri (2009), encaramos o perfil “@topassado\_” como um processo de abertura e acolhida a todos que se inscrevem como idoso, idosa, gay, lésbica, travesti, transgênero, pois há essa força discursiva que coloca sujeitos fora da sociedade, tida como aceitável e marca-se, desse modo, que o espaço da sociedade não é para eles, que não estão incluídos e aceitos.



Diante desta produção discursiva, marcada pela imposição da diferença, esses que são marcados como diferentes ressignificam tais classificações, porém aceno aqui não para a vitimização, mas sim para uma formulação que se inscreva em outros lugares, sendo que um deles é o espaço digital. E aqui, especificamente na rede social Instagram, opera um espaço em que esses sujeitos dados como diferentes têm oportunidades de compartilhar suas experiências e singularidades.

Nesse sentido, Bosi (2001), que trabalhou acerca da velhice, em seus estudos nos apresenta a questão do idoso em relação ao não diálogo com os demais e pondera que:

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação (BOSI, 2001, p. 78).

Diante dessa não presença do diálogo efetivo, que promova o crescimento, conforme Bosi aponta, compreendemos que o espaço digital se constitui como lugar de produção do diálogo, que não é concretizado, na sua maioria, nas relações sociais. Assim, as redes sociais digitais oportunizam a construção do diálogo, da partilha e busca de conhecimento e juntamente o anseio pelo respeito como pessoa.

Elabora-se, também, nesse cenário digital, o efeito de seguir, de acompanhar, com a sequência enunciativa “*SEGUE A GENTE AQUI*”. Destacado pelas letras em caixa alta, o ‘seguir’ conduz a um movimento de sintonia, de compatibilidade de dizeres, posicionamentos que são materializados nas produções do perfil. Instaura-se uma rede de sentidos, em que aquele que segue, também, na sua maioria, filia-se aos dizeres enunciados no perfil.

O ‘seguir’ também demonstra o interesse aos dizeres apresentados na *timeline* do perfil, configurando-se como um espaço que é permeado por discursos que afetam os usuários dessa rede social, levando a promoção de uma identificação ou não dos usuários. Os demais usuários buscam se inscrever em outros perfis que otimizem uma sintonização de dizeres, ou seja, a fundição dos discursos produzidos por outros que têm semelhanças nas formações discursivas dos sujeitos usuários. Um movimento de estabilização discursiva, aquilo que afeta o sujeito nos aspectos similares.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações

institucionais. Para aqueles que não as praticam, esclarecemos que, longe de serem frias, as relações on-line não excluem as emoções fortes. Além disso, nem a responsabilidade individual nem a opinião pública e seu julgamento desaparecem no ciberespaço. Enfim, é raro que a comunicação por meio de redes de computadores substitua pura e simplesmente os contatos físicos: na maior parte do tempo é um complemento ou um adicional (LÉVY, 1999, p. 133).

Trata-se da busca por sujeitos que se inscrevam na igualdade, na similitude, ou seja, marcados pelas vivências significadas pelos marcadores como idade e orientação sexual. São pontos em comum que operam nessa rede de sentidos, mas outros pontos também permeiam e produzem os traços marcados pela diferença, como situação sócio-econômica, escolaridade, entre outros. A não inscrição é dada pela não sintonização para aquele(s) perfil(s) que não conjuga(m) com o sujeito usuário nas formas de ver o mundo e a si mesmo.

Um perfil que se propõe a discutir acerca das questões LGBTQ+s ligado à condição humana da velhice reverbera como uma exclusividade, pela marca dada ao usuário da Internet, que, na sua maioria, recorrentemente, são de jovens. Há a inserção e manutenção de um endereço digital que converge seguidores que sejam afetados pelas demandas traçadas pela velhice, organizando-se como uma comunidade que quer se ver e ser vista nesse espaço digital. Contribuir, fazer parte, se integrar, compartilhar conteúdos, encontrar pessoas, comentar os posts, debater, são ações que são possíveis aos usuários e seguidores. Uma comunidade digital em um território que para muitos é distante e estranho.

A descrição do perfil encerra com o seguinte enunciado: “*somos muitos e juntos somos mais fortes*”. A primeira condição que é articulada na sequência é de coletivo, de muitos que vão contra aquela determinação que é condicionada à fragilidade, de inferioridade. Aqui já se evocam outros sentidos conduzindo ao movimento de muitos, não apenas alguns ou poucos.

Continuando a sequência discursiva, nota-se que esses “*muitos*” que se identificam com a formação discursiva do perfil estão dispersos, espalhados, não se encontram ainda em uma coletividade efetiva. Um desses aspectos se dá na forma de entender e viver a velhice junto à homossexualidade, são perspectivas individuais, mas que, na sequência discursiva, funcionam em outros sentidos: Onde o “*somos muitos*” sustenta o grande número de sujeitos idosos gays, o “*juntos*” condiciona e articula com a parte “*somos mais fortes*”, o que produz o efeito de coesão, de unidade. Antes, na velhice, a vivência gay se organizava em um espectro mais solitário, não havia referência, um ponto de unificação, já o “*juntos*” aciona outros sentidos.

Na busca de operar em seus dizeres algo referente à unidade, à certa homogeneidade, é materializado o uso da sigla “LGBT”. Sabemos que isso não é tão simples assim, pois cada letra da sigla se norteia em uma multiplicidade de vivências em relação à questão de gênero e

orientação sexual. O estar “juntos” sinaliza um sentido de comunidade, de um movimento que entrelaça diferentes anseios. Rovai (2019) reflete essa dinâmica do movimento LGBT:

Foram e ainda são tratados, por muitos segmentos sociais, como sujeitos que devem ser vigiados, estigmatizados, criticados e discriminados, existindo e sendo definidos por discursos e práticas que os desmerecem. No entanto, continuam a viver todos os dias construindo formas de subverter as normas hierarquizantes e as inúmeras formas de violência físicas, psicológicas e simbólicas que possam sofrer ou que assistem viver seus semelhantes.

O movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (e não devemos esquecer de pessoas assexuadas, intersexuadas, não binárias, fluidas, dentre tantas formas de se viver o gênero e o desejo) vive sob constante ameaça – das mais sutis às mais ferozes – aos seus direitos e à sua vida. Ele tem assumido, ao longo da história, o compromisso de romper com o “não-lugar” e à situação de abjeção ou sujeição a que muitas vezes são submetidos os sujeitos que o compõem. No entanto, como aprenderam a não ser vítimas, mas sobreviventes e guerreiros, sabem que nada na história é imutável, ou condição permanente. Pelo contrário, cabe a eles o protagonismo na busca em romper e subverter práticas e discursos, abrir brechas e criar espaços de emergências na luta política contra parcelas da sociedade que controlam as normas e a memória oficial sobre as relações humanas (ROVAI, 2019, p. 15).

Temos a ciência da força e luta do movimento LGBT, mas, também, compreendemos que dentro do movimento há seus confrontos e impasses, pois são sujeitos sociais que anseiam por diferentes questões. E veremos, mais adiante, que, mesmo com essa convocatória, todas as letras do movimento não são contempladas no perfil da rede social que selecionamos para esta parte do estudo.

A manutenção da organização por meio de mecanismos que objetivem lutar por seus direitos é necessária e, para perceber isso, produz-se uma paráfrase, “somos poucos e separados somos mais fracos”, que conduz aos efeitos de sentidos alinhados à desarticulação nos projetos que se interligam, como a perda de força enquanto classe que luta contra todos os tipos de violências produzidas pela questão de ser gay e, ainda mais, de ser idoso. Mas a sequência discursiva do perfil motiva outros sentidos, em que ser idoso LGBT+ não é determinante para a construção de um olhar negativo para sua condição. O enunciado “*mais fortes*” permite olhar a velhice LGBT não como um fardo, resultado de uma vida repleta de adversidades, mas por outros posicionamentos e ações que podem ser mobilizados, movimentando os significados de ser gay e idoso.

A força pode estar na obtenção de informações sobre saúde, vida sexual, direitos conjugais e trabalhistas e, também, de lugares e atividades de sociabilidade direcionados para os usuários que seguem o perfil.

O perfil no Instagram, desse modo, movimenta a construção de novos olhares e dizeres para o sujeito idoso gay, que não deseja se esconder nas sombras da heteronormatividade. Cabe salientar que esse sujeito, que tem acesso ao espaço digital, elabora seu perfil, sua conta e segue

o perfil @topassado\_ como forma de pertencer a uma comunidade em que possa encontrar apoio, laços, vínculos e encorajamento para ser quem é.

### 3.4 Um arquivo dentro de outro arquivo: O Linktree.

No recorte R29, que traz o perfil “@topassado\_” da rede social Instagram, logo abaixo do texto convocatório analisado anteriormente há um link para o Linktr.ee, ou seja, um caminho para outra página que contém outras informações.



R31 – Recorte do perfil: link para o Linktr.ee<sup>43</sup>

O sujeito usuário do perfil seguido não fica restrito apenas à página que segue, podendo deslocar-se para outras páginas, como aqui, no caso do link, em que o sujeito pode se mover para outros sítios eletrônicos, que possuem vínculos com o perfil da rede social. Quanto ao Linktr.ee, temos que:

O Linktree é um serviço que permite agrupar todos os links para os seus perfis nas redes sociais em um único local. A ferramenta é ideal para ser adicionada em biografias em redes sociais com limitação no tamanho do texto — como é o caso do Instagram, que permite apenas 150 caracteres — e do Twitter. Confira, no passo a passo a seguir, como se cadastrar e usar o Linktree para centralizar todas as suas redes sociais em um único link e adicioná-lo à sua biografia do Instagram<sup>44</sup>.

Devido à limitação nos caracteres para a produção de um texto nas postagens da *timeline*, a ferramenta Linktree se gerencia como um arquivo de *links*, uma árvore que é construída com os *links* submetidos. Trata-se, assim, de um agrupamento de *links* referentes a assuntos postados na timeline do perfil do Instagram e a cada publicação postada é constituído um mosaico de publicações, formando uma linha do tempo, chamada *timeline*. No recorte em análise, há um agrupamento das publicações, que se organizam e se mantêm no perfil do @topassado\_, contendo fotografias, selfies, cartazes e dizeres de atividades e eventos relacionados à velhice LGBTQ+.

Algumas dessas publicações trazem temas atuais, ligados a comportamento, saúde, sexualidade, que são reproduções resumidas de publicações que circulam no espaço digital, ou

<sup>43</sup> Disponível em: [https://instagram.com/topassado\\_?igshid=xop47aa130qg](https://instagram.com/topassado_?igshid=xop47aa130qg). Acesso em: 02 maio 2020.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2017/11/linktree-saiba-como-usar-mais-de-um-link-na-bio-do-instagram.ghtml>. Acesso em: 03 maio 2020.

seja, tendo a imagem que sustenta a publicação e a descrição, que fica logo abaixo da imagem publicada, que é um texto abordando o assunto eleito. A produção de um texto descritivo de uma publicação marca que há certa limitação e aí vem a necessidade do Linktr.ee que, agrupando os links dos assuntos postados, produz o efeito de ser referencial, de ser de onde “saiu” aquele assunto. Sobre o funcionamento dessa ferramenta digital, segundo Schmitt (2003, p. 18), “ao seguir links para outras páginas, traria consigo a marca de sua incompletude, pois não daria conta do sentido por ele mesmo”.

Observamos, a seguir, um recorte do arquivo Linktr.ee do perfil @topassado\_.



R32 – Captura de tela do arquivo Linktr.ee do perfil @topassado\_<sup>45</sup>

Organizado conforme as publicações, na página inicial do perfil se estrutura um *link* em que, ao clicar, o usuário é conduzido para a página do Linktree, a qual, por sua vez, o administrador do perfil organiza, estrutura o usuário irá clicar no *link*. O *link*, assim, possui título descritivo diante de sua demanda e, ao ser clicado, conduz para o *link* que aborda o assunto, produto que deseja obter mais informação e se estrutura um caminho na busca da

<sup>45</sup> Disponível em: [https://linktr.ee/topassado\\_](https://linktr.ee/topassado_). Acesso em: 02 maio 2020.

completude de sentido, aquilo que se mostra faltante e move o usuário a percorrer um caminho de *clicks*. Considerando isso, retomamos o que formula Dias (2013a):

A Internet, de modo geral, permite observar esse traço constitutivo do sujeito — o da tensão completude-incompletude — uma vez que, por um lado, a rede se constitui pelo efêmero do dizer — link quebrado, indisponibilidade de sites, perfis excluídos, e tantos outros exemplos da volatilidade desse espaço — e, por outro lado, ela se constitui pela possibilidade de permanência, de nela tudo poder caber e circular. Sobretudo com a computação em nuvem, a Internet cada vez mais produz o efeito da completude do sujeito, mas também da memória como possibilidade do “ser inteiro” (DIAS, 2013a, p. 60).

Aqui o efeito de completude é acionado no caminho digital percorrido pelo usuário do perfil, de modo que a lacuna evidenciada pelo pequeno texto conduz a uma saturação de sentidos sobre o assunto proposto. Um movimento de busca é, assim, materializado, no anseio de obter mais informações, de se sentir “completo”, saciado, sobre tais conhecimentos.

Outro espaço de arquivo se dá na organização dos *stories*, em denominações, que visam se organizar a partir de enunciados, produzindo o efeito de estruturação referencial.



R33 – Agrupamentos temáticos dos *stories* do perfil @topassado\_<sup>46</sup>

*Stories* se constituem em um dispositivo que permite ao administrador do perfil produzir vídeos de 15 a 20 segundos, disponíveis junto com a foto identificadora do perfil na parte esquerda do aplicativo, visto que a permanência dessa produção audiovisual é de 24 horas. O administrador pode, também, ordenar os *stories*, que ficam arquivados no seu perfil, podendo reunir/selecionar os números de *stories* desejados. Dá-se ainda a possibilidade ao administrador de possuir uma linha classificatória, em que o mais atual permanece na posição inicial da distribuição, da esquerda para a direita, construindo uma ordem estabelecida pelo administrador.

“Frases”, “Filmes LGBT”, “Prevenção”, “Dicas bio” são as denominações dadas aos *stories* agrupados, que formulam um arquivo. As produções audiovisuais afetam tanto o

<sup>46</sup> Disponível em: [https://instagram.com/topassado\\_?igshid=xop47aa130qg](https://instagram.com/topassado_?igshid=xop47aa130qg). Acesso em: 02 maio 2020.

administrador do perfil, quanto o do seguidor, marcando uma relação de interação, em que pode ser comentado, marcado com emojis que traduzem as reações a cada *story*. Esses sistemas de organização se constituem em espaços arquivísticos que ordenam as produções a partir da inscrição do sujeito administrador e sua proposta em relação com o perfil estruturado. Aqui vemos os elementos que direcionam temáticas ligadas ao mundo LGBT, que perpassam questões ligadas a comportamento, saúde, entretenimento, entre outras.

Pêcheux traz em seu texto “Ler o arquivo hoje” o percurso de leitura dos arquivos, abordando que

por tradição, os profissionais de leitura de arquivos são ‘literatos’ (historiadores, filósofos, pessoas de letras) quem têm o hábito de contornar a própria questão da leitura regulando-a num ímpeto, porque praticam cada um deles sua própria leitura (singular e solitária) construindo o seu mundo de arquivos (PÊCHEUX, 2014, p. 58).

A questão do leitor do arquivo é relevante pela forma na qual irá dinamizar-se com o arquivo, interagir, ou seja, produzir sua interpretação conforme sua área e desdobramentos em outras produções. A relação que é gerenciada na leitura dada por especialistas das áreas do saber é feita de maneira singular, diante dos procedimentos que a área do conhecimento, à qual é filiado, disponibiliza. Não existe uma única forma de se ler os arquivos, vistos que esses não são organizados da mesma maneira e não comportam o mesmo *corpus* documental. Temos a ciência de que há leituras heterogêneas para os arquivos diante de sua constituição, pois há várias formas de organizar, ordenar, preservar, gerenciar as produções de dizeres mantidas sobre suas tutelas.

Diante disso, vemos o gerenciamento de um arquivo dentro de outro arquivo, sendo esse o caso da organização dos *stories* dentro da rede social Instagram. E hoje questionamos: Como o seguidor lê esses arquivos? Essa relação muitas vezes é materializada por um “curtir” e/ou produzir um comentário e também compartilhar. Assim, vemos que a leitura dos arquivos disponíveis do perfil no Instagram se articula por meio da circulação e da repetição. Considerando isso, retomamos a noção de memória metálica formulada por Orlandi:

[...] a memória metálica, ou seja, a produzida pela mídia, pelas novas tecnologias de linguagem. A memória da máquina, da circulação, que não se produz pela historicidade, mas por um construto técnico (televisão, computador, etc.). Sua particularidade é ser horizontal (e não vertical, como a define Courtine), não havendo assim estratificação em seu processo, mas distribuição em série, na forma de adição, acúmulo: o que foi dito aqui e ali e mais além vai se juntando como se formasse uma rede de filiação e não apenas uma soma, como realmente é, em sua estrutura e funcionamento. Este é um efeito – uma simulação – produzido pela memória metálica, memória técnica. Quantidade e não historicidade. Produtividade na repetição, variedade sem ruptura. E o mito, justamente, desta forma de memória é o “quanto mais, melhor” (ORLANDI, 2010, p. 9).

O acesso ao arquivo de *stories* movimenta-se pela quantidade de materiais audiovisuais produzidos, dando a oportunidade de forjar um arquivo temático. A quantidade rege esse funcionamento.

O *story* que foi postado, fica disponível por 24 horas. Após esse tempo, diante dos efeitos produzidos no administrador do perfil, esse *story* pode ser deslocado para um arquivo permanente, que permanecerá disponível ao seguidor, para quando desejar acessar tais materiais. O gesto de retomar essas materialidades impõe a força que tal *story* se deu, se movimentou. Para quantificar a leitura de um *story*, o seguidor deve visualizá-lo até o final do tempo determinado de cada produção. Sobre as visualizações, com um toque na tela o seguidor pode passar de um *story* para outro *story*, assim percorrendo a sequência organizada pelo administrador do perfil. Os *stories* se materializam na tela do telefone móvel, mas a velocidade dos mesmos é dada pelo toque do seguidor, em uma leitura rápida, ágil, mas também com a possibilidade de fazer parada, pausas. Marca-se uma relação que é gerenciada pela tecnologia digital, onde agilidade, destreza e eficácia são elementos que sustentam a perspectiva para os aparatos digitais que estão presentes na vida do sujeito contemporâneo.

Cria-se um imaginário de que a leitura foi efetiva, foi eficaz, pois há um grande número de *stories* para serem visualizados. Aqui compreendemos que a quantidade é dominante nas formas de leituras atuais, e os sentidos de qualidade são outros, determinados pela obtenção de dados que, por sua vez, são significados como se fossem conhecimentos que podem gerar transformações efetivas na vida de um seguidor/leitor, da/na sociedade.

Uma leitura do visualizar pelo visualizar, sem aprofundamento ou outras relações que são engendradas pela leitura é uma maneira de ler, mas aquele *story* que afeta o seguidor pode ter uma dinâmica específica, em que, ao visualizar, esse afeta o seguidor/leitor produzindo certo vínculo, ou seja, acionando uma rede de sentidos que pode ser para o traço do humor, da reivindicação, de uma notícia que acabara de ocorrer. Resulta, dessa leitura, outra dinâmica como o comentar, o reagir com emojis e o compartilhar com outros usuários da rede social Instagram. Aquilo o afeta e mobiliza um movimento, a circulação, a propagação daquilo que despertou certa relação e assim culmina em um processo de compartilhamento.

### **3.5 Postar no Instagram: Inscrição do sujeito idoso gay**

Adentramos as postagens/publicações presentes no perfil @topassado\_, que compreendemos como materialidades significantes que possibilitam significar outros sentidos



para a velhice gay, ou seja, elencamos postagens que trazem de modo direto a produção de significados acerca do idoso gay, que é o que sustenta essa investigação.

Desse modo, a partir da perspectiva de Lagazzi, compreendemos que as publicações selecionadas se constituem como

Objeto simbólico materialmente heterogêneo [que] requer que a compreensão do funcionamento discursivo seja buscada a partir das estruturas materiais distintas em composição [...], que entendia a composição como uma relação pela contradição entre as diferentes estruturas materiais constitutivamente falhas e incompletas (LAGAZZI, 2017, p. 35).

As postagens se configuram como produções híbridas, que perpassam o verbal ao não-verbal, mas como é ciente o não-verbal é dado de maneira dominante, pelo sentido dado à rede social Instagram, que é regida pelo imagético.

Dias (2018) nos ajuda a olhar o ato de postar, que promove a relação sujeito-tecnologia-linguagem, ao discutir que:

O postar inclui o percurso, o envio, a espera, a chegada, a saber, o meio, é uma forma de escritura que implica o compartilhamento, a viralização, mas também, o textão ou as hashtags ou as imagens, os memes, vídeos, etc. o teclar é com alguém, o postar é para alguém. São formas distintas de subjetivação pelo digital. Quanto ao “postar”, interessa particularmente, pois ele é significado pela ideia da circulação. Uma postagem tem que circular. É pela circulação que se dá sua eficácia tecnológica (DIAS, 2018, p. 158).

Ancorando no efeito de escritura, compreendemos que o postar se constitui em um movimento marcado pelo ato de publicizar nas redes sociais on-line, aqui no caso o Instagram, em que as formulações podem ser verbais e/ou não-verbais materializando as redes de filiações do sujeito administrador do perfil.

Esse ato de publicizar se configura como um processo de acrescentar ao mosaico da *timeline* formulações que busquem nortear quem é o sujeito que posta. É assim um movimento de ressaltar suas convicções, posicionamentos políticos, projetos, desejos, ironias, humor, queixas, denúncias.

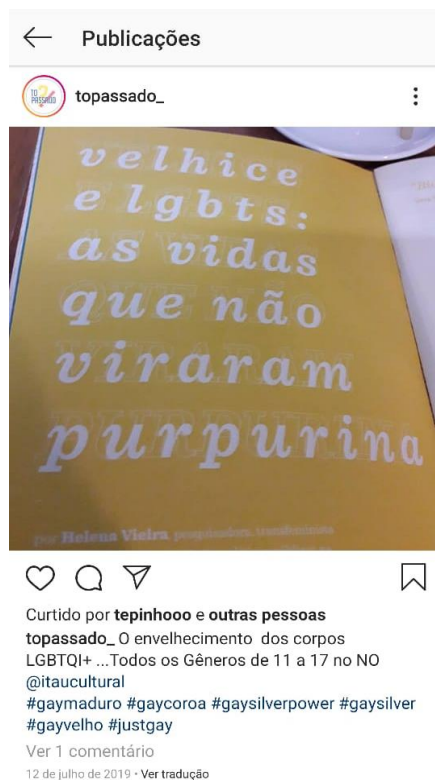
O perfil, que é administrado por um sujeito, é produzido para significar que sujeito é esse. Um deslocamento do real é conduzido ao virtual, em que o sujeito alimenta tal rede social digital, que aos poucos vai expondo as questões que moldam esse sujeito, mas, a rede social não é o sujeito em si. Questionamos ainda se podemos a definir como uma extensão desse sujeito, ampliando o seu ser físico, configurando um espectro digital de sua construção como sujeito social. Sendo assim, o perfil analisado se estrutura em publicar/postar enunciados que se conectem com as dinâmicas que envolvam, exclusivamente, as questões do sujeito idoso gay,

panorama que não é visto em outras mídias digitais, diante dos processos de silenciamento e apagamento que foram se estruturando ao longo da história. Isso, porém, não impede que esse sujeito, que sofreu tais processos de interdição, tenha se portado à margem e se calado. Aqui vemos justamente um movimento de quebra desses processos dados, porém não infinitos.

Compreendemos que o perfil @topassado\_ irrompe, movimenta, descortina sentidos outros para o processo de significação do sujeito idoso gay. Demandas, que não eram vistas circularem em outros espaços digitais, no perfil são encontradas, como, por exemplo, as atividades de uma ONG que valoriza o sujeito idoso LGBT, bem como a divulgação de notícias que abordem sobre o sujeito idoso gay, ou mesmo a indicação de filmes e séries, posts de grupos que lutam contra a homofobia, entre outros. Desse modo, podemos dizer que um posicionamento discursivo é articulado, pois se elabora um movimento de existência/resistência para os processos de significação que, ao longo dos tempos, reduziram as potencialidades do sujeito idoso gay.

O perfil se molda como um território em que é possível significar e significar-se, rompendo os preceitos que são cristalizados aos idosos, como recatado, doente, isolado, apático, os quais são ressaltados quando é idoso gay. Nesse sentido, quebra-se com as formações discursivas que reforçam os preceitos mencionados, mas é visada a materialização de efeitos de sentidos que proporcionem outros significados para o sujeito idoso gay.

Analisaremos os recortes das postagens do perfil @topassado\_, buscando compreender como determinadas formulações descontroem formas de ver o idoso gay em uma atmosfera negativa e inferiorizada, que é o cerne do perfil já mencionado.



R34 – Postagem de uma parte de um livreto de uma exposição artística<sup>47</sup>

O Instagram é um aplicativo de compartilhamentos de fotos e vídeos, ou seja, o seguidor no Instagram, diante de qualquer realidade, pode capturar e assim registrar o que deseja. E logo após ele pode compartilhar algo na linha do tempo de seu perfil, ampliando o mosaico enunciativo das publicações.

A realidade é repleta de paisagens, imagens, cartazes, objetos que podem ser registrados e deslocados para as publicações na rede social on-line promovendo em alguns perfis certa banalização do cotidiano. Compreendemos, porém, que esse movimento já é uma forma de inscrição do sujeito no mundo, em que aquilo que produz uma repetição, ou captura de objetos com ângulos abstratos, funciona na perspectiva de como esse sujeito vê e pretende que aqueles que o seguem vejam o mundo.

No perfil @topassado\_ a forma de inscrição no mundo se dá de outras formas, pensando a construção da linha do tempo, ou a tão chamada *timeline*. Cristiane Dias analisa a linha do tempo de outra rede social, o Facebook, mas ilumina nossa discussão a partir do objeto que elencamos no momento. A autora afirma que

o fato de que a ideia de fragmentação, nessa rede social, organizada em torno da linha do tempo, produz o efeito de completude e de totalidade do sujeito. A linha do tempo

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bz1RiJQBLJZ/?igshid=116qeqa80ywdf>. Acesso em: 04 maio 2020.

consiste num modo de organização do fragmentário da vida, do sentido em trânsito, linearizando a dispersão do tempo pela máquina (DIAS, 2013a, p. 65-66).

Fragmentos que vão se enquadrando, se agrupam no mosaico de publicações do perfil Instagram e materializam os sentidos que constituem o sujeito.

No recorte (R34) anterior, temos a imagem de um livro em uma exposição no Itaú Cultural, na cidade de São Paulo. Memórias são acionadas e a sequência enunciativa marca uma forte relação de um imaginário que circula na sociedade de forma pejorativa: “*Velhice e LGBTs: As vidas que não viraram purpurina*”.

A relação vida e morte na velhice LGBT é evocada, marcando questões operadas pelas formas de ver a morte tão próxima à velhice.

A História revela-nos que o envelhecimento na cultura ocidental sempre foi, em maior ou menor grau, representado prioritariamente de modo negativo, estando a ele vinculadas ideias de decadência, sujeira, cegueira, pobreza, iminência de morte. Mesmo quando pessoas mais velhas possuíam algum prestígio, era devido muito mais a sua posição social e econômica do que ao fato de serem pessoas idosas (TRINDADE; BRUNS, 2007, p. 40).

Porém, nas diferentes formas de funcionamento da relação velhice e morte, quando transpassada pela homossexualidade, o humor operaria efetivamente, como é o caso da sequência enunciativa que foi presenciada na TV, durante os anos 90, com o personagem caricato gay com o nome de Magnólio Ponto Fraco, interpretado pelo comediante Usliver João Baptista Linhares, conhecido como Tutuca e que sempre enunciava: “Bicha não morre, bicha vira purpurina”. Aqui podemos ver um deslocamento da fala do comediante para compor em impressos de uma exposição cultural, mas atentemos a que ressignificações são operadas.

Notamos que o elemento “purpurina” remete a cores, brilho, alegria, à noite, imagens vinculadas ao sujeito gay. E ao movimentar que o gay não passa pela morte, como qualquer pessoa, e sim “vira” purpurina, produz o efeito de sentido da força que o sujeito gay é marcado pela vida, diante das adversidades que permeiam sua vida. Nesse sentido, o morrer não se afunila em algo marcado pelo trágico, mas sim em mais um momento na vida desse sujeito que lutara para ser respeitado na sociedade. É mais um momento de crise que o sujeito gay vive, tendo que ressignificar(-se) (em) como passara por toda a vida diante da sociedade. A toda adversidade que era imposta, diante de sua sexualidade, o sujeito gay oportunizava novos tons, novas formas de se ver e ver o mundo.

No recorte publicado no Instagram, uma deriva, um deslize, é acionado: “*As vidas que não viraram purpurina*”, que formula um movimento de mudança, ou seja, daquilo que é marcado pelo discurso humorístico para a constatação de uma realidade banhada pela dor,

angústia, sofrimento, em que a vida de um sujeito LGBT não é tão colorida como está projetada no imaginário social, que prega essa alegria ao mundo gay.

O gesto de afirmar que “não viraram purpurina” denota que a vivência dos idosos gays não são regadas somente de gracejos e eterna alegria. Uma memória discursiva é evocada, em que purpurina significa alegria, dança, festejos, mas não somente já que é rebatida, reformulada. Nessa direção, o “não” opera impondo limites para essa imagem pejorativa.

Temos, assim, o confronto de formações discursivas que se vinculam a formações ideológicas e agenciam o enfrentamento, o contraditório em evidência, visto que:

[...] de posições políticas e ideológicas que não dependem de relações de antagonismo, de aliança ou dominação. Falaremos de formação ideológica para caracterizar um elemento suscetível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica social constitui dessa maneira um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se referem mais ou menos diretamente a posições de classes em conflitos umas com as outras (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, [1971] 2007, p. 102).

O ideológico vai ser materializado na fala do humorista, atrelando uma imagem ao sujeito gay de que, na sua morte, estariam vinculados os sentidos de frivolidade, efemeridade, festivo, regado ao brilho. Um olhar sustentado pelo humor que busca produzir uma distorção da realidade, em que se arquiteta elaborar personagens estereotipados que visam a reduzir os sujeitos gays em perfis exagerados e grotescos.

Deslocando do humor para o funcionamento de determinada posição-sujeito no Instagram, na qual o administrador do perfil @topassado\_ visa compartilhar, é produzido um movimento inverso, que conduz um panorama que é permeado pela dor da perda.

Fora da formação discursiva articulada pelo humor, as cores não estão presentes e a purpurina, elemento que constitui território e momento festivos, perde sua utilidade pelo fato de que a velhice para o sujeito gay, em muitos casos, não é uma trajetória tranquila, harmoniosa e festiva.

A morte, parafraseada como “virar purpurina”, conduz a imagem postada a um movimento de dor e angústia, reformulando a sequência enunciativa humorística ao dizer dos LGBTs que “não viraram purpurina”.

O post vem estabelecer uma sequência enunciativa que recai na denúncia, na mobilização de outros sentidos para como é visto o sujeito gay. A morte (virar purpurina) possibilita a compreensão do aspecto de que existe a finitude, mas perguntamos: como o sujeito gay idoso encara essa finitude? Mobilizar tal provocação efetua outros sentidos para sujeitos gays idosos.

O material registrado é de uma mostra de arte organizada no Itaú Cultural, entre os dias 11 e 17 de julho de 2019.

*Todos os Gêneros: Mostra de Arte e Diversidade*, que ocorre de 11 a 17 de julho, inclui em sua programação quatro mesas de debate. Três delas trazem diferentes perspectivas para debater o tema do evento – o envelhecimento do corpo LGBTQ+. A primeira, que acontece às 16h de sexta (12), se chama Questão de Gênero, Envelhecimento e Perspectivas e conta com Jordhan Lessa, Luiza Freitas e Rogério Pedro, com mediação de Helena Vieira<sup>48</sup>.

Diante de toda uma mostra de arte, o administrador do perfil é afetado por essa sequência enunciativa, em que o sujeito se inscreve nesses enunciados, determinado pelo movimento de reprodução da imagem e circulação que marca os dizeres, mas não são apenas dizeres. Eles produzem um processo de filiação que afeta a constituição do sujeito administrador do perfil, em relação a uma memória do dizer de que a morte para o sujeito LGBT, na condição humana da velhice, não é gracejo, sociabilidade, alegrias, cores em movimento, por meio da purpurina que reluz como um processo de propagação desse cenário festivo. Ao contrário, há uma imersão de não luz, do não brilho, que consta que não é associado ao elemento purpurina.

O Instagram, como um aplicativo de compartilhamento de imagens e vídeos, fortifica a presença deste elemento nos dias atuais e o seu uso é marcado como um aparato que legitima a presença e a força dos sujeitos idosos gays na sociedade contemporânea.

Compreendemos, assim, o Instagram como um espaço de formulação, circulação de discursos que materializam os anseios, desejos, projetos e paradigmas de uma parcela social que não tinha o devido respeito, em muitos casos não vistos e/ou respeitados. Como pode-se ver nos estudos de Lisboa Filho, Machado e Dias, ao apontarem que esses sujeitos são

Duplamente invisíveis, os homossexuais idosos se instalam em lugares marginais e de esquecimento social. Eles carregam duplamente o peso da oposição ao projeto social da heteronormatividade, representam sua ruína e, por isso, merecem o rechaço. Talvez seja mesmo no silêncio e no anonimato que esses sujeitos encontraram, até agora, um abrigo seguro, onde pudessem proteger a si e as suas – nem tão felizes – lembranças (LISBOA FILHO; MACHADO; DIAS, 2013, p. 43).

Um movimento inverso é promovido a partir da possibilidade de se constituírem como sujeitos ativos e se significarem distantes daquelas construções sociais que encobrem os idosos gays. O que afirmamos é que este olhar sobre eles ainda se mantém, porém os idosos gays vão aos poucos perdendo aquela sustentação discursiva, pois outros dizeres vão sendo formulados. O confronto com a formação discursiva que opera a inferioridade opressiva é dado pela constituição de si como sujeito na sociedade atual.

Consideramos isso e retomamos Orlandi que aponta que pensar

---

<sup>48</sup> Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/quatro-mesas-de-debate-compoem-a-programacao-da-mostra-todos-os-generos>. Acesso em: 05 maio 2020.

A materialidade histórica da vida dos homens na sociedade, isto é, trata-se de descobrir (pelo movimento do pensamento) as leis que definem a formação de organização dos homens em sociedades através da história. No Renascimento há separação entre sujeito e objeto; em nossos termos, discursivos, não temos essa separação. E o modo de ir além dela é pensar a contradição e o movimento do mundo. É a saída da lógica formal pela dialética (Hegel). Mas temos que ir à frente. Hegel trata a dialética idealmente, no plano do espírito, das ideias. O mundo dos homens, da perspectiva marxista, exige sua materialização. Daí a noção de práxis, de transformação objetiva do processo social, isto é, transformação das relações entre homem-natureza, homem-homem. Por isso entramos com a consideração da linguagem como trabalho, ou seja, a ação mediadora/transformadora da relação do homem com a realidade natural e social (ORLANDI, 2016, p. 74).

Atentos a este aporte teórico, compreende-se que a linguagem e o seu funcionamento possibilitam o movimento da/na história, em que dizeres dominantes poderão ser confrontados e combatidos, e tal processo de embate norteia a produção de outros dizeres, que, assim, levarão à construção de novos sentidos para a sociedade e, dessa maneira, remodelando-a com outras práticas sociais. É na linguagem que a transformação e a luta se materializam, no embate de formações discursivas divergentes, antagônicas, que proporciona a transformação das relações sociais vigentes. Aqui enfatizamos, vigentes e não permanentes. E nesse processo de embate, de busca de novos sentidos, se instala o perfil do @topassado\_ que se inscreve na produção de sentidos outros acerca da velhice gay.

Compreende-se o perfil elencado com suas postagens como um acontecimento discursivo em que a memória e a atualidade se encontram. A memória cristalizando sentidos sobre os idosos gays, conforme mencionado por Lisboa Filho, Machado e Dias, e a possibilidade de que outros dizeres possam ressignificar, deslocar sua posição sujeito, quebrando a lógica discursiva que inferioriza os sujeitos gays diante do capital que os marca como não mais produtivos, bem como no que tange à moralidade em que são tidos como desviantes e errantes.

Um território que é digital para a inscrição do idoso gay, numa posição sujeito em que produz discursos, constitui-se possibilitando a atualização de dizeres antes não ouvidos. Instaure-se, desse modo, a oportunidade de pertencer a um *locus* em que múltiplas vozes e discursos se materializam e circulam.

Ao considerarmos isso, retomamos Dias (2015) que destaca que

a constitutividade do sujeito no tempo-espaço digital está muito mais para alguém que não quer se deixar esquecer, e para tanto, ele precisa se tornar visível na memória digital, do que para alguém que quer ser lembrado, e para tanto ele precisa estar presente por meio de uma memória discursiva (DIAS, 2015, p. 170).

O ato de ser lembrado, que versa em decorrência de uma luta que já é instaurada do ser esquecido, marginalizado, estrutura-se na busca de que, o ser lembrado, visto, possibilita a

desconstrução de preceitos, já-ditos, acerca da velhice gay, gerenciando novos sentidos aos sujeitos idosos gays.

E ao mesmo tempo, há a constituição do sujeito idoso gay que utiliza as tecnologias digitais para evocar e propagar sua voz, seus projetos e anseios. O sujeito se inscreve em uma rede social, oportunizando que outros conheçam as agruras e alegrias de ser um idoso gay. Ressaltamos, aqui, que as vivências e experiências dos sujeitos idosos gays não passaram a existir apenas com a tecnologia digital, mas estamos enfatizando que, por meio da tecnologia digital, via redes sociais, é que se pode ampliar a visibilidade dessas experiências e, a partir do contato que os visitantes do perfil no Instagram terão, outros sentidos serão produzidos em relação à velhice gay.

O que podemos observar é que, no perfil do Instagram @topassado\_, há questões que abordam não somente a perspectiva negativa ou dolorida em ser um sujeito gay idoso, e sim oferece outras práticas e dizeres como relacionamento, atividades sociais, reinvidicação, entre outros.

### **3.6 Entre imagens e dizeres: o Instagram mobiliza novos/diferentes sentidos**

A postagem de 17 de julho de 2019 evoca a questão do relacionamento, do estar junto, marcando uma disposição imagética que funciona na produção de sentidos afetados pela temporalidade.





R35 – Postagem de um casal que recriou foto de 25 anos atrás<sup>49</sup>

Duas fotografias que juntas tecem uma só. A junção do ontem, do vivido, do passado, com o hoje, o pulsante, o frescor, o calor do momento.

Souza oportuniza, em seus estudos, a relação entre discurso e imagem, atestando que

ler uma imagem, portanto, é diferente de ler a palavra: a imagem significa não fala, e vale enquanto imagem que é. Entender a imagem como discurso, por sua vez, é atribuir-lhe um sentido do ponto de vista social e ideológico, e não proceder à descrição (ou segmentação) dos seus elementos visuais (SOUZA, 2001, p. 74).

Com a legenda: “Casal recria foto de 25 anos atrás”, aqui o enunciado opera como um descritor da postagem, funcionando como uma condensação dos sentidos que são produzidos. Uma legenda não estanca os sentidos, apenas direciona os sentidos.

Ao enunciar que um casal recria uma foto, algumas indagações devem ser abordadas. Assim questionamos: Como significa tal registro realizado? As posições da foto “antiga”, ao se repetirem na foto atual, nova, levam à quais sentidos possíveis?

Kossoy colabora com essas indagações ao abordar que “toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente” (KOSSOY, 2001, p. 45). O ato de registrar, fotografar, evoca que tal situação provocou alguma relação com o sujeito que a fotografou, dando a importância de ser registrado.

<sup>49</sup>Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BOCBeMNhp75/?igshid=1x12to8de38gr>. Acesso em: 06 maio 2020.

Registrar algo conduz àquele momento, em que aquela situação engendrada deve ser lembrada, mantida para esquivar-se do esquecimento e/ou apagamento.

Um casal gay, há 25 anos, faz um registro do relacionamento, do estar juntos. O contexto sócio-histórico daquele momento era permeado por outras formas de lidar com um casal homossexual no âmbito público. E hoje lidar com um casal gay idoso também abarca diferentes questões, pois são momentos diferentes, mas que são também regidos por tensões, conflitos, angústias. O congelar da imagem fotografada permite que aquelas vivências possam ser lembradas e/ou (re)significadas diante da relação dada ao passado.

A disposição dos corpos, o beijo, os óculos, a alça da mochila, a barba, são componentes que se mantêm, que constroem a conexão daquela imagem com a atual funcionam como marcas reguladoras na busca da evocação de uma memória discursiva, em que o já-visto norteia a produção imagética da recriação. Aquilo que foi fotografado produz diferentes efeito de sentidos da permanência do casal, em seu relacionamento.

As imagens capturaram diferentes momentos de vida do casal. Momentos históricos divergentes, antagônicos, do iniciar de uma relação até a permanência dela na velhice. Isso faz com que se instaure um ritual, a manutenção de uma composição em que opera o passado e o presente, significado na repetição dos elementos que compõem as fotografias. No “recriar” funcionam outras condições de produção de sentidos, de imagens em relação.

Antes, o registro de um início ou celebração de dois jovens gays e agora é marcado que tal imagem de antes é o coroamento da relação, validando sua “recriação”, sua atualização, sua formulação.

Corpos significam essa memória, daquilo que foram e os afeta, nos dias de hoje, ao remontar tal cena registrada. Elementos como o beijo pode ser um “operador discursivo”, conforme Souza (2001, p. 74) nos aponta. O sujeito de barba levanta a cabeça para efetivar o beijo na bochecha do companheiro, que se posiciona frente à câmera, como um confronto. O que dá o beijo está de olhos entreabertos, não vê direito para onde vai, de modo que o que ocorre é que, ao mesmo tempo, o outro está de óculos escuros, que recebe o beijo, sorri, sem mostrar os dentes. O fato de que os olhos não são vistos pode impossibilitar a afirmação de que caminho tomará, qual percurso se realizará.

O beijo no rosto opera com o efeito de proximidade, de intimidade, de relacionamento. O beijo efetiva tal aproximação e aquele que dá o beijo é movido pela emoção, enquanto o outro é aquele que certifica a trajetória a ser percorrida juntos.

Também traz o carinho, o afeto, o cuidado, a chegada, a despedida e aqui a permanência desses componentes, que tecem a vida do casal desde o início do relacionamento, com as dificuldades e alegrias, até os dias de hoje, envoltos por certo imaginário atrelado à velhice.

O repetir tal ato marca a importância desse para a comunidade LGBT, na busca de quebrar o imaginário de que não há afetividade, sexualidade ativa na velhice. As imagens discursivizam a permanência dos elementos que nutrem um relacionamento e não será a idade o obstáculo, o empecilho.

As duas imagens colocadas lado-a-lado operam, discursivamente, produzindo o efeito de sentido de permanência, continuidade, regularidade. Há um gesto de se manter algo que ao mesmo tempo evoca dizeres que levam os sujeitos se filiarem a dizeres não dominantes, visto que, historicamente, a união gay é tida como pecado, nefasta, entre outros, mas pondera na questão de um relacionamento de um casal de gays idosos.

Ao postar, efeitos de sentidos são produzidos. O administrador do perfil é afetado e o seguidor também quando curte, comenta, compartilha. Sujeitos e sentidos são constituídos oportunizando a produção de dizeres que evocam os movimentos na história, em que antes o “ser gay” e ter um relacionamento público imbricava em vários desafios e problemáticas, conduzindo para o hoje, em que ser gay e ser idoso condensa diferentes dilemas impostos pela própria “comunidade” gay em relação à velhice. Ao nos depararmos com esse imaginário que se impõe, não se moldando nessa imagem produzida por outros sujeitos, podemos notar a oportunidade de formular outros sentidos para o sujeito idoso gay e, também, na produção de formulações que ampliem as formas de ver os relacionamentos gays na velhice.

Relacionamos isso com os dizeres presentes nas *hashtags*, as quais estão na imagem a seguir.

#amorlongevogay #amormadurogay #gayolderlover  
#gaymaduro #gaycoroa #gayvelho #gaysilver  
#gaysilverpower #gayolder #gaymaduroantenado

R36 – Recorte da postagem do perfil @topassado\_<sup>50</sup>

A produção desses dizeres norteia a atualização de uma memória discursiva, em que o formular visa a materialização da presença dos idosos gays e suas práticas no espaço digital.

---

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0CBeMNhp75/?igshid=1x12to8de38gr>. Acesso em: 06 maio 2020.

Um já-dito opera significando que os idosos não fazem sexo, não têm sexualidade ativa, que a manutenção de um relacionamento homoafetivo entre dois idosos não é possível, mas esse já-dito é reformulado, é desarticulado. Pelo fato de vermos novos dizeres, que materializam as práticas dos sujeitos gays idosos ocupando cada vez mais diferentes espaços, oportunizando, assim, a produção do acontecimento discursivo, em que memória e atualização se encontram, e dinamizam as formas de enunciar, que outrora não eram possíveis publicamente, diante das determinações sócio-históricas. Como a história se movimenta, os sujeitos se articulam e produzem a resistência de não seguir os já-ditos impeditivos e, assim, buscarem a sua presença na sociedade, rompendo com as práticas preconceituosas.

Ao usar a *hashtag* nota-se o funcionamento de colocar em destaque os enunciados que permeiam a vivência dos sujeitos idosos, que muitas vezes não é colocado em público. Aqui, compreendemos essa produção de dizeres como uma forma de resistir e existir, quebrando os preceitos dados aos sujeitos na velhice, que já discutimos ao longo deste estudo.

Ao discutir acerca do uso da *hashtag*, Sousa e Garcia (2017, p. 24) apontam que “o uso das hashtags permite que outros usuários cliquem nas hashtags ou as busquem nos mecanismos de busca, para ter acesso a mensagens, fotos e publicações que participam da discussão de um tópico nas redes sociais”.

Dessa maneira, ocorre o funcionamento das hashtags marcando a produção de enunciados que mobilizam os sentidos acerca do relacionamento do sujeito idoso gay e sua constituição como sujeito no espaço digital.

Os dois primeiros se enunciados sustentam a partir dos sentidos do sentimento de amor, sendo esse aquilo que emerge de um relacionamento, mas, ao trazer #amorlongevogay , #amormadurogay, são mobilizados outros sentidos não vislumbrados pela maioria da sociedade, diante dos pressupostos traçados, em que a formulação de dizeres marcam esses sujeitos que pretendem não ficar mais sob o efeito do silenciamento, da marginalização, do preconceito, instaurando um outro movimento, o dos enunciados marcados pelas *hashtags* e que não visam esquivar ou anular quem são esses sujeitos. Ao produzir, postar e fazer circular pelo compartilhamento, esses enunciados proporcionam a possibilidade de novos olhares para os sujeitos idosos gays, para eles mesmos, e em relação, na sociedade, não se deixando à parte dela, somente interagindo socialmente na busca de respeito e dignidade.

Não estamos romantizando tal produção, temos ciência das adversidades que os sujeitos idosos gays enfrentam em diferentes instâncias, desde o pessoal, o íntimo, até o jurídico. O uso das *hashtags* funcionam como um processo de alteração dos mecanismos dos processos de

significação. Se há enunciados, há sujeitos se inscrevendo, se constituindo nesta luta de que suas memórias e vivências possam ocupar diferentes espaços, como o digital.

### 3.7 Corpos expostos, discursos em movimento

Ao percorrer a *timeline* do perfil do @topassado, deparamo-nos com uma postagem de 10 de outubro de 2019, que se estrutura na significação do corpo do idoso gay.



R37 – Captura de tela de postagem sobre o corpo no perfil @topassado\_.<sup>51</sup>

Na imagem postada observamos a presença de sete homens vestindo roupas íntimas, posando para a lente de um fotógrafo. Não é mencionado para qual fim fora produzida a imagem, podendo ser uma peça publicitária, uma ação de conscientização, ou seja, o objetivo para tal fim não é posto em funcionamento. Mas, ao ser postada no perfil do Instagram, é acionada uma memória em relação ao corpo, juntamente com a legenda engendrada e que sustenta a imagem. Nesse sentido, perguntamos: Qual corpo é ideal? Há um corpo ideal?

São sete homens que apresentam biotipos diferentes, porém notamos que há um predomínio do corpo branco cis, determinada pela produção de sentidos de delimitar quais corpos devem ser vistos, admirados ou publicizados.

Compreendemos que há uma diversidade segmentada, em que todos não se veem nessa imagem, isto é, mesmo a “diversidade” do corpo aqui é restrita. Corpos que, ao longo da história, foram afetados pelo imaginário e que se articulam na conjugação em que os sentidos

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B0CBeMNhp75/?igshid=1x12to8de38gr>. Acesso em: 01 ago. 2020.

de força, de virilidade, entrelaçam-se com os de estético, de perfeição. Vemos que o corpo masculino é atravessado pela construção de um imaginário social, no que ele deve representar (forte, másculo, atlético) para possibilitar ser desejado. Assim, aquele corpo que não compactua com esses ditames é negado, rejeitado.

Orlandi, ao discutir a questão do corpo, afirma que

Como sabemos nem os sujeitos, nem os corpos, pensando-se a significação, são evidentes. Ainda é sempre a opacidade, a não transparência da linguagem, que se apresenta quando pensamos discursivamente. O corpo da linguagem e o corpo do sujeito não são transparentes. São atravessados de discursividade, efeitos de sentidos constituídos pelo confronto do simbólico com o político em um processo de memória que tem sua forma e funciona ideologicamente (ORLANDI, 2016, p. 92).

Sustentados por uma memória para o corpo masculino, que foi sendo elaborada a partir das demandas impostas pela sociedade, como a manutenção da família, a defesa do estado, a gestão de um corpo saudável e forte, entrelaçaram-se dizeres voltados para a “lapidação” de um corpo visto como o referencial para o homem na sociedade.

O imaginário, assim, repousa num campo de projeção que, ao longo do tempo, foi sendo construído por discursos que atravessaram o corpo, norteando processos de significação e gerando parâmetros para a estruturação de um corpo tido como ideal.

A legenda formulada se articula com a imagem postada, formando, assim, uma rede de sentidos operada na produção de outros olhares em relação ao corpo. O gesto de trazer que “Corpos reais são bem legais...!!!” aponta para o debate em relação ao corpo real *versus* o corpo ideal, sustentado pela realidade que se pontua na existência de múltiplos tipos de corpos, com suas marcas, cicatrizes, tons de pele, impossibilidades, presentificação da magreza, da obesidade, funcionando como um suporte em que opera o processo significação ao sujeito. Dessa forma, a partir do biotipo que cada corpo possui/sustenta, o sujeito será qualificado, significado.

Corpo e sujeito se articulam num processo, na atualidade, em que o sujeito é pautado pelo corpo que sustenta, visto que o corpo pode ser modificado por cirurgias, dietas, exercícios, usos de acessórios, que proporcionam a adequação daquilo que é arquitetado como o ideal. O corpo é passível de mudanças, de modo que o corpo real é problematizado e posto em situação específica a fim de sofrer modificação para a construção de um corpo idealizado.

Ao categorizar que os corpos reais são bem legais, são produzidos dizeres que acionam um movimento de confronto com outras formações discursivas.

Nesse sentido, formulamos uma paráfrase em que se pode ter a sequência “os corpos ideias não são legais”, que desloca uma formulação em que o corpo é produzido por um imaginário, que circula ao longo do tempo, como pautado na busca de algo que se deseja ser,

apoiado por uma perspectiva ilusória daquilo que supostamente almeja. Essa ilusão é permeada por diferentes instâncias, como cirúrgicas, inserção de próteses, dietas, exercícios físicos, ou seja, a produção de sentidos de efeitos regidos pelo estético e pela beleza artificial.

Ao produzir tal sequência o sujeito se inscreverá em uma filiação que não é afetada por essa projeção corporal, mas entendendo seu corpo e suas características, como aquele que deve ser respeitado, formulando para si outras formas de se ver, não apenas pautadas no corpo como a única possibilidade de agenciar a vivência social.

Compreendemos, também, a legenda como uma formulação que visa descrever/criticar a imagem. Existe uma relação entre imagem e legenda ao formular tais dizeres, em que os sentidos para a leitura da imagem são norteados por/para aquilo que o sujeito que posta e alinhado/determinado por aquilo que ele pensa.

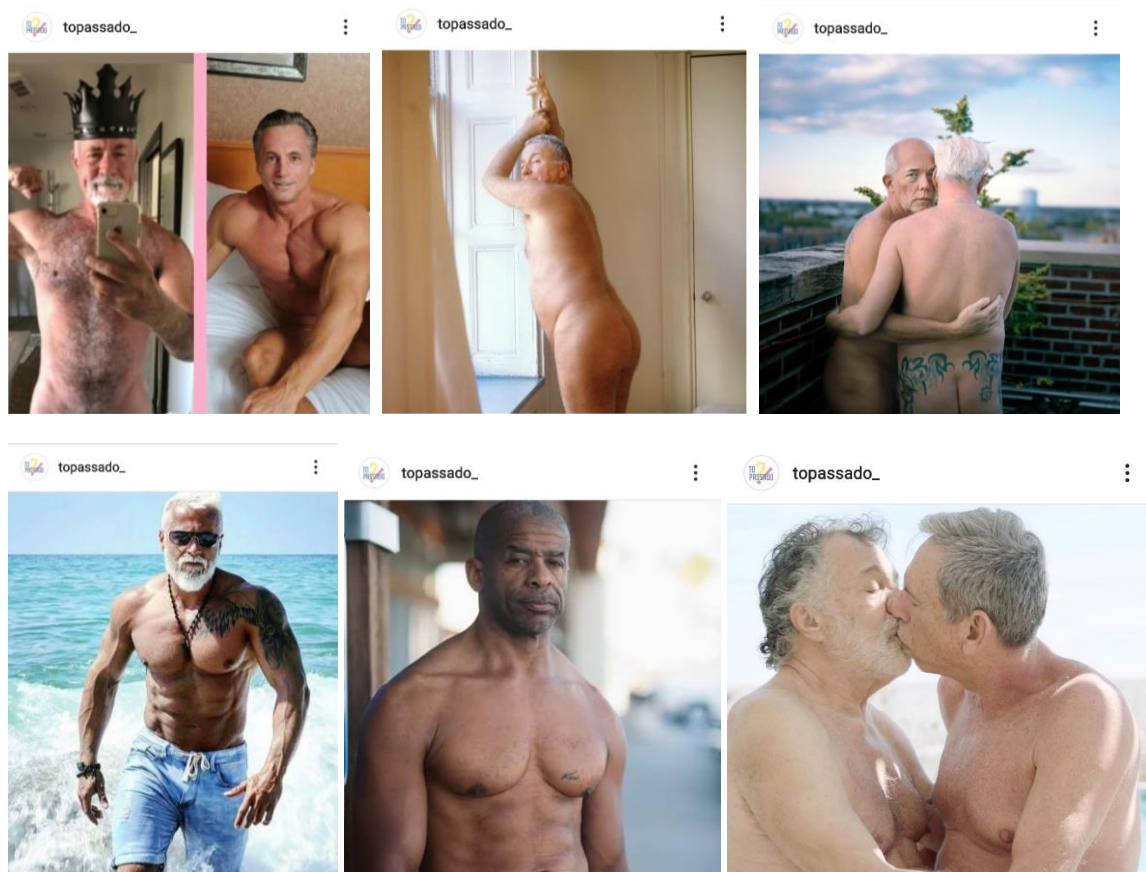
Diante disso, compreendemos que o que é mobilizado entre imagem e legenda se arquiteta na crítica acerca do corpo. O sujeito, ao chegar na velhice, depara-se com as transformações estruturais no corpo, perspectiva naturalmente presente para todos, mas vemos que para o sujeito gay esse panorama pode ser visto com uma problemática mais acentuada diante da valorização que é dada ao corpo ao longo de sua vida.

Simões, em seu estudo intitulado “Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo”, entrevistou sujeitos idosos gays, visando buscar as concepções e atitudes relativas a corpo e sexualidade nas vivências de envelhecimento.

Os sinais de envelhecimento corporal são meticulosamente investigados, reconhecidos e elaborados. Todos se assumem como vaidosos, ainda que com modulações e matizes. Rugas, queda de cabelos, bolsas nos olhos, flacidez nos membros, gordura, barriga, nádegas murchas, dificuldades de manter ereção são todos motivos de lamento, preocupação, alguma depressão, mas não conformismo. A tendência é que busquem caminhos para reverter ou amenizar o que é visto como prejuízo estético decorrente do envelhecimento. Os entrevistados afirmam recorrer a tecnologias de manutenção corporal e a profissionais especializados sempre que possível. Embora expressem também limites nisso: cirurgias plásticas para eliminar bolsas de gordura nos olhos, por exemplo, são aceitas e recomendadas, mas há resistência a intervenções estéticas mais radicais, de “puxar tudo”. Calvos lamentam a perda dos cabelos, implantes são tecnologias aceitáveis, mas tingir os cabelos ou usar peruca nem tanto (SIMÕES, 2011, p. 14).

Conforme as considerações de Simões (2011), o corpo para o sujeito idoso gay é uma questão relevante em relação às mudanças que ocorrem ao longo do processo de envelhecimento. Com as alterações do/no corpo se dá outro modo de inscrição na constituição como sujeito, que busca alternativas para a manutenção do corpo, pois esse expressa a condição da velhice.

Diante desse panorama, realizamos o exercício de compreender como, no perfil @topassado\_, o corpo é significado. Ao contabilizar as publicações que trazem o corpo exposto, ou seja, nu ou quase nu, em um total de 355 postagens até então, podemos somar 18 postagens que publicizam o corpo exposto. Vejamos algumas dessas publicações.



R38 – Postagens que trazem corpos de sujeitos idosos gays expostos<sup>52</sup>.

Observamos a dominância de corpos de idosos brancos, produzindo certos apagamentos dos outros corpos dos outros sujeitos que foram convocados para partilhar suas singularidades, conforme analisamos no recorte 29, anteriormente. O movimento de produzir uma visibilidade é tangenciado, também, pela invisibilidade, pois quando se elege certos corpos para publicizar, outros são deixados de lado.

Corpos são revestidos de sentidos e, assim, no perfil @topassado\_ do Instagram, nós nos deparamos com uma presença imagética de corpos que trazem em si a fragilidade, as marcas características da velhice, mas são também corpos idealizados, traçados pela virilidade, força, indo contra aquilo que foi proposto pelo administrador do perfil na postagem do recorte 37.

<sup>52</sup> Disponível em: [https://instagram.com/topassado\\_?igshid=1qijv1rhwu7m7](https://instagram.com/topassado_?igshid=1qijv1rhwu7m7). Acesso em: 02 ago. 2020.



O gesto de presentificar corpos “sarados”, fortes, que operam na busca de evitar que as marcas da velhice sejam efetivadas, almeja evidenciar corpos que representem saúde, vigor, disposição e sensualidade, conforme as imagens postadas. Compreendemos que se organizam formas de se dizer e dizer sobre a velhice, não sendo apenas aquela imagem cristalizada do velhinho doente, solitário, triste, abandonado, visto como um obstáculo a ser rejeitado.

Para a análise do discurso, o corpo entra estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico, o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas condições de produção, sua historicidade e a cultura que o constitui. O corpo intangível, e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível (FERREIRA, 2013b, p.105).

O corpo materializa os discursos, que ao longo do tempo, afetam o sujeito. As formas de se ver e querer ser visto agenciam a constituição do sujeito em relação ao seu corpo. A negação da condição da velhice cristalizada atravessa o corpo do sujeito, impondo práticas que resultem em um corpo que mobilize traços ou arranjos que se associem na manutenção de um corpo saudável, forte, viril.

Dessa forma, por este capítulo, é possível compreender que outras formas de constituir a velhice, juntamente com a homossexualidade, são acionadas, promovendo a produção de outros sentidos que rompem com o já-dito sobre a velhice, na direção de ser entendida, tomada, como uma experiência múltipla e rica. E a tecnologia, por meio de suas ferramentas, como as redes sociais, possibilita a produção e circulação de sentidos outros para o corpo do sujeito idoso gay.

Nesse sentido, podemos ver como a rede social on-line o Instagram, permite ao sujeito idoso gay o contra movimento daquilo que foi imposto, ao longo da história, sob a forma de interdições, silenciamentos, significações dadas por diferentes instituições. A produção de discursos sobre o sujeito idoso gay ainda acontece, e com certeza se manterá, porém, esse movimento não é mais posto como unívoco, protagonista, nesse processo discursivo, pois há deslocamentos na tensa relação entre o “discurso sobre” e o “discurso de”. Formula-se, também, como analisamos neste capítulo, a produção de dizeres que visam ir em confronto com aquele movimento, ou seja, é instaurada uma disputa de sentidos que se dá em relação ao já-dito, por uma memória do dizer. O que vemos, atualmente, é a ampliação do uso das ferramentas tecnológicas, como as redes sociais on-line com o fim de construir uma memória outra, uma memória do dizer solidificada no embate daqueles discursos que, até então, eram dominantes. Dizeres se digladiam expondo que os sujeitos idosos gays não se moldam como uma fragilidade paralisante operada pela invisibilidade. O véu da invisibilidade é rasgado, como um ato político, no instante em que um sujeito posta uma foto de dois idosos se beijando, de uma atividade

coletiva que visa a promover a sociabilidade ou um evento que busque a divulgação de reivindicações de direitos básicos, tais como: acesso à saúde de qualidade e espaço de lazer. O sujeito idoso gay se depara com aqueles dizeres engendrados por aquela memória, mas agora podem responder e produzir dizeres que repudiam, negam e argumentam com tais dizeres depreciativos, ou seja, instaura-se a produção de outros sentidos, concretizando a produção e circulação (mais ampla) de discursos de si e suas experiências com o outro, com o mundo. É instaurado um jogo tenso de sentidos, em que o sujeito idoso gay pode revisitar aqueles já-ditos e movimentar outros ditos, que, por sua vez, podem direcionar ditos futuros. Uma dinâmica opera pelo poder dizer, poder produzir e, com o uso do espaço digital, faz circular esses dizeres que podem alterar o movimento da história.

Diante desse panorama, adentramos a uma dinâmica específica, em que os dizeres não emanam mais apenas de outros, mas sim do próprio sujeito idoso gay, em formulações que podem circular mais amplamente (pelo digital), conectado, podendo instaurar outras formas de se dizer. E, assim, há possibilidade da constituição de outra posição sujeito autor, que se confronta com aqueles dizeres produzidos pelos outros, sustentados por uma lógica heteronormativa, o que concretiza na tensão, no conflito, marcando que a sociedade não é regida por um desenho social rigidamente imposto. A diversidade de ideias, de vivências, de posicionamentos, das diferentes formas de amar e constituir famílias se articulam no anseio de se realizarem plenamente, sem o cerceamento ou interdição.

A formulação de dizeres na rede social Instagram permite que uma multiplicidade de discursos possa circular e, dessa maneira, produzir sentidos outros na sociedade e na história. E nesse processo de constituição do sujeito, das questões que lhe afetam, novos sentidos são produzidos para a velhice, para o relacionamento dos sujeitos idosos gays, das considerações para o próprio corpo, em um batimento entre a memória e a atualidade.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Nosso estudo visou buscar compreender como funcionam os discursos sobre e do sujeito idoso gay no espaço digital. Na empreitada materializada nesta tese, um percurso foi-se concretizando aos poucos, de uma ideia que surge em meio à angústia de para onde ir. As mudanças do objeto de pesquisa me mostraram que o que será estudado, investigado, analisado, pode e deve ter vínculo com a trajetória do pesquisador em formação. É necessário que fale de você e você se veja neste objeto selecionado, trabalhando o modo como é afetado, pela ideologia, nessa relação. Entraríamos, assim, em uma discussão acerca da objetividade e subjetividade em relação à pesquisa científica. Sabemos que é algo já muito debatido nos espaços acadêmicos, mas reafirmo que a trajetória pessoal afeta a escolha do tema.

Diante disso, trago duas questões acerca da escolha do tema. A primeira se volta para a temática da homossexualidade, como define Fenelon (1993) que, em relação à perspectiva tradicional é tida como um “tema maldito”. Ciente de que a temática vem ganhando força e presença nas pesquisas de diferentes áreas do saber, elenco a necessidade deste tema diante do cenário atual, que é marcado pelas práticas preconceituosas e violências em diferentes dimensões, materializando o conservadorismo moral e religioso. Os LGBTs sofreram e sofrem, muitos perderam a vida por dominados essa cultura machista, homofóbica, lesbofóbica e transfóbica que perpetua na sociedade e a na história. Tenho consciência de que este estudo não irá dismantellar essa cultura, mas acena para a valorização e respeito a todos os LGBTs.

A outra questão se volta para a velhice. Notamos que as imagens para este recorte da vida humana são produzidas com ambiguidades, indo de uma perspectiva banhada por sacralidade, em que ser idoso atinge o cume da sabedoria e experiência, com nuances de um ser que não possui sexualidade e, por outro lado, um sujeito que é operado por “já ter o prazo de validade vencido”. Isso se deve ao sistema capitalista, que desenha o sujeito como uma engrenagem dessa dinâmica e ao menor sinal de diminuição da rentabilidade produtiva já é descartado. A forma-sujeito capitalista se agencia na formulação de como esse sujeito deve ser visto pela sociedade, pois, quando ele está apto a produzir, vigorosamente, ele é revestido de vários atributos. Sabemos que há a desvalorização do sujeito trabalhador nos dias de hoje, o que se faz presente na terceirização, na retirada de direitos trabalhistas. Quando esse sujeito deixa de produzir efetivamente, porém, um processo de significação é desencadeado, atribuindo a conotação de empecilho, obstáculo, entre outros. Reduz o sujeito a classificações determinadas e negativas.

Assim, a nossa pesquisa se centrou nesses dois marcadores sociais que se configuram articulados: ser gay e ser idoso.

Retomo, então, um fragmento da epígrafe que inicia a introdução deste estudo, que é uma citação de Debert, que percorre em poucas linhas o panorama histórico-social acerca da velhice. Trata-se da seguinte formulação: “abandonam os velhos a uma existência sem significado” (DEBERT, 1999, p. 17). Tomo-a como um aporte teórico, que inaugura algumas provocações sobre o envelhecimento, que se arquiteta como um porto, no qual eu me colocava como se estivesse diante de um oceano desconhecido. E ao contemplá-lo, inicialmente, joga meu olhar para uma longa distância, assim, um mar calmo, sem agitações, pacífico, como a música “um barquinho a deslizar no macio azul do mar”. Aqui, denuncio a superficialidade em que me encontrava acerca da temática.

Desloco meu olhar, então, para mais perto, onde ondas são mais expressivas, vão contra os pilares do porto, fazendo-me voltar a atenção ao movimento e ao som gerado pelo encontro das águas deste oceano. Algumas situações foram manifestadas ao longo de minha vida, como apontadas também na introdução, e que se assemelham a esse momento em que me faço ater à temática da velhice gay. Essa escolha do objeto de pesquisa é o ponto operado pela decisão de mergulhar no oceano, de enfrentar as correntezas, nadar contra as ondas mais impiedosas, sentir a temperatura da água e ir aos poucos mais fundo. Enfrentar o oceano, que me acenava em diferentes momentos, que produzia admiração, julgamentos e em momentos esporádicos me afetava pela sua dinâmica enigmática.

Tomei a decisão de deixar este porto, sustentado pela não significação aos sujeitos idosos gays e mergulhar nesse oceano e travar um exercício de compreensão acerca do funcionamento da linguagem no espaço digital, focando nas formas de dizer e se dizer desse grupo, o dos gays idosos, ainda tão ignorado e mal compreendido ou não compreendido.

A velhice é dada como prospecto que não apresenta um manual simplificado de como vivenciá-la, pois, é uma condição que aproxima da instância da finitude, levando muitos a produzir uma postura de aversão ou negação. Eis que é, este, uns dos primeiros gestos que grande parte da sociedade articula ao se deparar com o envelhecimento.

Temática delicada, que expõe para a sociedade alguns elementos como fragilidade, doença, dependência de outro, aposentadoria, alterações corporais, entre outros. Isto significa que é a condição humana que contraria grande parte daquilo que é pregado pela forma-sujeito capitalista, ser produtivo, ser dinâmico, ser livre, ser proativo, ser forte. Instaure-se a negação e a rejeição para tudo aquilo que toca nessa questão do envelhecer.

Os sentidos se movimentam, em razão de que o sujeito se dinamiza e se reformula diante das situações dadas pela vida. Os modos de ver a velhice como pautada na sinalização da finitude, na perda da autonomia e impossibilidade de amar e ser amado se desfazem, nada é estável. A relação do sujeito com suas potencialidades permite a reformulação daquilo que é dado como certo, naturalizado.

Junto se agrega a questão da orientação sexual, vista, historicamente, como desviante, imoral, pecaminosa. Instituições como a família, a escola, o Estado, buscam normatizar os corpos, conduzindo-os a performar como progenitor, trabalhador, cristão, heterossexual, ou seja, evitar que tal condição se materialize, efetivando tais ditames, conduzindo a elaboração do abjeto.

Dessa maneira, compreendemos a memória do dizer sustentada por essa historicidade, que formulou, ao longo dos tempos, as percepções negativas, conotações inferiorizantes aos idosos e aos gays. Cada grupo enfrenta os obstáculos de ser quem é, devido aos significados dados a eles por meio de preceitos e normativas que se naturalizaram.

O confronto aumenta ou tem maior intensidade quando o sujeito se constitui como idoso gay. Configura-se um panorama redobrado de cerceamentos, interdições e invisibilidade.

Durante muito tempo, os outros (instituições) pronunciaram (e ainda pronunciam de certa forma) sobre esse grupo, produzindo e circulando socialmente estereótipos e caricaturas, que justificam ações preconceituosas e violentas ou até, em alguns momentos, a morte.

Sentidos e sujeitos se constituem ao mesmo tempo, conforme Orlandi (2017), e considerando esse funcionamento, entendemos que o sujeito idoso gay é instaurado como um sujeito histórico, que ao longo dos tempos foi significado, e, simultaneamente, também produziu significados para aqueles dizeres que os significava. E é no espaço digital que essa dinâmica ganha mais força na sua formulação e circulação.

É importante dizer que, sabemos que não são todos que possuem acesso para produzir, para dizer e se dizer nos meios de comunicação, como jornais, revistas, livros, e aí vemos que se articula um ordenamento hierarquizado, regido pelo poder de formular e divulgar suas ponderações e apontamentos. Um exemplo é o Jornal Lâmpião da Esquina, que circulou de 1978 a 1981, durante a Ditadura Militar, formado por um grupo de homens gays que entendiam que “a publicação representou uma classe que não possuía voz na sociedade, mostrando-se importante para a construção de uma identidade nacional pluralista<sup>53</sup>”. A contribuição do impresso é relevante para a história do movimento gay e lésbico, pois visava desconstruir os

---

<sup>53</sup> Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina/>. Acesso em: 15 set. 2020.

arquétipos negativos impostos aos gays e às lésbicas. Era, porém, um grupo ligado à literatura, à arte, ao jornalismo, constituindo-se, em certo sentido, num grupo privilegiado.

Atualmente, com as mudanças tecnológicas e o advento das redes de comunicação, através da Internet, com seus diferentes suportes e estruturas, como sites, blogs, jornais on-line, canais de vídeo, redes sociais on-line, pode-se notar que o poder de formular dizeres não ficou, exclusivamente, nas mãos de um grupo limitado.

Vemos, atualmente, a ampliação de espaços que acolhem diferentes grupos, que perpassam diferentes posicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais. A Internet não se fecha em um suporte que limita ou segrega, mas se configura como um espaço aberto a todos que podem ter acesso. Um lugar que se marca na instância democrática.

E aí nós nos deparamos com dizeres que foram, ainda, formulados sobre os sujeitos idosos gays, ou seja, discursos sobre que marcam a cristalização de estigmas. O sujeito idoso gay foi falado e significado. Gerenciou-se sentidos para esses sujeitos, sentidos que recorrem a uma memória, que atravessa o tempo, demarcando aspectos negativos em relação a esse grupo.

Até quando outros sentidos são formulados, não é o sujeito idoso gay quem formula, e sim o outro. Isto marca alterações na forma de dizer acerca deles, mas resquícius atrelados à forma de compreender os relacionamentos amorosos, a maneira como o mercado encara os sujeitos idosos gays, aciona uma memória, a desses já-ditos que circulam e expõem certas travas para a compreensão desses sujeitos.

Além de blogs, sites, jornais on-line, o audiovisual é um elemento fortemente consumido pela sociedade. E a plataforma de vídeos YouTube é um grande arquivo, que abriga produções de diferentes canais que, por sua vez, se articulam por temáticas diversas, desde de partilha de conhecimentos a tutorias culinárias.

Ao elencar um vídeo do Canal *Põe na Roda* para realizar análise neste estudo, destacamos que, diante de 515 vídeos, até então, somente 04 vídeos acenam para a temática da velhice gay. E escolhemos um que se gerencia exclusivamente para tal temática.

O vídeo se articula a partir de questões de dois youtubers para quatro idosos gays. Assim, vemos que o já-dito, a memória, no dizer, é acionada quando as questões são formuladas. E, por sua vez, os quatro idosos gays formulam seus dizeres, no percurso de se significarem e significarem as dinâmicas sociais.

Notamos que o confronto entre os discursos *sobre* e os discursos *de* se materializa, ou seja, sustenta-se em dizeres que já circulam sobre a velhice, tomados por certa evidência do que seja a velhice. A exterioridade, assim, é operada nas questões dos youtubers, porém vemos que

a constituição do sujeito idoso gay, no vídeo, não se sucumbe pelos dizeres alheios, gerenciando a ebulição de outros sentidos para si mesmo.

Também, encontramos outras formas do sujeito idoso gay se dizer, não necessitando de mediações, e sim se articulando na construção e manutenção de um perfil em uma rede social on-line

Por meio dessa ferramenta, o sujeito idoso gay pode se dizer e dizer, imerso na dinâmica de significar e se significar. Uma mudança na órbita se estabelece, ou seja, antes os outros falavam dele ou mediavam sobre a produção de dizeres. O sujeito idoso gay, como sujeito conectado, não fica mais apenas à margem da produção dos dizeres, e sim ocupa o lugar de protagonista, de poder formular dizeres, arquitetando o movimento de identificação, contraidentificação, movimentando, assim, aqueles sentidos já dados ao seu grupo.

Este movimento permite a reformulação daqueles dizeres, tidos como naturalizados, e na produção de outros, que ampliem as significações para o sujeito idoso gay, não pautado em perspectivas negativas ou depreciativas, mas sim na constituição do sujeito que busca amar e ser amado, lutar na busca de direitos e na manutenção daqueles adquiridos, enfim, na concretização do respeito e da tolerância.

Compreendemos, desse modo, que a linguagem é uma forma de mediação entre o sujeito e mundo. A partir de diferentes momentos e lugares, dizeres foram formulados afetando a sociedade e implicando na produção de normas e preceitos. Sujeitos, corpos, práticas foram emoldurados e qualificados diante das demandas impostas ao longo do tempo. Também ressaltamos a dominância, nos materiais aqui analisados, do corpo do homem branco gay, mostrando que esse movimento da visibilidade, simultaneamente, produz a invisibilidade de outros corpos, como o corpo negro e o corpo trans. Essa questão pode ser notada em quase todos os recortes selecionados, articulando-se, no espaço digital, a velhice gay somente a um biotipo, a um corpo. Impera um arquétipo, silenciando outros que sofrem ainda mais pelas significações engendradas pela história.

O existir e o resistir se articulam por meio da linguagem, em que o sujeito se constitui e organiza suas formas de lutar contra as interferências e normas, as quais ainda servem muitas vezes para minar a vida plena dos sujeitos idosos, sustentadas por preconceitos e estigmas.

Compreendemos que o espaço digital, com seus dispositivos, oportuniza aos sujeitos idosos gays, que não permanecem inertes aos discursos *sobre*, certo “lugar de fala”. Instaura-se a produção de discursos *de* que vão arquitetar um embate em relação ao que foi imposto pelos discursos *sobre*. Temos ciência da força histórica e da permanência dos discursos *sobre*, porém compreendemos que a história, enquanto luta de classes, é articulada pela contradição,

pela tensão e, desse modo, o espaço digital permite a produção de discursos *de* em que os sujeitos idosos gay podem expressar suas angústias, suas frustrações, seus desejos e anseios. E assim proporcionar uma dinâmica constitutiva para aqueles significados que emanam dos discursos *sobre*, dando a oportunidade de serem revistos e reformulados, deslocados.

Portanto, um processo lento e gradativo é realizado, a partir dessa dinâmica de formulação e circulação de outros dizeres para os sujeitos idosos gays. O mais relevante se manifesta nesta ação de produzir dizeres no espaço digital, de contra argumentar, de postar uma imagem que traga a reflexão e discussão de um projeto de lei e/ou reivindicação de um direito básico, como moradia, saúde, lazer, entre outros. Procuramos mostrar como essa produção de dizeres se dá numa relação de tensão entre o “discurso sobre” e o “discurso de”, deslocando sentidos, ressignificando sujeitos, historicamente, a partir de determinadas condições de produção dos sentidos. Por fim, compreendemos que o ato de “usar” uma *hashtag* junto a enunciados como “amorgayentrevelhos” ou “gaycoroantenido” sai do irrisório para um gesto político marcado pela existência e resistência. E, aos poucos, esse espaço digital é ocupado, possibilitando, assim, que ressoem novas significações para o sujeito idoso gay, oportunizando o encontro de dizeres traçados pelo respeito e tolerância.



## REFERÊNCIAS

- ABRIL. **Delacroix**, Tradução Simone Esmanhotto. São Paulo: Abril, 2011.
- ADORNO DE OLIVEIRA, Guilherme. **Discursos sobre o eu na composição autoral dos vlogs**. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2015.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. **Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Programa de estudos Pós-graduados em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.
- ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 20, p. 311-335, 2017.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. Analisando o discurso religioso midiático no programa De Frente com Gabi: um contraste entre os discursos do Padre Fábio de Melo e do Pastor Silas Malafaia. *In*: MELO, Mônica Santos de Souza. (org.). **Reflexões sobre o discurso religioso**. 1 ed., Belo Horizonte: NAD/UFGM, 2017.
- AUTHIER-REVUZ. J. Palavras mantidas a distância: *In*: AUTHIER-REVUZ. J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BASTOS, Francisco Inácio; BOSCHI-PINTO, Cynthia; TELLES, Paulo Roberto; LIMA, Elson. O Não-dito da AIDS. **Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ)**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 90-96, 1993.
- BEAUVOIR, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOSI, Ecleá. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CARDOSO, Wladirson; CHAVES, Ernani Pinheiro. Entrecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: Notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay. **Revista do NUFEN**, São Paulo, v. 4, n.1, p. 34-43, 2012.
- CARVALHO, Adriano César Lima de. **A construção de um discurso identitário LGBT por meio de canais de humor gay do Youtube**. 2017. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- COSTA, Greciely Cristina. Movimentos de Câmera e de Sentidos em Falcão - Meninos do Tráfico: Um Corpo Significante na Imagem. *In*: SILVA, Telma Domingues da; SOUZA, Tânia Clemente de; AUGUSTINI, Carmen. (org.). **Imagens na Comunicação e Discurso**. 1 ed. São Paulo: Annablume, 2012.
- COSTA, Greciely Cristina. Uma imagem e suas discursividades: memória, sujeito e interpretação. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 34, p. 101-113, 2014.

- COSTA, Greciely Cristina. A palavra do ano é uma imagem. **Fragmentum** (UFSM), v. 48, p. 89-103, 2016.
- COURTINE, Jean Jacques. O Chapéu de Clémentis: Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. *In*: INDURKY, Freda. (org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato, 1999.
- DAVALLON, Jean. A imagem, uma arte de memória? *In*: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.
- DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e Curso da Vida. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n.1, p. 120-128, 1997.
- DELARBRE, Raúl Trejo. Internet como expressão e extensão do espaço público. **Revista Matrizes**, São Paulo, Ano 2, n.2, p. 71-92 2009.
- DELA-SILVA, Silmara Cristina. Os "novos" espaços para os sujeitos e(m) seus processos de (contra-)identificação com o discurso midiático. *In*: GRIGOLETO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans; GOMES, Inara Ribeiro; POSTAL, Ricardo. (org.). **Identidade e espaço virtual: múltiplos olhares**. 1 ed. Recife-PE: Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIAS, Cristiane. A poética do cotidiano da rede. **Signo y Seña - Revista del Instituto de Lingüística**, Buenos Aires, v. 1, p. 57-70, 2013a.
- DIAS, Cristiane. Linguagem e tecnologia: uma relação de sentidos. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane Pereira (org.). **Análise de Discurso em perspectiva: teoria, método e análise**. 1ed. Santa Maria: UFSM, 2013b.
- DIAS, Cristiane. A imagem fotográfica digital como protagonista de uma visibilidade do sujeito. *In*: TASSO, Ismara; CAMPOS, Jefferson. **Imagem e(m) Discurso: A formação das modalidades enunciativas**. Coleção: Linguagem & Sociedade. v. 8, Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- DIAS, Cristiane. A Análise do Discurso Digital: um campo de questões. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos Do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, v. 10, p. 8-20, 2016a.
- DIAS, Cristiane. Para uma compreensão discursiva do digital: o sentido de tecnologia. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans. (org.). **A Análise do Discurso e sua história: avanços e perspectivas**. v. 01, 1 ed. Campinas: Pontes, 2016b.
- DIAS, Cristiane. **Análise de discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- ECKERT-HOFF, Beatriz Maria. Língua, memória, imigração: Errâncias e travessias em relatos de Cartas. *In*: PAYER, Maria Onice; CELADA, María Teresa (org.). **Subjetivação e processos de identificação: sujeitos e línguas em práticas discursivas – Inflexões no ensino**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e História Social: Historiografia e pesquisa. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p.73-90, 1993.

- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO – Revista Eletrônica de Estudos Do Discurso e do Corpo**, Vitória da Conquista, v. 02, p. 77-82, 2013a.
- FERREIRA, Maria Cristiane Leandro. O corpo enquanto objeto discursivo. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (org.). **Análise de Discurso em Perspectiva: teoria, método e análise**. 1 ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2013b.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Velho e velhice nas literaturas africanas de língua portuguesa. *In*: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literaturas africanas de Língua Portuguesa: Percursos da memória e outros trânsitos**. 1.ed. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 2 ed. São Paulo, Paz e Terra, 2015.
- GOMES, Veronica. As leis da intolerância. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, ano 10, n. 119, Rio de Janeiro: SABIN, Agosto de 2015.
- GREEN, James. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- GRIGOLETTO, Evandra. Entre memória e arquivo: modos de dizer e (re)significar a figura do cangaceiro na rede. *In*: GRIGOLETTO, Evandra; GOMES, Inara Ribeiro. (org.). **Memória, História, Arquivo: fronteiras e intersecções**. 1 ed. Recife: Editora da UFPE, 2015.
- GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise. Efeitos do arquivo no lado da História. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli. (org.). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. 2 ed., Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, R. L. (org.) **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro e João Editores, [1971] 2007.
- HAROCHE, Claudine. **Da palavra ao gesto**. Tradução Ana Montoia e Jacy Seixas. Campinas, SP: Papirus Editora, 1998.
- HOROCHOVSKI, Marisete Teresinha Hoffmann. **Memórias de morte e outras memórias: lembranças de velhos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2013.
- INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro. (org.). **Memória e história na/da Análise do Discurso**. 1ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: Cultura e o sujeito na história. *In*: FENELON, Déa; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun (org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'Água, 2004.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LAGAZZI, Suzy Maria. Trajetos do Sujeito na Composição Fílmica. *In*: FLORES, Giovanna G. Benedetto; GALLO, Solange Maria Leda; LAGAZZI, Suzy; NECKEL, Nádia Régia Maffi; PFEIFFER, Cláudia Castellanos; ZOPPI-FONTANA, Mónica G. (org.). **Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia**, v. 3, 1 ed. Campinas: Pontes, 2017.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed 34, 1999.

LISBOA FILHO, Flavi Ferreira; MACHADO, Alisson; DIAS, Marlon Santa Maria. Velhos amores: a representação dos homossexuais idosos em curtas contemporâneos. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 15, p. 33-51, 2013.

LUZ, Andrea Francisca da. **O instagramer e seu discurso multissemiótico na rede social instagram.2015**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco), Universidade Católica de Pernambuco, Pernambuco, 2015.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. Fundamentos teóricos da Análise do Discurso: A questão da produção de sentidos. **Cadernos de Letras**, Cadernos de Letras da UFF, NITERÓI, RIO DE JANEIRO, v. 15, p. 33-46, 1997.

MARIANI, Bethania Sampaio Corrêa. **O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)**. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: UNICAMP, 1998.

MIGUEL, Diego Felix; CRENITTE, Milton Roberto Furst. Velhices LGBT: Desafios para o envelhecimento ativo. **Livreto do 3º Seminário Velhices LGBT: Resistência, Superação e um legado de esperança**. São Paulo: FSC, 2019.

MOTA, Guilherme Peixoto. Homossexualidade e Envelhecimento: algumas reflexões no campo da experiência. **SINAIS – Revista Eletrônica – Ciências Sociais**. Vitória: CCHN, UFES, Ed. N. 06, v.1, Dezembro/2009.

NOGUEIRA, Luciana. **Discurso, Sujeito e relações de trabalho na contemporaneidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. “Segmentar ou Recortar”. In: *Linguística: Questões e Controvérsias*, Uberaba: Fiube, 1984, p. 9-26.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Discurso: uma noção fundadora. **Revista Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan/mar. 1994.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Coreografar: inscrever significativamente o corpo no espaço. In: FERREIRA, Eliana Lucia. (org.). **Interfaces da dança**. Campinas: CBDCR, 2002.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Análise de Discurso. In: ORLANDI, Eni; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy (org.). **Introdução às Ciências da Linguagem - Discurso e Textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 7 ed. Campinas: Pontes, 2007a

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Terra à vista – Discurso do Confronto: Velho e Novo Mundo**. 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008a.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Educação em direitos humanos: um discurso. In: SILVEIRA, Rosa Maria Godoy et alii. (org.). **Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária, 2008b.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. **Rua**, Campinas, v. 16, p. 1-14, 2010.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4 ed., São Paulo: Pontes Editores, 2012.

- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Uma tautologia ou um embuste semântico-discursivo? Ainda a Propaganda de Estado. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane. (org.). **Análise de Discurso em Perspectiva**: teoria, método e análise. 1ed. Santa Maria: Editora UFSM, 2013a.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2013b.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. *In*: DIAS, Cristiane. (org.). **Formas de mobilidade no espaço E-urbano**: sentido e materialidade digital. 1 ed. Campinas: Labeurb/Nudecri, 2013c, v. 2, p. 1-15.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 ed., Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Eu, Tu, Ele**: Discurso e real da história. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.
- ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. Prefácio. *In*: DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.
- PAIVA, Vitor. **Como a revolta de Stonewall, em 1969, empoderou o ativismo LGBT para sempre**. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2018/06/como-as-revoltas-de-stonewall-na-ny-de-1969-empoderou-o-ativismo-lgbt-para-sempre/>>. Acesso em: 01 jul. 2018.
- PAOLI, Maria Célia Pinheiro Machado. **Memória, história e cidadania**: o direito ao passado. *In*: Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania [S.l: s.n.], 1992.
- PARADELLA, Rodrigo. Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017. 26/04/2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 23 mar. 2020.
- PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. **Cadernos de Estudos linguísticos**, Campinas, n. 19, p. 7-24, jul./dez, 1990.
- PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de leitura**: Da história no discurso. 4 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. 7 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. *In*: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. Tradução José Horta Nunes. 4 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- PETRI, Verli. A diferença no discurso e o discurso da diferença. *In*: BRAGANÇA, Soraya; PARKER, Marcelo. (org.). **Igualdade nas diferenças**: os significados do ser diferente e suas repercussões na sociedade. 1 ed. Porto Alegre: Editora da UERGS, 2009.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- RABELO, Dóris Firmino; DAVI, Edmar Henrique Dairell. Recursos psicológicos e sociais ao longo do envelhecimento LGBT: Perspectiva life-span de desenvolvimento humano. *In*: ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de; SILVA, Henrique Salmazo da. (org.).

**Envelhecimento e velhice LGBT:** práticas e perspectivas biopsicossociais. Campinas, SP: Editora Alínea, 2020.

ROMÃO, Lucília Maria Sousa. Nós, desconhecidos, na grande rede. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão/ SC, v. 5, p. 71-91, 2004.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Que possamos ser o que somos:** Memórias sobre o Movimento Gay de Alfenas no processo de luta pelos direitos de cidadania LGBT (2000 – 2018), Alfenas, MG: Cria, 2019.

RAMOS, Penha Élide Ghotto Tuão; MARTINS, Analice de Oliveira. Reflexões sobre a rede social Instagram: do aplicativo à textualidade. **Texto Digital (UFSC)**, Florianópolis, v. 14, p. 117-133, 2018.

SALLES, Atílio Catosso. Sentidos de amor no Tinder: Um percurso de leitura da subjetividade contemporânea. *In:* MASSMANN, Débora Raquel Hettwer; ANDRADE, Guilherme Beraldo de; SOUSA, Tatiana Barbosa de. (org.). **Linguagem, Sentido e Sociedade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Envelhecimento: visão de filósofos da Antiguidade Oriental e Ocidental. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste**, Fortaleza - CE, v. 2, n. 1, p. 90-96, 2001.

SCHMITT, Michele. Memória discursiva e memória metálica: (in)completude da linguagem. **Revista Ideias – Curso de Letras**, Santa Maria, n. 17, p.17-19, 2003.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio de. **Discurso, velhice e classes sociais:** a dinâmica contraditória do dizer agitando as filiações de sentidos na processualidade histórica. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVA, Alessandro Soares da. Por um Lugar ao Sol: construindo a memória Política da homossexualidade (ou: Homossexualidade: uma história dos vencidos?!). **Revista Bagoas: Revista de Estudos Gays**, v. 6, p. 77-102, 2012.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *In:* **A Terceira Idade: Estudos sobre Envelhecimento – Revista Eletrônica – Serviço Social do Comércio (SESC)**. São Paulo: Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP), Edição n. 50, v. 22, Jul., 2011.

SIQUEIRA, Laís Amélio Ribeiro de. **A propaganda e a terceira idade**. 2001 Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras), Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2001.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de revistas semanais (1985-1990)**. Toledo: Editora Fasul, 2016.

SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; GARCIA, Dantielli Assumpção. “Ideias são à prova de bala”: A voz dos secundaristas em discurso. *In:* MASSMAN, Débora Raquel Hettwer; ANDRADE, Guilherme Beraldo de; SOUSA, Tatiana Barbosa de. (org.). **Linguagem, sentido e sociedade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

SOUZA, Tania Conceição Clemente de. A análise do não-verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Rua**, Campinas, v. 7, p. 65-94, 2001.

SOUZA, Tânia Conceição Clemente de. O papel da imagem na constituição da memória. *In:* SILVA, Telma Domingues da; SOUZA, Tânia Clemente; AGUSTINI, Carmem (org.).

**Imagens na comunicação e discurso.** São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Fapemig, 2012.

TFOUNI, Leda Verdiani. E não tem linhas tua palma: esquecer para poder lembrar. **Organon (UFRGS)**, Porto Alegre-RS, v. 17, n. 35, p. 143-160, 2003.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso:** a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TRINDADE, Ellika; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Meia-idade masculina: significados do envelhecimento. *In:* BRUNS, Maria Alves de Toledo; DEL-MASSO, Maria Cândida Soares. (org.). **Envelhecimento humano:** diferentes perspectivas. Campinas, SP: Alínea, 2007.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque. A sexualidade na velhice: representações sociais de idosos frequentadores de um grupo de convivência. **Psicologia: Ciência e Profissão (Online)**, v. 16, p. 196-209, 2016.